

Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano  
Paris 9/10/11 de dezembro de 2011

3º Encontro internacional da Escola

# A análise

fins e,  
consequências.

Cité des sciences  
et de l'Industrie  
Porte de la Villette  
Paris

Informações  
01 56 24 22 56

## Prelúdios

EPFCL-France  
118 rue d'Assas 75006 Paris  
[www.champlacanien.net](http://www.champlacanien.net)  
Formação contínua n°11754119375



III Encontro Internacional da  
Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

A análise,  
fins e consequências  
*Prelúdios*

EPFCL  
2011

# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	06
<i>Dominique Fingermann</i>	

## I. O ATO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

### A ANÁLISE

---

<b>Pelo desejo <i>de</i> saber</b>	09
<i>Albert Nguyên</i>	
<b>Tornar possível uma análise</b>	11
<i>Carme Dueñas</i>	
<b>A alteração do fim</b>	13
<i>Marie-José Latour</i>	
<b>Consequências e fins</b>	14
<i>Michel Bousseyroux</i>	
<b>Etre-disparaître au cours de l'analyse</b>	16
<i>Paola Malquori</i>	

### SEUS FINS

---

<b>A singularidade e a universalidade dos fins e das consequências</b>	19
<i>Conrado Ramos</i>	
<b>Prelúdio por um <i>a posteriori</i></b>	23
<i>Frédérique Decoin</i>	
<b>Prova(s) de fim</b>	25
<i>Irène Tu Ton</i>	
<b>Pelo uso</b>	28
<i>Jean-Michel Arzur</i>	
<b>O ato do final da análise e suas consequências</b>	32
<i>José Antônio Pereira da Silva</i>	
<b>De <i>l'étourdit-sens</i> ao inédito</b>	34
<i>Nadine Naïtali</i>	

<b>A oferta analítica e o final de análise</b>	<b>36</b>
<i>Silvia Migdalek</i>	

## **SUAS CONSEQUÊNCIAS**

---

<b>D(a) insistência à abertura da hiância</b>	<b>40</b>
<i>Ângela Diniz</i>	
<b>Qual entusiasmo?</b>	<b>43</b>
<i>Bruno Geneste</i>	
<b>Considerações sobre <i>um amor mais digno</i></b>	<b>46</b>
<i>Sandra Berta</i>	
<b>O tempo passando/passante</b>	<b>51</b>
<i>Nicolas Bendrihen</i>	
<b>Notas breves sobre a satisfação</b>	<b>53</b>
<i>Ramón Miralpeix</i>	

## **II. A ESCOLA E AS CONDIÇÕES DO ATO**

### **O PASSE, A ESCOLA**

---

<b>O passe: final de análise e dispositivo de Escola</b>	<b>57</b>
<i>Maria Helena Martinho</i>	
<b>A tarefa essencial</b>	<b>60</b>
<i>Trinidad Sanchez-Biezma de Lander</i>	

### **OS PASSADORES**

---

<b>Um empréstimo</b>	<b>63</b>
<i>Carmelo Sierra</i>	
<b>O passador visto a partir do Cartel do passe</b>	<b>65</b>
<i>Clotilde Pascual</i>	
<b>O que pode passar</b>	<b>67</b>
<i>Emilia Malkorra</i>	

<b>Posição do passador (continuação)</b>	<b>69</b>
<i>Martine Menès</i>	
<b>Designar passadores que a ele tenham retornado?</b>	<b>72</b>
<i>Ricardo Rojas</i>	
<b>A placa sensível: suporte de uma escrita</b>	<b>75</b>
<i>Rosa Roca</i>	
<b>Alguns efeitos e afetos relativos à função do passador</b>	<b>77</b>
<i>Roser Casalprim</i>	

## O CARTEL DO PASSE

---

<b>A transmissão do Cartel do Passe</b>	<b>80</b>
<i>Florencia Farías</i>	

## OS A.M.E.

---

<b>O A.M.E. des-instalado</b>	<b>83</b>
<i>Juan del Pozo</i>	
<b>O A.M.E. sintoma da “Proposição”</b>	<b>86</b>
<i>Xavier Campamà</i>	

## Apresentação

A análise, a lógica da cura, tem consequências, mas é por suas consequências que se julga o ato do qual ela depende, posto que ele é a condição do analista.

Organizamos estes *Prelúdios* ao *III Encontro Internacional da IF-EPFCL* em dois capítulos nos quais se distribuem as 29 contribuições preliminares dos colegas dos diversos dispositivos da Escola da EPFCL recebidas.

**I. O ato e suas consequências** reúne os trabalhos que exploram esses três tempos da lógica do ato – 1) a análise; 2) seus fins; 3) suas consequências, ou seja, o tratamento da angústia e da repetição que os afetos e o ato asseveram.

**II. A Escola e as condições do ato.** O segundo capítulo precisa como a Escola – ou seja, seus dispositivos de garantia – pode velar pelas condições do ato do qual depende a formação do analista. Quatro subcapítulos desenvolvem essa questão: *o passe, os passadores, o cartel do passe e os A.M.E.*

*Dominique Fingermann*

# **I. O ATO E SUAS CONSEQUÊNCIAS**

**A ANÁLISE**

# Pelo desejo *de* saber

Albert Nguyên

Obter mais do que uma “tagarelice banal”, Lacan situava assim o que está em jogo na análise, na ocasião do Congresso da EPF sobre a transmissão. Um desejo *de* saber que a análise des-vela<sup>1</sup> em seu fim e que assegura suas consequências, depois de limitada a verdade mentirosa e consumido lenha na fogueira<sup>2</sup> da verdade, constitui o que se pode depreender de inédito ao término do percurso.

Os fins, resultados ou finalidades e, a partir da abertura que inauguram, as consequências.

Hoje em dia, é a partir da concepção do Real que se consideram as consequências: em quais campos? Consequências de separação, elas ratificam a mudança, a mutação da relação com o real. Desde a Nota Italiana, sabemos que o vazio de Deus é condição desta mutação: advento da angústia, advento da não-relação sexual, advento da morte e sua travessia, advento de uma vivência até então recalcitrante, franzina, ignorada ou recusada. Se há humor, não é o do Deus das figuras decorativas, é afeto, “falafeto”<sup>3</sup> mesmo, que conduz à satis-fação. E por causa desse “bastante” que permite a saída que o analista “deve proporcionar com urgência” ao analisante, como diz o Prefácio à edição inglesa do Seminário XI.

Como alcançar essa satisfação? Ela atinge o saber ao qual se supõe uma mudança de valência. Ora, a posição analisante caminha bem mais na direção da recusa, da evitação, da rejeição, até mesmo do ódio do saber, do que na direção do desejo. Numa só palavra, é o horror de saber que governa. E este horror tem menos a ver com os acontecimentos da história subjetiva do que com o advento do que horroriza o sujeito: um saber sem sujeito, e que produz o inconsciente real.

O inconsciente real, este horror de saber não se deixa pegar no laço, o que não impede de detectar seus efeitos, e pelo horror de circunscrevê-lo. O cingimento do horror não significa sua extração: ele faz disso – sob a condição de não se perder um única letra – um achado, até mesmo um “lachado de lelangua”,<sup>4</sup> desta por meio da qual é justamente o não-sabido que ordena a moldura do saber. Doravante o não-sabido não é mais fonte de horror, mas fonte do desejo *de* saber, ponto vazio a partir do qual o sujeito se oferece ao que poderíamos chamar de “liberdade lacaniana”: liberdade de dizer e de agir, de pensar, de silenciar, de saber um pouquinho mais sobre a vida e a morte. Em outras palavras, é passar pela experiência do impossível que subsume toda questão de liberdade.

Fim e consequências são solidários da entrada e da conclusão da análise e o analisando se encontra em posição de responder em diferentes níveis:

– a demanda daqueles e daquelas que desejam se engajar no percurso.

---

<sup>1</sup> No original: *dé-livre*, decompõe-se em *dé*, elemento de afastamento ou separação, além de “dado” e “dedal”, e livre, do verbo livrer, liberar, libertar, além de “livro” e “libra”, unidade de medida (N.T.).

<sup>2</sup> No original: *bois de chauffage* (N.T.).

<sup>3</sup> No original: *Parl'affect*, condensação de *parler*, falar, e *affect*, afeto (N.T.).

<sup>4</sup> No original: *é-trouvaille* de *l'é-langue* (onde *langue*, língua, se une a *élan*, o elã; próximo a *élangues*, palavra criada por Philippe Sollers e retomada por Lacan na primeira lição de *O Seminário, livro 23*) (N.T.).

– a Escola, pelo serviço da qual ele testemunhará de sua posição no que diz respeito aos pontos cruciais no que se encontra na sua relação com a psicanálise. A Escola ainda, pois se trata de construir e dar vida a uma comunidade sempre ameaçada pelo desconhecimento do Real, pela identificação e pelos sucedâneos do objeto<sup>a</sup>

– o Real e seus acontecimentos : resposta à angústia, provocar um pouco de vergonha, não muita, colocar o ódio em seu lugar, responder ao impossível.

Eis aí o ponto crucial.

Não é propriamente o caso de responder ao impossível, mas responder a partir do impossível. Este “do” impossível quer dizer ser respondente mais do que dar respostas ao Real. É mais inventar o respondente ao Real que “o sujeito, como efeito de significação, é resposta do Real”. E, para que ele possa inventar essa resposta para si, a ênfase será posta mais no ser do que no sujeito : o efeito sujeito é castrador, o efeito de ser é satisfação, afeto de gozo. Justamente por isso o entusiasmo do desejo pode responder ao gozo da satisfação.

O leite da verdade faz adormecer, diz Lacan, levanta-se, então, a questão de saber como uma satisfação pode não gerar nem inércia nem suficiência, mas, ao contrário, como ela se articula com tudo que se revela no registro da falta na análise.

O recurso à topologia se faz necessário para situar o que acontece com o real enquanto fora do simbólico e, contudo, apreendido na estrutura : o nó borromeano, na medida em que mostra a repartição do gozo, as relações entre o simbólico, o real e o imaginário, o ponto de estofa que constitui o objeto a, escreve as mudanças do gozo no fim de uma análise, sob a condição de que se manipule esses nós (cf. O livro de Michel Bousseyroux).

Quaisquer que sejam as circunstâncias, o passe deve ser capaz de prestar contas tanto do cessar da busca de sentido quanto da nova distribuição dos gozos. O afeto de satisfação, que não se comprova mas se experimenta, verifica “o que se sabe, consigo”<sup>5</sup> de Lacan, mas de que modo o cartel pode ser capturado por isso ?

Nos testemunhos ouvimos de que maneira o sujeito se separou do Outro e o passe deve dar o devido relevo às operações de separação deste desejo. O testemunho, mais além, deve poder indicar o que não procede do Outro e que pode ser resumido por “os acontecimentos do real” que Lacan declinou sucessivamente : angústia, afetos enigmáticos, acontecimentos de corpo, manifestações do gozo Outro. É disso tudo que depende o advento de um estilo (quer dizer, o seu reconhecimento), na medida em que o estilo é marcado pelo inimitável e pelo irredutível : de onde decorre o lugar que tem que ser deixado para os efeitos de lalíngua.

As consequências serão inscritas no “estilo de vida” e na opção de Escola para um psicanalista, mas « não sem » o encarregar-se da tarefa temível « de ampliar os recursos do saber », quando sabemos que não negligenciam o inconsciente real.

Tradução de Vera Pollo

---

<sup>5</sup> Cf. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11 in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.567.

# Tornar possível uma análise

Carme Dueñas

Para que uma análise seja possível é preciso que um analisante se encontre com um analista. Esta afirmação que parece evidente, no entanto, não o é. Receber alguém, escuta-lo e inclusive interpretar o que ele lhe diz não converte quem escuta em analista, existem várias formas de interpretar e nem todas apontam para a mesma coisa.

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, Lacan retoma a analogia freudiana do início e do final de uma análise comparando-a com um jogo de xadrez, já que em ambos “somente as aberturas e os finais permitem uma exposição sistemática e exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição desse tipo.” (Freud, *Sobre o início do tratamento*). Para que seja possível o início de uma análise Lacan deu indicações precisas em seu Escrito *A direção da cura*.

Nesse texto lemos que no início da análise está a transferência, que é o motor mas também o principal “obstáculo” para a cura. A sustentação da transferência necessária para o início de uma análise é o Sujeito Suposto Saber, mas “...o que qualifica o psicanalista para responder a essa situação?” A resposta pode ser encontrada no desejo, no desejo do analista. Um desejo “inédito” que surge na raiz de uma análise. Nesse Escrito, Lacan situa o desejo do analista como o que surge a partir do descobrimento de que não se é o falo e de assumir a castração. É a partir disso que o analista pode situar-se em posição correta para conduzir suas análises.

O analista opera com sua falta a ser, não há um “ser do analista”, o analista opera por seu desejo, o desejo do analista. É pela aparição desse desejo inédito que vai poder ocupar o lugar de Sujeito Suposto Saber e sustentar o desejo do analisante, escutando as demandas que este lhe dirige e não respondendo mais que com sua presença, seu silêncio e sua interpretação para que o analisante, em sua cura, possa captar algo do desejo que o habita e confrontar-se com a castração, ou seja confrontar-se com a verdade de que não há um Outro completo.

Assim é que não satisfazer a demanda permite fazer surgir o desejo. Pelo contrário, satisfazer a demanda é operar com a sugestão. Na análise, “quer se pretenda frustrante ou gratificante”, toda satisfação da demanda é reduzir a transferência à sugestão.

A transferência é pois o que possibilita o início de uma análise, mas não é suficiente. O sujeito que vem à sessão nos traz seu sofrimento e sua queixa, e é preciso que dê um passo mais, é preciso o que Lacan denomina “retificação subjetiva”, ou seja, que se veja implicado naquilo do que se queixa, que assuma a parte que lhe corresponda “na desordem que denuncia”.

Leva-lo até esse ponto é tarefa do analista, que se abstendo de responder à demanda e mediante uma interpretação que não aponte para o sentido, fará possível a passagem da queixa para o sintoma analítico.

Freud já havia advertido que aquele que se vê tentado a empreender um tratamento baseado na relação afetiva e nos bons propósitos de curar ou reeducar, abando o terreno da psicanálise.

Lacan no dá uma indicação precisa: diz que todas as demandas que se articulam em uma análise, e mais que nenhuma outra a de converter-se em analista, não são senão transferências destinadas a manter em seu lugar um desejo instável ou duvidoso em sua

problemática. Por isso é preciso que a frustração da demanda prevaleça sobre a gratificação, para que o sujeito possa receber de suas demandas o que se vislumbra de seu próprio desejo.

O neurótico confunde a demanda com o desejo porque não quer saber nada da falta que o causa, por isso busca objetos que imagina que a preencheriam.

Operar na análise a partir das demandas é operar no registro imaginário, ou seja, no registro da adaptação à realidade, da compreensão e do sentido comum. Um “desvio” dirá Lacan que tem como efeito a resistência do paciente e o acting-out, que surge como resposta a uma “análise normalizante”, aquela que procede mediante o chamado ao eu do sujeito, pelas bordas, “pela superfície” e pela referência à realidade.

Outro desvio do qual Freud já nos havia advertido é o do “furor sanandis” e Lacan lhe acrescenta “o princípio maligno desse poder sempre aberto a uma direção cega”, o poder de fazer bem.

O poder da palavra é o único que deve operar em uma análise. Operar na análise a partir da ideia de fazer o bem é situar-se em uma posição supereuística e tentar guiar o sujeito a esse pretense estado de maturidade na relação com o objeto: o “genital love”.

É que reforçar o eu do paciente leva sempre à identificação com o Eu do analista; a um final de análise pela identificação com o analista. Um final de análise que não produz um analista, talvez um terapeuta, mas não um analista.

Uma análise pode ter diferentes finais, mas nem todos conduzem à passagem de analisante para analista.

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967* lemos “O término da psicanálise superfluamente chamada de didática é, com efeito, a passagem do psicanalisante a psicanalista.”. Passagem que tem outra porta “cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles, porque essa divisão não é outra senão a do sujeito, da qual esse resto é a causa.”.

Passagem de psicanalisante a psicanalista. Uma passagem que é possível com a condição que haja um analista que possa conduzir seus analisantes a conseguir que “o real do sintoma estoure”, operando com uma interpretação que não alimente o sentido do sintoma, já que o sintoma não tem outro sentido do que o real. Uma interpretação que reduza o decifrado à cifra, apontando para o significante em língua, que Lacan designa como a letra. Abolir o sentido contribui para reduzir tudo o que concerne ao gozo e especialmente ao gozo fálico. (A Terceira, 1975).

Captar que o gozo fálico está fora do corpo e que o gozo do Outro está fora da linguagem, fora do simbólico, permite captar “o mais vivo ou o mais morto que há na linguagem, a letra. E somente a partir daí teremos acesso ao real.

Um acesso ao inconsciente real que, no entanto, é efêmero. No *Prefácio à Edição Inglesa do Seminário XI* (1976) lemos que só podemos estar seguros de estar no inconsciente quando um lapso já não tem mais nenhum alcance de sentido, é algo “que se sabe”, mas quando se presta atenção para que se saia daí.

Ao final de uma análise não se trata de alcançar um saber, um saber impossível para o sujeito, senão de alcançar essa experiência com matizes de certeza. “Sabe-se”, sem que ninguém tenha que ratificá-lo, nem sequer o analista. Um final de análise que leve o analisante a discernir a castração a nível real, a cessar com a queixa. Um final de análise que permite “uma assunção da castração”, que Colette Soler reforça, “não é senão dar-se conta de que a castração é inevitável”.

Um final de análise que produz um analista que “havendo reintegrado seu desejo em um *a* irreduzível, tenha discernido a causa assegurando-se assim da “fixação de seu

desejo” (Colette Soler, *O sintoma e o analista*), para desta maneira poder “oferece-lo como causa de desejo a seu analisante” (Lacan, *A Terceira*)

Tradução de Luís Guilherme Coelho

# ***A alteração do fim***

*Marie-José Latour*

Ao contrário das séries televisivas que prometem “sequência e fim” [*suite et fin*], nossa Escola anuncia “A análise, os fins e as sequências”. Alguns encontrarão elementos para ler nesse título a confirmação de que uma psicanálise é realmente muito longa, e até mesmo tão longa que não termina! Ledos sonhadores que não querem saber até onde vão empregar a esperança insensata de uma eternidade! A impertinência da inversão dos termos é congruente à reviravolta da cronologia produzida por uma psicanálise e nosso título coloca o problema em termos lógicos: como concluir aquilo que não admite o fim?

Com efeito, a transferência, que só pede para durar, o inconsciente inesgotável e a vida que continua excluem a possibilidade de colocar o fim de uma psicanálise em termos de advento da última palavra ou do último passo. Então, a questão não seria tanto como terminar quanto prosseguir até o fim?

No fim de seu filme *In girum imus nocte et consumimur igni*, Guy Debord havia feito aparecer ao invés da tradicional palavra “fim”, a frase “retomar desde o começo”. Mas uma psicanálise não é um palíndromo e se o fim não é sem consequência é precisamente porque se espera de um psicanalista que se passe algo ali. Que algo se passe ali e que não seja somente da ordem da peripécia, mas que vise o ponto em que a narração se separa da *hystoria*. O dispositivo inventado por Lacan, o passe, é propício a recolher essa mudança de plano. Assim, na falta daquilo que a malícia da língua nomeia como um belo fim ou um não fim, teria uma psicanálise um pós-fim?

No campo literário, o epílogo é a última parte de um texto que vem dizer, depois do fim, o que aconteceu. Mas anteriormente, era o nome dado ao pequeno discurso em verso recitado por um ator no final de uma representação para pedir aos espectadores sua aprovação. O epílogo indica, portanto, que há material de sobra para dizer ainda, “um dizer mais além”. A partir daí, não se trata tanto de elucidar quanto de fazer reverberar, não tanto de produzir um segundo fim quanto de reiniciar.

Se a peroração de uma psicanálise não fecha nenhum caminho, ela vale por aquilo que ela indexa do aberto. Alterar os fins pelas consequências pode contrariar a tentação da convivência que reduz as falhas, encerra o pensamento, estreita a elaboração, ameaça a alteridade. *A alteração do fim* tem a chance de produzir essa linha de instabilidade na qual se mantém aquele que aprendeu de sua experiência psicanalítica aquilo que sua singularidade deve ao comum.

Tradução de Cícero Oliveira  
Revisão de Dominique Fingermann

## Consequências e fins

*Michel Bousseyroux*

Consequências e fins no plural: é esse o caso no que concerne à análise do Homem dos Lobos, na qual se podem avaliar as recaídas tardias desde a publicação em 1971 – ele tinha mais de oitenta anos – de suas lembranças recolhidas entre 1958 e 1970 por Muriel Gardiner, assim como de suas entrevistas entre 1974 e 1976 com Karin Obholzer. Conhecemos as consequências de sua análise com Freud, como e porque Freud apressou o seu fim e como e porque este preferiu, na sequência, encaminhá-lo para um segundo divã, o de Ruth Mack Brunswick.

O fim da análise com Freud era um começo, o começo do pior: ele coincide com o assassinato de François-Ferdinand em 28 de junho de 1914, de onde se sucede a guerra e depois a revolução bolchevique que faria a Rússia de Odessa perder sua pátria e toda sua fortuna, reavivando nele a hiância imaginária do falo. Lendo o relatório que Freud fez desta análise em outubro de 1914, avaliamos a que ponto nesta análise foi preciso que o desejo do analista passe à força (força a barra). Que a análise com Freud tenha terminado deve-se à Freud, ao seu desejo de analista, que terá feito passar a hystoria da neurose infantil de Sergéi Petrov ao real.

Sabemos que Freud prezava muito, porque isso era sua prova contra a teoria de Jung, a veracidade cronológica de sua reconstituição da cena primária a partir do sonho dos lobos brancos empoleirados sobre uma nogueira, o qual permite ler, disse Lacan, “a estrutura da fantasia em estado puro”, com sua janela escancarada que faz para o sujeito entrada no real – a qual ainda precisa ser forçada, seu tampão de angústia devendo ser furado.

Mas não é pelo fato de que o pequeno Sergéi tenha sido realmente testemunha, aos um ano e meio, numa tarde quente de verão, às cinco horas, de uma sesta, crapulosa ou não, entre seus pais, que prova o real. O passe ao real do qual Freud se fez o passador pôde se fazer graças ao último sonho desta análise, aquele em que S.P. sonha que um homem arranca as asas de uma *Espe* e no qual, no enunciado do sonho, o esp de um laps, se elide o W de *Wespe* que repentinamente permite ouvir à S.P. que ele pronuncia suas próprias iniciais. Esta letra W é certamente o W de *Wolf* (lobo) e ela redobra o V romano da quinta hora da fantasia. Ela cifra, em particular na fobia das borboletas com as asas em forma de pêra, o gozo sexual como gozo de abertura e de rasgão. Mas não é por aí, não é pelo sentido, que tem os números até o seis no máximo, como sustenta Lacan (*Outros Escritos*, p. 551), que este número V é, como o W que o eleva à cifra, do real.

Uma coisa é a função do gozo sexual que denuncia o sentido do número que apareceu com o desenho do sonho da árvore coberta de cinco lobos. Outra coisa bem diferente é a função do real que toma, como signo do gozo opaco do Homem dos lobos em sua relação com sua mãe, a materialidade gráfica da letra W como portadora de um saber gozado fora do sentido. Certamente, podemos sempre decifrar o sentido gozado do desejo no sonho do *Espe* como um “Eu me arranco à Groucha e à sua ameaça de castração” (o que faz Freud) ou ainda como um “Arranque-me, S.P., ao domínio de minha mãe!” (o que faz Leclaire). Mas, além disso, o que emerge do meio-dito desse sonho, é o inconsciente real, saber sem sujeito, *mas não sem signatário/signo-a-calar* [*signe-à-taire*], do qual S.P., o esp de um laps, assina *sonoramente* (“*Espe*”) o poema!

Qual terá sido o efeito desta assinatura de fim (provisório) de análise com Freud? Seu efeito principal terá sido, provavelmente, de enodamento ao quinto círculo da angústia, esta tomando, então, sua função nodal, como nomeadora do real.

Dez anos mais tarde, esse real retorna sobre o corpo do Homem dos lobos, sobre a ponta de seu nariz e através do espelho, lugar tópico da foíce do tempo. A regressão tópica ao espelho mortífero foi desencadeada pelo fato de que em junho de 1926 Freud pediu ao homem dos lobos para confirmar-lhe por escrito a exatidão da narrativa do sonho dos lobos. Este lhe respondeu que confirmava e ainda acrescentou, para apoiar, duas recordações de infância nas quais se trata de castração. Muito rápido eclode, então, um delírio de perseguição, centrado num professor de dermatologia que lhe anunciou que sua cicatriz branca sobre o nariz é impossível de apagar. Bastarão cinco meses de análise com Mack Brunswick (em análise e em supervisão com Freud), que soube dar prova, disse Lacan, disso que os chineses chamam a doçura maleável da mulher, bem vinda no manejo da transferência psicótica, para que se curasse desse delírio que tinha tomado a forma de um discreto empuxo à mulher (ele utilizava compulsivamente o espelho de bolso e o porta-pó de sua mulher).

O notável desta segundo período de análise é que a analista aí conseguiu não somente desmembrar a identificação do homem dos lobos ao filho preferido de Freud, mas também e, sobretudo, quebrar o ícone que alienava o analisante numa fantasia masoquista de Pietà. Lacan vê certo quando examina o caso do Homem dos lobos em seu seminário de 1952-53: Ruth Mack Brunswick foi bem sucedida ali onde a irmã, ao mesmo tempo próxima demais dele e próxima demais do pai, falhara. Ruth Mack Brunswick dirá em 1945 que esta análise trouxera um material novo e lembranças até então esquecidas no que diz respeito à sua irmã mais velha, Anna. Um sonho de fim deste período de análise, em que a analista é figurada em página de teatro que o sujeito beija sobre seus joelhos, faz passar ao inconsciente este gozo de transferência à analista no lugar de Anna, passagem ao inconsciente a partir da qual o Homem dos lobos reencontra uma posição ativa viril que, tirando-o do gozo passivo paranóico, traduz uma satisfação de fim.

Este gozo em espelho tinha sua marca literal numa brincadeira de crianças que o Homem dos lobos relata à jornalista Karin Obholzer. Anna, que tinha sempre medo de ter o nariz vermelho, brincava de pedir sem parar a seu irmão mais novo: *Esanetor*? Era um palíndromo de *rote Naze*, nariz vermelho em alemão. Ora, o final *tor* dessa senha [palavra de passe] é, destacam Nicolas Abraham e Maria Torok, um significante da alíngua materna russa que é o passado de um verbo que, em russo, é homófono de “maninha” [*soeurette*] e que significa esfregar, machucar, polir.

É precisamente nesta cena em espelho dos jogos proibidos da infância que já se jogava, por volta dos três anos de idade, na comutação entre o T e o R de seu *rot* do alemão ao seu *tor* do russo, a passagem precoce à alíngua – à *lannalíngua* [*lannalangué*] – do pequeno Sergéi.

## ***Etre-disparaître au cours de l'analyse***

Paola Malquori

Dans la conférence de 1972 à Milan, *Du discours psychanalytique*, à propos du jeu des signifiants Lacan dit "le mot d'être n'a aucun sens au dehors du langage."<sup>6</sup> En disant que l'être est un être de langage, et que l'être est un être parlant, Lacan distingue la philosophie de la psychanalyse et introduit la question du discours psychanalytique dans le nœud entre théorie et pratique.

Dans la *Note italienne*, de 1974, Lacan pose la question de l' "il y a de l'analyste", sur le plan de l'éthique et sur celui de la pratique, en rapport avec l'acte de s'autoriser soi-même<sup>7</sup>.

Une première distinction est que tout être à parler ne saurait pas s'autoriser à faire un analyste, et le fait qu'il y en ait qui fonctionnent n'est pas une garantie suffisante, ça distingue l'être de l'*il y a* de l'être *en fonction*.

La distinction entre l'être de l'analyste, *il y a*, et l'être en fonction lie l'éthique de la psychanalyse et sa pratique et se réfère au jeu des signifiants qui marque l'être de celui qui parle.

Dans l'analyse celui qui parle est l'analysant, qui par le transfert, moteur du traitement, suppose un savoir à celui qui est dans la position de l'analyste. Alors nous pouvons dire que le transfert et la supposition de savoir sont causés par la position de l'analyste, comme dit Lacan quand il écrit que l'analyste est responsable de l'inconscient.<sup>8</sup>

L'être de l'analyste est dans l'*il y a*, l'analysant est entre l'*être* et le *disparaître* dans le glissement du jeu des signifiants sur la mise en scène du fantasme, propre à chacun, qui implique le déroulement de l'analyse.

Quand à la fin d'une analyse, le sujet quitte le va-et-vient entre l'*être* et le *disparaître*, oscillation de jouissance, où est-il? Interrompu le va-et-vient de la jouissance, que reste-t-il d'une analyse finie?

Pouvons-nous comparer l'analyse à un ravage? Ravage mot que renvoie à la ruine comme destruction, mais aussi à la ruine comme découverte archéologique, où la métaphore de l'archéologie représente très bien, selon Freud, le parcours du désir pour le sujet et pour le rêveur.

Du fantasme qu'on traverse en analyse persistent des restes, vestiges des objets *a*, objets à perdre au cours du travail analytique, semblants de l'objet perdu.

Le mot *subsistance* que Lacan utilise dans l'*Etourdit* à propos de ce que la fille attend de la mère, vient du latin *subsister* traduit par exister encore, rester, consister, ou aussi vivre, sustenter, se nourrir.

La subsistance renvoie à les conditions de l'existence, on parle de l'existence aussi pour le champ de la logique modale, à propos des conditions de consistance et de validité de l'énoncé.

---

<sup>6</sup> Jacques Lacan. *Lacan en Italie*, 1953-1978, La Salamandra, Mi, 1978, p. 36.

<sup>7</sup> "Pas-tout être à parler ne saurait s'autoriser à faire un analyste. A preuve que l'analyse y est nécessaire, encore n'est pas suffisante. Seul l'analyste, soit pas 'importe qui, ne s'autorise que de lui-même. Il y en a, maintenant c'est fait: mais ce de ce qu'ils fonctionnent. Cette fonction ne rend que probable l'existence de l'analyste. probabilité suffisante pour garantir qu'il y en ait: que les chances soient grandes pour chacun, les laisse pour tous insuffisantes." Ibidem, p. 156.

<sup>8</sup> Jacques Lacan, *Position de l'inconscient*, *Écrits 2*, Éd du Seuil 1999, p. 314.

Par la subsistance nous pouvons relire les formules de la sexuation, il *cesse de ne pas s'écrire* de la contingence et le *ne cesse pas d's'écrire* du nécessaire, comme une reformulation des conditions de possibilité d'existence de l'être.

En ce sens comparer l'analyse à un ravage renvoie à la considération que le ravage entre mère et fille est l'épreuve d'une impossible transmission du sexe, épreuve qui peut prendre la forme d'une image persécutrice, ravageante, image qui à la fin du traversement ravageant peut tomber pour laisser une place vide où pouvoir demeurer, où pouvoir habiter le corps parl- être.

Dans ces termes nous pouvons relire la phrase de Lacan de l'*Etourdit*:

“Est-ce l'absence de ce rapport qui les exile en stabitat? Est-ce d'habiter que ce rapport ne peut être qu'inter-dit?”<sup>9</sup>

La subsistance résonne avec la substance, mot que Lacan utilise à propos de ce que la fille attend du rapport à sa mère, rapport de ravage<sup>10</sup>, dans la version de l'*Etourdit* en *Autres Ecrits*.

Que est ce qu'une fille s'attend comme femme de la mère sur l'impossible transmission du sexe, qu'est ce qu'un analysant s'attend de l'analyse? On peut penser la fin de l'analyse comme un passage de la subsistance à la consistance, à l'ex-sistence?

Les conditions d'existence, les conditions de possibilité, sont en corrélation par l'écriture du nécessaire et du contingent, dans l'épreuve de l'impossible écriture du rapport sexuel que chaque rencontre révèle comme la trace de l'exil *ab-sens* de l'être-parlant:

“Le déplacement de la négation, du *cesse de ne pas s'écrire* au *ne cesse pas de s'écrire*, de la contingence à la nécessité, c'est là le point de suspension à quoi s'attache tout amour. Tout amour, de ne subsister que du *cesse de ne pas s'écrire*, tend à faire passer la négation au *ne cesse pas de s'écrire*, ne cesse pas, ne cessera pas.”<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Jacques Lacan, *L'Etourdit*, en *Autres écrits*, Éd du Seuil 2001, p.455.

<sup>10</sup> Dans la version de *L'Etourdit* publié dans *Scilicet* à la place de *substance* on lit le mot *subsistance*, traduit en italien peut-être d'une manière inadéquate comme *sostentamento*.

<sup>11</sup> Jacques Lacan, *Le Séminaire, LivreXX, Encore*, Éd du Seuil, 1975, p 184.



# SEUS FINS

## A singularidade e a universalidade dos fins e das consequências: o desafio dos A.E.s

Conrado Ramos

Das voltas aturdidas que um passante pode dar, podemos ler e ouvir testemunhos de AEs que vão em dois sentidos: aqueles que, de um modo necessariamente singular, mas sempre contingente, transmitem uma volta não contada; e aqueles que, no meu entender, por uma razão estrutural, *universalizam* a volta a mais, tentando fazê-la *contável* por meio de medidas como *o encontro da letra do próprio sintoma* ou de ideias como *o acesso ao real*, medidas e ideias que não deveriam servir para isso.

Permitam-me uma pequena digressão sobre a função do enigma em Lacan. Entendo que o enigma, como estrutura da interpretação – um saber como verdade –, tem como função um semi-dizer, e é um semi-dizer justamente porque um dito suprimiria o suspense da verdade que o enigma sustenta. No semi-dizer a verdade está suspensa. O dito, como sentido último, elimina a suspensão da verdade, que não é outra senão a da castração, ou noutros termos, a de que não há relação sexual. De um dito, proposição que ele é, pode ser dito V ou F. Mas e de um enigma? É por isso que uma interpretação que funciona como sentido suprime o suspense da verdade, isto é, responde mais pela via do não-saber da castração do que pela via da transmissão da castração. A interpretação do analista, enquanto enigma, repõe o suspense da verdade porque aponta para o furo do sentido, para a enunciação, e não para o sentido, para o enunciado.

A resposta a um enigma não pode se dar pela via do enunciado, pois não é uma resposta lógica, do tipo V ou F, mas sim uma resposta ética. Não é uma resposta que se *encontra*, que se *acessa*, mas uma resposta que se *faz*, que se caracteriza por seu valor de *ato* diante do indecível do sentido. Como diz Lacan sobre Édipo no *Seminário 17*: “no final, ocorre-lhe o seguinte, não é que a venda lhe caia dos olhos, são os olhos que lhe caem.”<sup>12</sup> A resposta a um enigma, assim, pode ser pensada tanto na dimensão do *sicut palea* (“são os olhos que lhe caem”) quanto pelo suposto encontro da *resposta certa* (“que a venda lhe caia dos olhos”). Mas o problema é que a suposição da resposta certa é da mesma ordem da dúvida atribuída por Pascal àquele que não aposta em Deus porque não tem fé, sem se dar conta de que é a aposta mesma que funda a fé, o que dá à aposta sua dimensão de ato. Daí cabe-nos perguntar: a resposta pelo encontro da resposta certa é mesmo uma resposta? Digo que não, para o que entendo como psicanálise. Lembremos o que Lacan diz no *Seminário 23*: “Só é verdadeiro o que tem sentido. Qual é a relação do real com o verdadeiro? O verdadeiro sobre o real, se assim posso me exprimir, é que o real [...] não tem sentido algum.”<sup>13</sup> Assim, penso que não se pode resolver o suspense de um saber no lugar da verdade sem apelar para o sentido. No entanto, “não há verdade que, ao passar pela atenção, não minta.”<sup>14</sup> Deste modo, como é que se pode encontrar a letra do sintoma? Soler escreve sobre a letra do sintoma: “ela está implicada pelos efeitos incalculáveis de lalíngua de onde resulta que tudo aquilo

<sup>12</sup> Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 17 – O Avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992., p.114.

<sup>13</sup> Jacques Lacan. *O Seminário – Livro 23 – O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2007, p.112.

<sup>14</sup> Jacques Lacan. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.567.

que se diga dessa letra é ‘elucubração’.”<sup>15</sup>

Diante dessa digressão, o enigma é um enunciado guardado no real? É a letra que estava lá à espera e que, enfim, foi encontrada por uma análise que acessou o real? Trata-se de trazer o inconsciente à consciência? A análise é *Aufklärung*, é um dispositivo de esclarecimento? É claro que não é por aí que nos orientamos.

Na aula de 15 de março de 1977 do *Seminário 24*, Lacan diz que o sintoma é real e que é mesmo a única coisa verdadeiramente real. Mas que isso quer dizer que o sintoma tem um sentido, que conserva um sentido no real. É por essa razão que uma análise pode, se tem esta chance, intervir simbolicamente para dissolvê-lo no real. Isso nos permite questionar se a letra não responde pelo que se pode dissolver do sentido no real, pelo que há de simbólico no real: *uma letra no real do sintoma*; *uma letra*, acontecimento de corpo (contingência, portanto), à qual se pode amarrar o afeto, que é enigmaticamente real.

Logicamente, *uma letra no sintoma* (ou *para o sintoma*) implica a contingência: uma letra é possível; já *a letra do sintoma* nos remete ao necessário: é aquela e não outra. Ontologicamente, *uma letra no sintoma* (ou *para o sintoma*) abre a dimensão do artifício, da mentira que é preciso dizer para fazer passar uma verdade; já *a letra do sintoma* se fecha num pressuposto naturalizante, substância prévia reificada, como uma pedra no rim que se precisa expelir. Semioticamente, talvez, convenha pensar a letra como *Bedeutung* (referência) do sintoma e não como *Sinn* (sentido) do sintoma. Topologicamente, a letra verifica o furo do saber fazendo a borda pela qual o sintoma pode fazer eco no corpo, o que é diferente de tomar a letra como equivalente do sintoma. A letra não é o sintoma, mas pode servir de *ponto fixo* para o gozo do sintoma.

Das consequências do que exponho acima, coloco a importância clínica da concepção topológica do falasser como forma de evitar a pregnância de uma estrutura consistente na abordagem do furo do saber pela via da linguística, isto é, da oposição entre significação e carência de sentido. A topologia, assim como a matemática, permite-nos pensar numa estrutura da inconsistência (que a partir de Newton da Costa podemos chamar de paraconsistência), isto é, numa estrutura real. A linguagem não nos permite o mesmo, aprisionada que está à estrutura do simbólico. Diferentes concepções de estrutura produzem diferentes consequências clínicas, como exemplifica a diferença entre a ideia de *acessar o real para encontrar lá a letra do sintoma* (como uma estrutura consistente de elementos previamente dados) e *intervir no real simbolicamente para dissolver um sentido no sintoma* (como uma estrutura inconsistente e aberta para a contingência).

Podemos talvez entender que o insuportável do não acesso do Um produzido em análise à verdade, ao saber como verdade do enigma ( $S2 // \leftarrow S1$ ), faça girar o discurso do psicanalista, isto é, leve à colocação do próprio Um como verdade capaz de sustentar um saber:  $S2/S1$ . É o risco de dar ao Um uma universalidade e fazer do discurso universitário o sentido que falta ao discurso analítico.

Não estaria aí o liame estrutural das dificuldades que encontram os passantes e os AEs na passagem da experiência do real à sua transmissão possível? Enquanto alguns não conseguem ecoar a transmissão do real, outros parecem cair na transmissão universitária que sistematiza todo o inconsciente (S2) e erguem um mundo sobre a falsa consistência da “letra do meu sintoma” (S1) tomada como ponto arquimediano. A ousadia de transmitir a experiência do real, ao requerer um sentido, descamba para a

---

<sup>15</sup> *Wunsch 8 – Boletim internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano*. IF-EPFCL, outubro/2007, p.19.

universalidade. Dessa ousadia, a implicação necessária é a de que só se pode sedimentar, com muito trabalho, algumas poucas pedrinhas, sobre as quais não se pode apoiar nenhuma alavanca.

Mas, onde localizar, então, topologicamente, um ponto fixo?

Em *Televisão*, Lacan nos lembra que os significantes de lalíngua são pura cifra (*sifr*, do árabe, que é *zero*) o que quer dizer que eles não têm sentido algum, mas também que todo sentido possível é por eles produzido. Que uma letra de sintoma possa *fazer sentido* é justamente porque, se o sintoma é a resposta do falasser à foraclusão radical da relação sexual, ela – a letra – não tem sentido algum. Ela é uma formação do inconsciente, uma produção especial da análise com a qual se verifica o vazio de sentido, o furo de saber. Ela não é o sentido oculto que lá estava à espera do fim de análise. Ela não é o real.

Se tomarmos o *Poordjeli* de Leclair como exemplo, que o coloquemos no que chamamos de inconsciente simbólico, é evidente que ele vai se revelar como a condensação máxima de todos os sentidos de uma vida, afinal, ele é o verdadeiro e o verdadeiro está do lado do sentido. Mas a verdade é mentirosa e um *Poordjeli*, portanto – e ao invés dele poderia ser todo um sistema de pensamento –, não passa de elucubração da lalíngua. Que o *delírio generalizado* que cada um constrói para si como suplência à foraclusão da relação sexual venha a caber numa palavra, esta não se torna, por isso, menos delirante. No entanto, se colocarmos o *Poordjeli* no que chamamos de inconsciente real, só aí vamos nos deparar com o que diz Lacan quanto ao verdadeiro sobre o real: *o verdadeiro sobre o real é que o real não tem sentido algum*. Deste modo, tomar um *Poordjeli* como condensação de sentido seria revirar o toro do simbólico sobre os outros dois, envelopando o imaginário e o real. Sobre isso diz Lacan na aula de 14 de dezembro de 1976 do *Seminário 24*: “O fato de que o imaginário e o real estejam, em suma, inteiramente incluídos em alguma coisa que é resultante da prática da própria psicanálise é alguma coisa que, que faz questão. Há, aliás, aí um problema. [...] É bem porque Freud, Freud insistia para que, ao menos os psicanalistas, refizessem aquilo que é chamado correntemente dois cortes, quer dizer, fizessem uma segunda vez o corte que eu designo aqui como sendo o que, o que restaura o nó borromeano na sua forma original.”

É só ao tomar o *Poordjeli* pela via do real que podemos entender o real como um furo que cospe Uns, isto é, nomes, ou seja, puros denotativos, mas não conotativos.

Se o *Poordejeli*, aqui tomado como exemplo, é reversível, isto é, tem função seja do lado do simbólico, seja do lado do sintoma, não é porque ele seja o sintoma. Ele tem a função de falo real, isto é, aponta para um enigmático sentido no real que, com alguma chance, uma análise pode enodar por meio da intervenção simbólica e, com isso, dissolver um sintoma.

Toda decifração deve se resumir, portanto, à cifra. Como diz Lacan em *A Terceira*, este é o único exorcismo do qual é capaz a psicanálise. Que o sintoma seja o que não cessa de se escrever do real, é possível, entretanto, domá-lo até o ponto em que a linguagem possa fazer dele equívoco. Isto permite ganhar terreno sobre o sintoma, mesmo que ele não venha a se reduzir ao gozo fálico.

Do lado do simbólico, *Poordjeli* pode ser a transfusão de gozo do real no simbólico (o que caracteriza a função do falo) – lembremos que o real no simbólico é a angústia.<sup>16</sup> Mas aí ele se aproxima do que chamamos *nomes-do-pai* e, como diz Luis

---

<sup>16</sup> Jacques Lacan (1976-77). *Seminário 24* – “*L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre*”, Aula de 15/03/1977.

Izcovich, a angústia é dispor do nome-do-pai sem servir-se dele. Do lado do simbólico um *Poordjeli* serve, portanto, para nomear o desejo do Outro e esvaziar o real no simbólico. Daí o risco de uma preferência dada ao verdadeiro, ao que Lacan nos adverte que a psicanálise “é a forma moderna da fé, da fé religiosa. À deriva, eis onde está o verdadeiro quando se trata do real.”<sup>17</sup> Por isso, é preciso ir além do pai, isto é, levar à produção de um *Poordjeli* do lado do sintoma, que é a única coisa verdadeiramente real.

Se um *Poordjeli* pode ser o falo real, é a ele que cumpre a função de verificar o furo, isto é, enodar duas consistências que, sem que ele se produza, seguem soltas: o simbólico e o sintoma.

Daí a confusão clínica que costuma gerar sua reversibilidade. Mas, vale notar, é somente por um *Poordjeli* poder ser, nesse nó que assim se constitui, uma reta infinita, que o furo pode se verificar: o furo não é ontologicamente anterior ao cuspe; é a cusparada do furo que gera o próprio *elemento* que faz o furo, pelo qual o furo se verifica. Um *Poordjeli* pode ser, portanto, o suporte material do furo, pois o furo é o que uma reta infinita faz no espaço.

E o que o furo cospe? Retas infinitas, nomes, *Poordjelis*. E o que fazer com esses elementos? Um ponto de apoio arquimediano ou uma reta infinita? Que haja em ambas as possibilidades o suporte de uma fixidez, enquanto uma serve para alavancar o mundo, a outra amarra uma borda; se uma envelopa, a outra enoda. O certo é que podemos extrair dos testemunhos de AEs um ensino sobre a reversibilidade tórica dos *Poordjelis* e de seus respectivos efeitos de identificação.

---

<sup>17</sup> Jacques Lacan (1976-77). *Seminário 24 – “L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre”*, Aula de 14/12/1976.

## Prelúdio por um *a posteriori*<sup>18</sup>

Frédérique Decoin

A qualificação do psicanalista e a garantia de sua formação foram vetores, como evoca Danièle Sylvestre (*Mensuel* n°61, p.74), junto com a experiência da análise, do percurso de Lacan. Estas questões foram o fundamento da nossa Escola e elas não deixam de ser postas, em particular, no trabalho de implementação do dispositivo do passe que tenta recolher o testemunho de um passante, através dos passadores e um cartel, o traço de um ato que teria feito passar, esse passante, de analisante a analista. É unicamente, ou em todo caso mais rigorosamente, a partir deste ato e do testemunho que é a consequência, que pode funcionar uma garantia que não seja motivada pela *pregnância narcísica e pela astúcia competitiva*.

O ato a partir do qual pode operar essa garantia é correlacionado por Lacan ao início e ao fim da análise:

“Nossos pontos de junção, onde tem que operar nossos órgãos de garantia, são conhecidos: são o começo e o fim da psicanálise, como no xadrez. Por sorte, são eles os mais exemplares por sua estrutura...” (Lacan, *Proposição de 9 de outubro de 1967*, p.252, *Outros escritos*)

No início da análise é preciso um ato do analista para fazer passar o paciente, que então se torna analisante, ao discurso da histórica, e ao fim é preciso um ato do analisante para passar a analista. Mas qual fim se encontra colapsado a esse ato? Mais exatamente, o que é que se encontra concluído na precipitação do ato?

É certo que este ato marca o fim de algo, ele marca o fim da análise por isso? É ao "tempo lógico" (*Le temps logique et l’assertion de certitude anticipée*, in *Ecrits*) e à noção de "*a posteriori*", que Lacan faz referência ao tentar circunscrever o tempo do ato.

“A psicanálise em intensão, ou seja, a didática... Esquece-se, com efeito, sua pregnante razão de ser, que é constituir a psicanálise como uma experiência original, levá-la ao ponto em que figura a finitude, para permitir o *a posteriori* (...) essa experiência é essencial para isolá-la da terapêutica...” (Lacan, *Proposição de 9 de outubro de 1967*, p.251 *Outros escritos*)

O que diz Lacan aqui nos esclarece sobre o fato de o fim correlacionado ao ato ser um fim que “*permite o a posteriori*”. Essa noção do *a posteriori* “próprio ao tempo lógico”, Lacan, ao fazer a releitura de Freud, fez dela uma noção essencial e ela aparece indissociável de sua reflexão sobre o ato analítico. Na “Proposição de 09 de outubro de 1967” ele abre sua reflexão sobre o ato freudiano a partir do artigo de Octave Mannoni, “L’analyse originelle”, e contradiz a ideia de que a *writing-cure* (Correspondência com Fliess entre 1887 e 1902) tenha se constituído como a análise original de Freud. Segundo ele, a verdadeira análise original foi a “segunda”:

“por constituir a repetição que da primeira faz um ato, pois é ela que introduz o *a posteriori* próprio do tempo lógico, que se marca pelo fato de que o

<sup>18</sup> *Nachträglichkeit* é a palavra usada por Freud para conceber a temporalidade psíquica, e que pode ser traduzida pela expressão latina *a posteriori* ou pela expressão *só-depois*, como preferiu M.D. Magno (N.T.).

psicanalisante passou à psicanalista”. (Lacan, *Proposição de 9 de outubro de 1967*, p.258, *Outros escritos*).

Segundo Michel Bousseyroux (*L'appensée de Freud*, in Mensuel nº3, 2004), a segunda e original análise de Freud se deu no tempo em que ele pensou a paranoia. Não foi o caso Schreber que teria aberto a ele o caminho conceitual, mas sim a consciência da paranoia de Fliess após a ruptura. Freud elabora *a posteriori* sua relação transferencial com Fliess, e se distancia, quando começa a fazer uma série de sonhos "hipócritas", sonhos de reconciliação com seu “amigo deixado por um longo tempo.”

“Na quarta ou quinta vez, eu finalmente consegui entender o significado deste sonho. Ele (o sonho) me encorajou a deixar lá o que ficou em mim de consideração pela *persona* em questão, e me livrar dela completamente, o que ele tinha hipocritamente disfarçado como seu oposto”. (ver *A interpretação dos sonhos*)

A interpretação desses sonhos “depende da lógica do ato” (Bousseyroux, 2004) e vem concluir essa segunda análise. Freud se apressa em concluir que esse sonho não é um sonho de reconciliação, ele se apressa em concluir o tempo para compreender.

“passado o tempo de compreender o momento para concluir, é o momento para concluir o tempo de compreender” (Lacan, *Le temps logique*, p.204, *Ecrits*)

É na estrutura do *a posteriori* e da repetição que pode efetuar-se o momento de concluir. Assim, não foi somente porque Freud elabora *a posteriori* sua transferência com Fliess, mas também porque o sonho é pura repetição que Freud pode ser tomado pelo ato. Os conteúdos do sonho eram tão manifestadamente a repetição da transferência anterior com Fliess, transferência que tinha sido elucidada *a posteriori*, que Freud nada mais tinha a entender. Tudo que lhe restou a fazer com este sonho foi julgar. Ao julgar seu sonho, Freud faz um ato "o pensamento moderno tem mostrado que todo julgamento é essencialmente ato" (Lacan, *Le temps logique*, p.208, *Ecrits*)

De certo modo, Freud, ao compreender que desse sonho nada há para compreender, responde. Além disso os verbos são de ação: ele “deixa lá” o resto de consideração, ele "se liberta"... Este julgamento que é um ato, nós o vemos, produziu seus efeitos, e aqui, neste caso particular, efeito de liberdade.

“Poder surgir das liberdades do fechamento de uma experiência, é isso que decorre da natureza do *a posteriori* na significância”. (Lacan, *Proposição de 9 de outubro...*, p. 261, *Outros escritos*)

O ato é produzido assim na estrutura do *a posteriori* e da repetição, e “no ponto de finitude” que ele representa, ele permite isso também. O *a posteriori* do ato, podemos dizer, o momento de concluir, seria então, talvez, a continuação lógica e verdadeira. Se o “fim da partida” não oferece um *a posteriori* podemos pensar que a continuação é então o tempo para compreender...

## Prova(s)\* de fim

Irène Tu Ton

Para quem aí se engaja, a experiência psicanalítica é uma prova... até o fim?

Meu propósito diz respeito à clínica das neuroses.

Freud testemunhou de sua dificuldade de esclarecer o que seria um fim possível da cura analítica em “Análise finita, análise infinita”.<sup>19</sup>

Lacan sublinha isso em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”<sup>20</sup>:

“O que o neurótico não quer, o que ele recusa encarniçadamente até o fim da análise, é sacrificar sua castração ao gozo do Outro (...) que não nos esqueçamos, não existe? Sim, mas se porventura existisse, gozaria com ela. E é isso que o neurótico não quer. Pois imagina que o Outro demanda da castração.”

Recusa feroz do neurótico até o fim! O preço a pagar é, então, na medida da recusa.

Engajamento na cura e recusa feroz parecem antinômicos, mas não, se considerarmos que o analisante deve se engajar a dar conta das coordenadas dessa recusa. E isso, conforme uma temporalidade que lhe é própria. “Precisa tempo”, declara Lacan em *Radiofonia*<sup>21</sup> a esse propósito. E ele especifica: “(...) é assim que o inconsciente se articula pelo que o ser vem ao dizer”.<sup>22</sup> Abertura, fechamento do inconsciente, portanto.

Para o analista, trata-se de manter sempre em tensão o que de um dizer do analisando pode surgir. Isto supõe que ele não se deixe prender nas redes dos ditos, mesmo que tenham sido enunciados em toda a boa fé.

Para o analisando, crer em \*\* seus ditos, quantas vezes (quanta fé)\*\*\*, de voltas, de ditos, desvios de ditos, bastante dito!? Não, ainda... desgastante. “(...) o testemunho essencial dos místicos é justamente o de dizer que eles o experimentam, mas não sabem

\*O título original *é-prouve(s)* joga com as acepções das palavras *éprouver* (experenciar) e *prouver* (provar). Em português não temos a possibilidade desse jogo de palavras. No entanto, etimologicamente a palavra “prova” pode ter o sentido de ensaiar, examinar, verificar, reconhecer por experiência, julgar, aprovar, demonstrar, provar. Assim, o título em português perde o jogo, mas mantém o duplo sentido de provar e reconhecer por experiência. (N.T.)

<sup>19</sup>Sigmund Freud (1937). “Analyse finie, analyse infinie” In : *Résultats, idées, problèmes II*, Ed. Puf 1987, p. 231.

<sup>20</sup>Jacques Lacan (1960). “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, in *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998, p. 841.

<sup>21</sup>Jacques Lacan (1970). “Radiofonia”, in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003, p. 425.

<sup>22</sup> Idem, p. 426.

\*\* No original: *croire à*. Em português não temos a possibilidade de traduzir como “crer à”. Segundo o dicionário *Petit Robert*, *croire à* é um tipo de crença por convicção, de um modo muito *naïf*. Em francês é usado para dizer da crença no Papai Noel (ex: *croire au père Noël*); Lacan utiliza este modo de escrita, por exemplo, na Jornada de Cartéis de 1975 para dizer da relação de crença na psicanálise. Ele fala em “*croire à Psychanalyse*” (N.T.)

\*\*\* No original: *combien de foi(s)*. A autora joga com dois sentidos possíveis ao incluir nos parênteses o “s”. A palavra *foi* significa “fé”, mas colocando o s no fim, ela passa a significar “vezes”. Assim, como não temos a possibilidade dessas duas formas escritas em português, a opção da tradução foi a de colocar as duas formas possíveis de leitura (N.T.)

nada dele”,<sup>23</sup> nos diz Lacan a propósito de um gozo que seria outro, além do significante fálico. Maneira par visar a parte desconhecida/não sabida que insiste e escapole, no centro da experiência analítica? Além da experiência de ser afetado, não poderíamos então dizer alguma coisa? Não teríamos nada a dizer?

Contudo, o dizer “faz nó”<sup>24</sup> entre os três registros (real, Simbólico, Imaginário). Descobrir que há algo de “inconsciente”, “coisas que fazem nó”<sup>25</sup> atrás dos ditos, pode ter um efeito pacificador sobre esse gozo outro, torná-lo suportável? Provação do divã... ou, às vezes, a ideia de por fim ao insuportável pode se confundir com a do fim da cura.

Então, dizer ou impossível de dizer?

Na análise, nem tudo do real é tratável pelo sentido. Colette Soler sublinha quanto ao inconsciente real<sup>26</sup>: “(...) nem tudo do real pode ser tratado pelo sentido. Então, ele (o analista) se guardará de pedir incessantemente mais um esforço para o sentido que, no final das contas, conduz ao impasse.”\*\*\*\*

Uma questão se coloca: como posicionar o que, do real, não é tratável pelo sentido?

Considerando que o intratável é o que resiste, de qualquer maneira, na cura? Vimos há pouco que a resistência era um princípio mesmo da análise: recusa furiosa do neurótico até o fim, diz Lacan em 1960.

Não poderíamos nos orientar para uma outra definição que Lacan dá da resistência em 1976: “A miragem da verdade, da qual só se pode esperar a mentira (é a isso que se chama resistência, em termos polidos), não tem outro limite senão a satisfação que marca o fim da análise.”<sup>27</sup>

Seria esta localização aí (aquele de uma verdade mentirosa) que poderia colocar um fim ao desfile de sentido, ao insaciável gozo-de-sentido? Mas então, como chegar aí?

A partir, talvez, daquilo que, justamente, depende da miragem e da ficção na análise e que faz tampão/rolha ao real, segundo uma definição de Lacan.

O fantasma dito fundamental? Na origem, era o fantasma... Aí procuramos respostas, pensamos ter achado provas a sustentar. Podemos nos apoiar aí por muito tempo. Dizemos ainda “travessia do fantasma”, tal uma experiência, uma travessia do deserto, pontuados de miragens? Miramos aí, muramos aí (fechamos)... e se... esperamos, esperança de uma verdade original, exagerada-mente. Uma verdade que tentamos cercar e que escapa, sempre.

Apreender a função de logro do fantasma (o que pode ser na ocasião de uma interpretação) tem um efeito singular sobre o analisante no sentido de um espanto, até mesmo de uma estranheza, tal o *Unheimliche* freudiano (inquietante estranheza). Pois o que estava revelado, dificilmente, até então, e ao qual se estava se familiarizando (*heim* = de casa). Pensando, enfim, ter encontrado lugar, apreende o que marca nossa diferença, esta singularidade mesma se revela equivocada.

Momento de vacilo. Um deslocamento se opera, sensível. Ele diz respeito ao

---

<sup>23</sup> Jacques Lacan (1972-73). *O Seminário — Livro 20, mais, ainda*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1985, p. 103.

<sup>24</sup> Jacques Lacan (1974-75). *Séminaire 22 – “RSI”* Ed. de l’Association Freudienne Internationale, 2002, p.79

<sup>25</sup> *Ibid.*, p.79

<sup>26</sup> Colette Soler. “Les affects lacaniens”. Paris: Ed. Puf, 2011, p.147

\* \*\*\*\*Tradução livre, pois não existe até o momento uma versão deste livro em português (N.T.).

<sup>27</sup> Jacques Lacan (1976) “Préface à l’édition anglaise du séminaire XI” in *Autres écrits*. Paris, Seuil, 2001, p.572.

lugar do sujeito no fantasma. Não se trata mais de perseguir verdades sobre si via o Outro, maneira de denunciá-lo como causa e, portanto, de fazê-lo consistir. Uma outra verdade aparece cujo sentido se impõe. Este revela um saber que não implica mais o outro no fantasma, mas somente sujeito e seu gozo. Revelação que, além disso, esclarece o papel centrado (sem o conhecimento do sujeito) ao Outro.

Pode-se disso encontrar-se aliviado, pois desatracado do Outro, um movimento se cria contrastando com a fixidez do fantasma e percebemos, enfim, um término possível à análise. Mas podemos também ceder ao horror de saber e sermos pegos por aquilo que faz sintoma. Em alternância.

Todavia, essa experiência é inédita e faz ponto de ruptura na cura, pois ela enfoca aquilo que escapa, a parte de insabido que faz horror. Não seria isso que indica Lacan quando, depois de ter sublinhado o “modo constante” do fantasma, ele designa “o lugar que ele mantém para o sujeito”<sup>28</sup> que é a do real?

Segundo a hipótese, pode-se, então, dizer que flagrar a função de ficção do fantasma é um requisito necessário à conclusão da análise, enquanto ele dá a medida de um real como ponto de parada? A relação do sujeito com o sintoma daí se encontra logicamente afetada, ali está o intratável, o sintoma como resto sobre o qual ele topa.

Identificar-se ao seu sintoma e ficar satisfeito com isso (afeto assinando o fim da análise) supõe um outro passo que depende não da lógica, mas do particular.

Tradução de Glaucia Nagem  
Revisão de Dominique Fingermaun

---

<sup>28</sup> Jacques Lacan. “La logique du fantasme. Compte rendu du Séminaire 1966-1967” in *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001, p.326 ; Jorge Zahar Editores, 2003, p. 327.

## Pelo uso

Jean-Michel Arzur

Que surpresa ao ler o argumento do encontro internacional de Escola que acontecerá em dezembro! “Positivização do fim de análise”, essa fórmula soa como uma mudança radical da forma de dizer a experiência analítica. É verdade que estávamos, até então, pouco acostumados com esse tipo de termo, e enfocávamos as perdas e as quedas em relação com as negatividades da estrutura. O desafio é claro: trata-se de poder localizar, cercar, positivar essa “conversão de afeto”<sup>29</sup> que sinaliza a transformação da relação de um analisante com o saber e, portanto, com a análise.

Muitos trabalhos e testemunhos circularam nesses últimos anos no *Mensuel* e em *Wunsch* a propósito do afeto de fim de análise; ou seja, essa satisfação particular do analisante que Lacan articula em 1976 no *Préface da edição inglesa do Seminário XI*. Esse afeto, que marca a interrupção da satisfação da transferência, é o índice do consentimento do sujeito em pôr fim à miragem da verdade, “da qual somente a mentira pode-se esperar”.<sup>30</sup> Não lembro as diferentes teses que estiveram em curso acerca do passe, mas como pensar essa tese da prova pelo afeto sem cair num novo padrão, e arriscar que isso se torne por fim “abrir o bico para o passador”,<sup>31</sup> como sinaliza Colette Soler, retomando os termos de Lacan em 1967. Muitas interrogações, que tentarei desdobrar, emergiram no decorrer destas leituras. Elas vão ao encontro da questão da articulação entre os momentos de passe e a saída do dispositivo analítico. Há aquilo que se pode dizer do desenrolar e da conclusão de uma análise, mas há também suas consequências, como leva a entender o título de nossas jornadas. As consequências dizem respeito à vida pessoa, certamente, mas também ao analista que nos tornamos ao sair de uma cura.

Sol Aparício<sup>32</sup> observa que o tornar-se analista é raramente abordado pelos passantes em prol da hystorização de sua análise, que deve ser distinguida da hystorização da vida, que encontra seu termo no momento em que o sujeito percebe o aspecto fictício e infinito da busca da verdade. Antonio Quinet, por sua vez, evoca essa hystorização da análise como aquilo que é precisamente esperado pelo dispositivo, a fim de transmitir “o que permitiu ao passante tornar-se analista”.<sup>33</sup>

Hystorização da análise e tornar-se analista; momentos que se confundem ou que são distintos? Seria conveniente isolar o tornar-se analista dessa queda dos amores com a verdade, ou seja, o que, do singular desse passe, permitirá ao analista operar nas curas das quais ele está encarregado? É o que parece sublinhar Cora Aguerre<sup>34</sup> quando, por um lado, ela enlaça o encontro com o furo e a certeza de fim e que ela precisa, por outro, que no próprio ato de saída do dispositivo, “há uma aposta que só poderá ser verificada

<sup>29</sup> Colette Soler. *Les affects lacaniens*. Paris : PUF, 2011, p.134.

<sup>30</sup> Jacques Lacan (1976). Préface à l'édition anglaise du séminaire XI » In : *Autres Ecrits*, Seuil, 2001, p.572.

<sup>31</sup> Jacques Lacan. Proposition sur le psychanalyste de l'Ecole » In: *Scilicet 1*, Paris, Le Seuil, 1968, p.26.

<sup>32</sup> Sol Aparício. « Le désir mis à l'épreuve », *Séminaire Ecole « Questions issues de l'expérience de la passe »*, 3 mars 2011, *Mensuel n°62*, p.51

<sup>33</sup> Antonio Quinet. « La satisfaction de fin d'analyse » In : *Deuxième rencontre internationale d'Ecole*, Rome, juillet 2010, *Wunch n°10*, Janvier 2011, p.50.

<sup>34</sup> Cora Aguerre. « Le désir mis à l'épreuve » In : *Séminaire Ecole « Questions issues de l'expérience de la passe »*, 3 mars 2011, *Mensuel n°62*, p.35

*a posteriori* por seus efeitos”. Se a verificação se opera no passe, ela também não se faz nas consequências da análise? Não unicamente no “estilo de vida” do analista, mas também no uso que ele fará desse momento nas análises que ele dirige.

A análise e depois... esse *a posteriori* é condicionado por um fim, uma conclusão, uma separação que realiza o *desser* [*désêtre*] do analista. Mas se passe e fim não podem ser concebidos separadamente, Nicole Bousseyroux<sup>35</sup> observa como se constata frequentemente uma diferença temporal entre esses dois momentos. De fato, uma questão se coloca no que diz respeito ao afeto de fim.

A satisfação é uma resposta do sujeito ao gozo; ela é uma “repercussão sobre o sujeito daquilo que passa do lado do gozo que, em si, não é o sujeito”.<sup>36</sup> Ele pode ser declinado em satisfação do sintoma, satisfação da fala, tanto quanto satisfação do saber adquirido, mas a satisfação final é inédita,<sup>37</sup> na medida em que ela põe em jogo o real de fim de análise que, no *Prefácio*, é aquilo que vem fazer objeção à verdade toda.

Mas como considerar esse afeto como índice de fim ao passo que a cura pode continuar a se desenrolar? Parece haver aí, à primeira vista, um hiato entre essa concepção do fim pela transformação da relação do saber e o fato de que o laço analisante-analista possa perdurar ainda por um tempo.

Pode-se realmente considerar essa satisfação que autentica os momentos de passe como aquilo que *vale para conclusão*, assim como propõe Colette Soler,<sup>38</sup> ao passo que aí pode haver continuação da cura, implicando, de fato, a verdade mentirosa. A partir daí, pareceria mais lógico de correlatar esse afeto mais à saída do dispositivo do que ao momento de passe.

O que me permite esclarecer um pouco o que se coloca aqui como paradoxo é a declinação que Luis Izcovich<sup>39</sup> propõe desse afeto de satisfação segundo os momentos de análise. Ele distingue, com efeito, a satisfação que resulta da apreensão de um impossível ligado à inconstância do Outro e à satisfação de fim que ele articula à experiência da transferência. Se a apreensão do incurável é aquilo que vem fazer solução à impotência imaginária pela demonstração do impossível, se é aquilo que permite passar do insuportável da existência ao suportável; apreensão não faz prova de fim de análise e apenas uma mudança no nível do gozo pode permitir atestar isso.

“Quando o gozo do sentido cai, não se testemunha mais”<sup>40</sup> escreve Colette Soler; o que faz prova é situável no registro do fora de sentido, ponto de parada ao amor da verdade que, em si, supõe o objeto da falta e, portanto, faz falar. A prova separa-se mesmo da dimensão do testemunho dado que toda fala, toda elaboração de sentido que tentasse dizer alguma coisa desse real é impossível. Isso não existe sem colocar um certo número de questões que dizem respeito ao dispositivo do passe que convoca necessariamente uma dimensão de hystorização. O passante não tem outra escolha, donde a espera dessa hystorização da análise evocada por Antonio Quinet, mas *não sem* deixar “perceber como a mentira percebida da verdade curou-o da miragem e desencorajou-o da corrida, e isso, ao passo que, paradoxo, para dizê-lo ele não tem outro

---

<sup>35</sup> Nicole Bousseyroux. “Remarques en marge de l’exposé de Luis Izcovich” In: *Séminaire Ecole “Questions issues de l’expérience de la passe”*, 3 de fevereiro de 2011, Mensuel n°62, p.27.

<sup>36</sup> Colette Soler. “Du transfert vers l’inconscient autre” In: *Séminaire d’Ecole*, março de 2007, Mensuel n°26, pp.49-50.

<sup>37</sup> Luis Izcovich. “La satisfaction inédite”, *Séminaire Ecole*, 4 de fevereiro de 2010, Mensuel n°52

<sup>38</sup> Colette Soler. *Les affects lacaniens*, op. cit., p.144.

<sup>39</sup> Luis Izcovich. “Moments pour conclure”. *Séminaire Ecole “Questions issues de l’expérience de la passe”*, 3 février 2011, Mensuel n°62

<sup>40</sup> Colette Soler. *Les affects lacaniens*, op. cit., p.141.

*medium* senão a verdade... mentirosa”.<sup>41</sup>

Em sua lição de 20 de março de 1973, Lacan indica a confusão aparente dos registros do verdadeiro e do real.<sup>42</sup> Se “o verdadeiro visa o real”, a análise apenas permite ao sujeito de se constituir “um saber sobre a verdade”.<sup>43</sup> Alguma coisa fica, portanto, fora de jogo, fora da elaboração analisante. A tese do inconsciente real repousa, portanto, sobre a ideia de um saber fora de sentido, não subjetivável. E é precisamente o que permite localizar momentos de saída da transferência no desenrolar da própria cura. Essas saídas do espaço de hystorização transferencial consistem em passes, reiterados, rumo ao inconsciente real. Mas ali “não há amizade”<sup>44</sup> que se mantenha; isso se experimenta sem que o analisante possa dizer qualquer coisa disso. Pois, por querer dar seu testemunho disso, ele sai dele e reata seus amores com a verdade... até o esgotamento. Esse esgotamento do sentido não deve nada a um eventual esgotamento do analisante diante do desenrolar infinito de sua cura. Isso também pode desencadear uma saída, mas que, antes, faz signo de uma renúncia. Se o inconsciente não conclui, se a transferência que está estruturalmente ligado a ele não toma fim é, evidentemente, do lado do sujeito que uma nova posição com relação à análise é tomada. Trata-se, então, de um consentimento ao impossível, a esse real que “mostra a antinomia a qualquer verossimilhança”.<sup>45</sup> É, portanto, a análise que deve morrer de esgotamento, como evoca Ferenczi.<sup>46</sup>

Volto à minha questão que concerne à saída do dispositivo analítico. Não são aqui as diversas modalidades de conclusão que me interessam, mas a saída pelo passe. Indaguei-me por que ela parecia, muito frequentemente, apagar-se atrás do próprio passe. Se essa saída se inscreve no pós-passe do passante, ela inaugura, mesmo assim, o depois da análise, ou seja, suas consequências. Mas é aí que o pós-passe e o depois da análise parecem difíceis de desconectar, pelo fato de que a questão não se coloca somente em termos de temporalidade, mas diz respeito à relação do sujeito com o real fora de sentido.

O ato de saída produz alguma coisa nova com relação ao passe? Não se tem certeza, mas não é isso que prova em ato, dado que já está fora de análise, a posição tomada pelo sujeito com relação ao real, fora de sentido, fora de transferência? Questionei-me se essa saída não consistia num momento de passe último, condicionado, preparado pelos outros *momentos para concluir*, se retomar a ideia de Luis Izcovich,<sup>47</sup> que os coloca em série, desde o começo até o final da análise, sem por isso derrogar ao singular do momento de concluir.

A satisfação não é necessariamente o afeto experimentado em cada momento de passe ao real. Outros afetos podem ser seu índice, como a angústia ou ainda os afetos enigmáticos que Lacan introduz acerca dos efeitos da *alíngua* no final do seminário *Mais ainda*.<sup>48</sup> Essa satisfação inédita, que encontra sua lógica na fase final da análise, corresponde a uma experiência que permite a conclusão pela provação da transferência; essa experiência do *desser* da análise da qual o analisante encontra-se, por fim, afetado

<sup>41</sup> Colette Soler. « Du transfert vers l'inconscient autre », *op. cit.*, p.52.

<sup>42</sup> Jacques Lacan. Le Séminaire, livre XX, Encore, Paris, Le Seuil, 1975, p.84

<sup>43</sup> Jacques Lacan. Le Séminaire, livre XX, Encore, *op. cit.*, p.XX.

<sup>44</sup> Jacques Lacan. Préface, *op. cit.*, p.571.

<sup>45</sup> Jacques Lacan. Préface, *op. cit.*, p.573.

<sup>46</sup> Citado por Colette Soler na sequência de Claire Christien Prouët “Du transfert vers l'inconscient autre”, *op. cit.*, p.50.

<sup>47</sup> Luis Izcovich. « Moments pour conclure », *op. cit.*, p.19

<sup>48</sup> Jacques Lacan. Préface, *op. cit.*, p.572

como propõe Luis Izcovich.<sup>49</sup> Essa provação da transferência não é aquilo que vem, para além do denodamento do laço analisante-analista, fazer ata da separação com a análise? A satisfação de fim serviria o efeito do lado sujeito disso. Mas logo que se trata da análise dos analistas, uma outra questão surge, então, para aqueles que decidem “se dedicar a satisfazer esses casos de urgência”.<sup>50</sup>

Como, dessa separação com a análise, um uso da análise, para outros, é possível? Abster-se e servir-se dela... O termo uso interessou-me muito posto que ele muda consideravelmente a perspectiva quanto ao fim. Fiquei, inicialmente, espantado por esse termo empregado por Colette Soler em Bordeaux, em março último na ocasião de sua intervenção intitulada “os afetos de separação”; cito-a a partir de minhas anotações: “é uma satisfação que só se obtém pelo uso”. A mudança que isso introduz diz respeito ao tempo necessário para fazer prova desse real tamponador, dessa falta da falta.

O termo uso opõe-se a toda ideia de viragem ou de lampejo, como Colette também precisa. A questão que se coloca é saber se esse uso diz respeito apenas ao tempo da análise, ou ainda se esse tempo se estende para além da separação para com o analista.

O uso diria respeito, simultaneamente, à cura do analista assim como aquelas que ele dirige? Há algo a ser experimentado, a ser “pesado” para si, mas também para outros, a fim de “satisfazer os casos de urgência” e não deixar o analisante “totalmente envelopado no simbólico” e “privado do efeito terapêutico maior da análise, que é o efeito de fim”.<sup>51</sup>

Encontraremos o termo uso no que diz respeito à questão do saber que Lacan renova a partir do seminário *Mais ainda*. Saber adquirido e uso do saber estão ali intimamente ligados, “pois a fundação de um saber é que o gozo de seu exercício é o mesmo que o de sua aquisição”.<sup>52</sup> Trata-se de um saber “que não se sabe”,<sup>53</sup> do qual se pode gozar e cuja conquista “renova-se a cada vez que ele é exercido”.<sup>54</sup> Não está aí uma abertura sobre a questão do passe? Dando menos foco às perdas que se recobrem, mas sobre o uso de um saber, tem-se uma ideia melhor de uma experiência que dura, que continua para além daquilo que pode daí ser dito num momento. Positivização do fim da análise? Essa experiência de um saber no real e seu uso pelos analistas permite pensar a análise a partir de um ponto que não se esqueceria, que não se recobriria mesmo se o inconsciente e a verdade mentirosa retomarem seus direitos, já que não há conclusão a se esperar desse lado.

Tradução de Cícero Oliveira  
Revisão de Dominique Fingermaun

<sup>49</sup> Luis Izcovich. “Moments pour conclure”, op. cit., p.19.

<sup>50</sup> Jacques Lacan. Préface, op. cit., p.572

<sup>51</sup> Colette Soler. *Les affects lacaniens*, op. cit., pp.146-147.

<sup>52</sup> Jacques Lacan. Le Séminaire, op. cit., p.89

<sup>53</sup> Jacques Lacan. Le Séminaire, op. cit., op. cit., p.88.

<sup>54</sup> Jacques Lacan. *Le Séminaire*, op. cit., op. cit., p.89.

# O ato do final da análise e suas consequências

José Antonio Pereira da Silva

Há hoje uma ampla teorização a respeito do final de análise. Percebemos que Lacan no seu ensino retirou este momento da análise de um referencial cronológico para um lógico. No Seminário *O ato psicanalítico*<sup>55</sup>, Lacan caracteriza a função da psicanálise como instituindo um fazer pelo qual o analisando obtém certo fim, fim este que ninguém pode fixar claramente.

Ao indagar sobre as relações do final de análise com o ato analítico, encontramos Ida Freitas<sup>56</sup> dizer que se o final da análise é um ato, é dizer que é sem sujeito, que é sem cálculo possível para o final da análise, não existe o tempo certo, o tempo exato, nem antes ou depois.

Para Lacan, o que está no centro da definição do ato psicanalítico é a aceção de o analista ser rejeitado à maneira do objeto a; o analista ser rejeitado como merda. Ele chega a dizer, *não há apenas merda no objeto a, mas frequentemente é a título de merda que o analista é rejeitado*<sup>57</sup>. Esta é a formulação de Lacan para o final da análise no seminário sobre O Ato Psicanalítico.

O objeto **a**, enquanto aquele que ocupa a função determinante do desejo, mascara um oco, um vazio, que esconde a falta fálica, esta coisa que falta no centro da relação do homem e da mulher. Trata-se precisamente disso, apontou Lacan, que não se tem jamais o saber do outro sexo<sup>58</sup>. Isso resulta na admissão da castração, quer dizer, em uma certa verdade que é a de sua impotência, da sua impotência em fazer, algo de pleno do ato sexual.

O final da análise, aponta Soler<sup>59</sup>, não é identificável pelo fato da castração, uma vez que a castração não conhece “cessa”. Não é um impasse sobre a castração, mas um impasse sobre a posição do sujeito em relação à castração. Freud, em “Análise terminável e interminável”<sup>60</sup>, conclui que no final da análise se deixe ao sujeito a decisão, e até mesmo a escolha de uma posição.

Há, portanto, um final de análise. Vamos colocá-la aqui a partir do que Lacan chamou de momento do passe, como uma metamorfose do sujeito, ao fim. Há um final de análise que consiste em ter aprendido uma espécie de saber fazer aí com seu mais-de-gozar, para fazer servi-lo; para “se fazer ser” por suas obras e por seus amores. O sujeito analisante no final da análise que se experimenta como falta-a-ser, encontra uma posição de ser que cuida da sua falta-a-ser. O analisante no final recebe a chave de sua divisão – elabora um saber -, constrói sua história, verifica a causa do seu desejo.

O saber não é a última palavra da psicanálise, é o que nos mostra Soler<sup>61</sup>, pois existe uma falha estrutural no saber, o significante não dá conta de tudo, ou seja,

<sup>55</sup> Jacques Lacan. *O Ato psicanalítico*: O seminário, Livro 15 [1967-1968]. Inédito, Xerocopiado.

<sup>56</sup> Ida Freitas. *Final de Análise: Decisão ou Ato?* Coletânea: O Ato Psicanalítico. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2003.

<sup>57</sup> Jacques Lacan. *O ato psicanalítico*, op. Cit., p. 269.

<sup>58</sup> Id., *Ibid.*, p.271.

<sup>59</sup> Colette Soler. *Que final para o analista?* [1989]. In: *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998, p. 312.

<sup>60</sup> Sigmund Freud. *Análise Terminável e Interminável* [1937]. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v23, p. 287.

<sup>61</sup> Colette Soler. *Que final para o analista?*, op. cit., pp.319-320.

quaisquer que sejam os significantes, as palavras produzidas jamais reduzirão o “menos um” que neles existe. Se não há todos os significantes, há o objeto **a**, que vem onde o significante não responde. O saber adquirido é duplo: saber do impossível, mas também saber da singularidade. O analisante tem uma espécie de panorama sobre o que o distingue, sobre sua maneira própria de fazer com a sua falta e de compensá-la.

O sujeito transformado pela análise se definirá por uma nova relação com a castração e com a pulsão. Este seria um outro ponto, além da castração, que esperamos de uma psicanálise, onde a pulsão com a sua plasticidade, a qual pode tomar diversas formas como disfarçar-se, mudar de figura, de objeto, de via, até alcançar a satisfação, condiciona todas as realizações humanas. Por exemplo, a pulsão oral, nenhuma comida pode satisfazê-la, mas, ao mesmo tempo, qualquer coisa pode satisfazê-la parcialmente. O oposto a isso, nas pulsões, é a sua inércia.

Dessa forma, observamos que parece existir um deslizamento infinito no gozo pulsional na metonímia do discurso e das atividades que se ordenam através desses discursos. É o que me parece levar Soler<sup>62</sup> a sugerir que todas as buscas, os esforços no campo profissional ou no campo do amor, todas se geram da perda primária, mas se sustentam positivamente com o deslizamento do gozo pulsional na metonímia. O que quer dizer que todos os objetos são posições, tanto nos homens como nas mulheres, todos os objetos, em todas as atividades, são postos no lugar em que uma parte de gozo foi perdida e reencontrada em um objeto sempre posição.

A análise no seu final pode dar a possibilidade de uma nova escolha do sujeito, de um novo desejo, ou ao menos de um novo efeito de desejo. Eu diria, para um analista, teria como consequência, a escolha pelo desejo de saber – *Wisstrieb*. Uma vez circunscrito à castração, que é a causa do “horror de saber” que é o recalque, é da queda desta causa que pode emergir o desejo de saber do analista. E assim se produzir um analista.

Esses e outros pontos da análise, fins e consequências serão amplamente debatidos no 3º Encontro Internacional de EPFCL em dezembro de 2011 em Paris. Até lá.

---

<sup>62</sup> Colette Soler. O que posso esperar...de uma psicanálise [1993]. In. *A psicanálise na civilização*, Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998. p. 470.

## De *l'étourdit-sens*\* ao inédito

Nadine Naïtali

Desde as primeiras linhas do artigo *Análise terminável e interminável*, Freud percebe que a experiência analítica “é um assunto que consome tempo”<sup>63</sup>. Perguntando-se sobre o fim da análise, Freud nos deixa, como se sabe, num ponto de parada que concerne à questão sexual: a inveja do pênis para as mulheres e a rebelião contra a posição passiva do homem. As últimas elaborações de Lacan, nos conduzem a um outro ponto de parada, aberto, realmente incalculável pelo sujeito, pois ele concerne a *alíngua*.

O inconsciente não veicula tão-somente o sentido, ele manifesta também o que não pertence ao registro simbólico. Esse inconsciente experimenta-se na experiência analítica com o afeto como única prova, pois não estamos na lógica do significante interpretável. No inconsciente real, aí se está, e de se estar aí “sabe-se, de si mesmo”<sup>64</sup>, mas não o sujeito. O sujeito, portanto, nada sabe disso. Mas “basta prestar atenção para que se saia disso”<sup>65</sup>, o sujeito vindo, então, retomar a tranquilizadora marcha do sentido. A Escola, com o passe, cerne de sua existência, tenta, no entanto, prestar contas das manifestações do inconsciente real, a despeito de sua transmissão impossível.

Uma questão se coloca, então, se não há “amizade”<sup>66</sup> possível entre o inconsciente linguagem e o inconsciente real: como, a partir da fala, da associação livre, do sentido, experimenta-se algo do inconsciente real? Como esse saber estar aí, não-sabido radicalmente pelo sujeito, pode ter consequências sobre o sintoma, o gozo, a vida?

O sujeito tenta, a partir dessas voltas de decifração, partir de novo, ver, ouvir, encontrar, em uma louca corrida tentadora, sua verdade. E, se houvesse uma, uma toda, possível de agarrar – o sujeito procurando, às vezes, desesperadamente dar uma explicação a isso que range, insiste, faz sintoma? Temos a ver aqui com a outra satisfação. Lacan define-a como falação do sentido, do lado do gozo, do blá blá blá, em referência à função fálica que mascara o real da estrutura, e também esse real que não foi tomado pela linguagem.

As voltas ditas [*les tours dits*] no divã conduzem, no entanto, o analisante a encontrar uma parede, um obstáculo, que parece intransponível. É com o gozo que o analisante tem encontro marcado. Ele se confrontará com o que lhe havia servido, até então, de tampão: o fantasma, e seu gozo que marca intimamente o corpo do traço da divisão, de um resto. Localizado este gozo singular que provoca horror, que parasita os atos e se infiltra nos dizeres, atordoa o sujeito. Esse gozo, o pedaço de real entrevisto, entredito, pode criar na retroação (*après-coup*) um alívio, mas não estanca forçosamente

---

\* A expressão *l'étourdit-sens*, no original, evoca o equívoco homofônico com *l'étourdissant*, atordoante, mas inclui o termo *sens*, sentido, e o jogo aí implicado é dificilmente tradutível. Evoca algo como o do que atordoa no sentido se é levado ao inédito (N.T.).

<sup>63</sup> Sigmund Freud. *Análise terminável e interminável*. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Direção da edição brasileira de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 231 (N.T.).

<sup>64</sup> Jacques Lacan. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 567.

<sup>65</sup> Ibid.

<sup>66</sup> Ibid.

a associação. Trata-se bem de um encontro com um impossível, aquele do real da estrutura, mas do lado simbólico., Portanto, ele concerne ainda o sentido, a verdade mentirosa.

Essa verdade, mesmo se ela é mentirosa, o passante se arrisca a testemunhá-la o melhor possível no passe. Ela possui toda a sua importância, pois serve “para fazer o lugar no qual se denuncia o saber”<sup>67</sup>, na medida em que não há relação sexual. Esse saber, escreve Lacan, é necessário inventá-lo, já que ele tem a ver com o real que não é suposto. A verdade, do lado do sujeito, está numa certa “pegação” [*tripoter*], dirá Lacan, com o inconsciente sem sujeito. Se o saber, “é ao abrigo da *alíngua* que ele repousa”, precisa Lacan em *Mais, ainda*<sup>68</sup>, isso faz supor que existe uma proximidade entre o significante articulado ao simbólico e a “materialidade” (*motorialité*) do significante, do real, fora do sentido, onde o sujeito não pode se reconhecer. Retomo aqui o que Lacan diz do real em *O Sinthoma*, é esse “troço em torno do qual o pensamento borda, mas seu estigma é de não se ligar a nada”<sup>69</sup>.

Com efeito, o equilíbrio do sujeito, se podemos dizê-lo, ordenado pelo fantasma, basculará no tratamento. Alguma coisa se precipita e surpreende o sujeito quando do surgimento imprevisto de um significante fora de sentido, fora de cadeia que o analisante se escuta pronunciar, que se impõe. O “*étourdit-sens*” que inebriava o sujeito, que o fazia associar, encontra repentinamente um forado sentido indecifrável, não interpretável... outro momento atordoante (*étourdissant*) do lado do excesso de *alíngua*... não articulável.

Haveria no tratamento dois momentos de atordoamento, “o atordoamento se mente” (*l’étourdit se ment*) do sujeito que entrevê a miragem da verdade, e aquele, imprevisível, ligado a um surgimento inédito? Seria nesse espaço sutil em que algo de analista há e que a análise encontra seu termo, em que se estanque enfim a busca da verdade? E a prova, a marca do fim da análise, é a satisfação, escreve Lacan no *Prefácio à edição inglesa do seminário II*. Nessa perspectiva, a direção do tratamento para o analista é marcada por uma visada: “dar essa satisfação” que se torna “a urgência que a análise preside”<sup>70</sup> e da qual as conseqüências são imprevisíveis para o sujeito e para a Escola, pois é sobre um afeto que se termina a análise, o que deixa espaço ao inédito.

Tradução de Paulo Rona

---

<sup>67</sup> Carta de Jacques Lacan endereçada, em 1974 a três psicanalistas italianos : Verdiglione, Contri et Drazien. Publicada em *Spirales*, 1981, n° 9, p. 60

<sup>68</sup> Referência não encontrada na obra citada (N.T.).

<sup>69</sup> Referência não localizada (N.T.).

<sup>70</sup> Jacques Lacan. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11, op. cit., p. 569.

## A oferta analítica e o final de análise

*Silvia Migdalek*

Lendo a primeira mensagem que o CAOÉ divulgou anunciando o III Encontro Internacional da Escola, experimentei um entusiasmo “novo”. Nesse primeiro prelúdio assinado por Albert Nguyên lemos afirmações fortes e decididas. Na justificativa do título e no desenvolvimento dos eixos argumentativos há uma decisão política em jogo, que é a de escrever os primeiros traços por onde transitará o debate que proximamente tornará a reunir nossa comunidade constituída de Fóruns e de Escola.

O que nos convoca? “A Psicanálise, finais, continuações”. Este é um tempo em que já é possível fazer uma série e avaliar os resultados da experiência de nossa Escola (o passe, o passador, o AE, o AME, os cartéis do passe, o pós-passe etc.).

O entusiasmo, a que me referi no começo advém, me parece, do fato de que encontrei uma ênfase ou um novo acento, algo da ordem de um dizer novo que convida ao debate e a reflexão. Debateremos os finais. Creio que os cartéis do passe são uma parte importante no funcionamento da Escola, tanto como elaboração e produção do que se pode extrair dos finais de análise na experiência do passe, como também fazendo dessa elaboração transmissão para a comunidade de Escola. Porém, para além disso, este III Encontro está centrado mais precisamente na abertura epistêmica e clínica que se produz na obra de Lacan a partir da década de setenta.

O primeiro prelúdio nos indica- e nisso reside o acento- que a ênfase desta vez, está colocada no que se denomina “uma positivação do final de análise”, quer dizer do que é esperado no final de análise como um resultado, uma satisfação do final como afeto positivo de conclusão. Lacan fala da satisfação que marca o final de análise. Retornaremos depois sobre esse ponto.

Pergunto-me que efeito tem este acento da positivação final, sobre a oferta de tratamento que fazemos em psicanálise. O que ofertamos?

“A oferta antecede o requerimento de uma urgência que não se tem a certeza de satisfazer, salvo ao havê-la avaliado”.

A oferta da psicanálise convive hoje com as características de nosso tempo. Para mencionar alguns aspectos, temos uma cultura em profunda crise de diferentes ordens: econômicas, de valores, de paradigmas, éticas, etc. Isto de fato não deveria ser um impedimento para o desenvolvimento do trabalho analítico, pelo contrário a psicanálise se desenvolveu e cresceu em tempos de crise, tempos que tensionam ao máximo as condições estruturais do mal estar que a cultura impõe aos sujeitos, tais como: a primeira pós-guerra para Freud e seus discípulos, a segunda guerra para a Escola Inglesa, a segunda pós-guerra e o exílio dos europeus nos EUA, fim dos anos 1960 na França e na Argentina, meu país, foi o início de uma época obscura de horror, que aconteceu simultaneamente à consolidação, o crescimento e o desenvolvimento da psicanálise local. Tema este que provocou não poucos debates intensos, acerca do papel das instituições analíticas e da análise mesmo nesses tempos negros. Penso que constituíram um refúgio.

O que igualmente se caracteriza em nosso tempo é que assistimos a uma proliferação de ofertas de tratamento aos “mal-estares psíquicos”, provenientes de campos e práticas discursivas muito diversas, alguns deles refratários à ética e às

intervenções analíticas. É para nós uma obrigação ética explorar as dimensões e razões da dita situação porque é preciso delimitar os alcances e a eficácia de nossa prática na cultura de nossos dias.

O tema da oferta analítica me parece decisivo, além do mais porque na oferta sempre há alguma idéia implícita acerca de como se pensa o final de análise ainda que se a ignore. Melhor então não ignorá-la e poder avaliá-la melhor pelos resultados da experiência para poder precisar qual é nossa oferta como discurso da cultura.

Parece-me então que na Escola o passe é a oferta mais contundente que podemos fazer como instituição analítica.

Para Lacan a pergunta continua sendo; que pode impulsionar alguém, "sobretudo depois de uma análise a hystoricizar-se por si mesmo" e dar conta do surgimento do desejo de tomar posição surgido como fruto da dita experiência. Porém apontando claramente para um mais além do final pela via dos espelhismos da verdade mentirosa, isso "tem como fim apenas a satisfação que marca o final de análise", nos disse Lacan.

Como nos diz o prelúdio, tratar-se-ia "de algo muito mais mobilizador que as negatividades da estrutura, a angústia de castração ou a religião do furo". Muda a ênfase na perda, ou em isso que sou e no que caio e podemos encontrar e esperar uma satisfação em termos de uma mutação pelo afeto.

Este último, com certeza merecerá extensos desenvolvimentos, a satisfação e o estatuto do afeto deverão ser examinados. De que satisfação se trata? Sabemos a conexão que este último termo tem com a pulsão, a satisfação é a meta da pulsão, e as pulsões "são o eco no corpo pelo fato de que há um dizer". E quanto a ideia da mutação pelo afeto, em que lugar estrutural vem o afeto, evidentemente não é o afeto da angústia como signo do real, como tampão, como defesa. É complexa uma frase de Lacan do Prefácio, na qual diz:

"a falta da falta constitui o real, que só sai assim, como tampão. Tampão que é sustentado pelo termo impossível, do qual o pouco que sabemos, em matéria de real, mostra a antinomia com qualquer verossimilhança".

Penso que o verossímil supõe a cena, a fantasia, a verdade mentirosa, há um Real ali em jogo. Porém é esse outro Real antinômico a toda verossimilhança o que ressoa como afeto de satisfação do final?

Para concluir, queria recordar uma conferência dada à imprensa em Roma, antes do VII Congresso da EFP, na qual Lacan interveio com A Terceira. Corria o ano 1974, tempo em que claramente Lacan interrogava a função do Real na clínica e dois anos antes do texto do Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. Impulsionados pelas observações de Colette Soler encontramos aqui o segundo modelo de Passe proposto por Lacan e ao qual nos referimos neste texto.

Nesta conferência dada à imprensa, Lacan responde com genialidade e agudeza às perguntas de seus interlocutores. Entre outras coisas tenta mostrar o tratamento que a religião e a ciência dão ao Real em suas diferenças com o Real que se alcança na experiência analítica. Não é otimista a respeito do futuro da psicanálise, especialmente pela possibilidade de sua transformação em uma religião no sentido de que esta não se cansa de segregar sentido, e afirma que não acredita que isso seja o viés de seu ensino. "Se a religião triunfa será o signo de que a psicanálise terá fracassado". Da ciência disse que "sua posição é totalmente impossível, porém ocorre que ela não tem a menor idéia disso".

E conclui "o analista por sua parte é algo muito diferente. Está em uma espécie

de momento de mutação. Durante um breve instante nós pudemos dar conta do que era a intrusão do real. O analista permanece aí. Está aí como um sintoma e não pode durar mais que a título de sintoma”. Só a força de afogá-lo no sentido religioso que se poderá reprimir esse sintoma.

É interessante colocar estas reflexiones de 1974 em conexão com as de 1976 do Prefácio, onde Lacan –reconhecendo necessariamente o fato de que a psicanálise mudou desde sua fundação por Freud- faz uma afirmação que vem nos ocupando- acerca do novo estatuto que se abre do inconsciente, diferente do real do inconsciente, que é o “inconsciente real”. Isto também fará parte de nossos debates e não deixa de ser emocionante.

Tradução de Elisabeth da Rocha Miranda

#### **BIBLIOGRAFIA**

- LACAN, Jacques (1974). Actas de la Escuela Freudiana de París, VII Congreso de Roma, Conferencia de prensa, Ed. Petriel
- \_\_\_\_\_ (1975-76). El Seminario, Seminario 23, El Sinthome, Ed. Paidós
- \_\_\_\_\_ (1976). Intervenciones y textos 2, Prefacio a la edición inglesa del Seminario XI, Ed. Manantial.



# SUAS CONSEQUÊNCIAS

## D(a) insistência à abertura da hiância

Ângela Diniz Costa

Retomo algumas pontuações sobre a repetição em distintos movimentos de articulação conceitual, visando interrogar sobre sua incidência no tempo que se abre ao final da análise.

Por um lado, o conceito de inconsciente é correlacionado à repetição significativa. Nessa vertente, a função do retorno (*wiederkehr*) se mostra fundamental, pois a partir da discriminação, de como a rede significativa se entrecruza, de como ela se repete, depreende-se uma “linguagem formal<sup>71</sup>” na qual essa rede é tecida por leis sequenciais, em alternativas de sucessões que afluem em impossibilidades, por necessidades de determinadas sucessões; ou seja, esta rede simbólica é constituída de uma maneira tal que escapa ao acaso, fazendo emergir um real, fora do sentido, indicando o fundamento que Lacan soube extrair de Freud a respeito do sujeito: a cadeia ordenada de uma linguagem formal determina o sujeito, ou seja, o simbólico é situado ao lado do *autômaton*, como linguagem formal constituinte e determinante do sujeito. O discurso inconsciente evidencia como o significante cava os caminhos pelos quais o sujeito insiste em retornar, e dessa insistência extrai-se o modo como o trauma desloca-se ao longo da existência do sujeito, de forma desconhecida pelo sujeito. Podemos depreender o conceito de inconsciente ligado a um saber que o sujeito não sabe e que ao mesmo tempo constitui-se um tratamento que o discurso do inconsciente realiza do real traumático, à medida que o “*inconsciente assegura a passagem do real traumático do gozo para o simbólico*”<sup>72</sup>.

A repetição funda-se na comemoração de um resto de gozo inesquecível, e ao mesmo tempo vai deparando-se com a impossibilidade de repetir aquela primeira vez. Trata-se da repetição enquanto memória de gozo, que pode ser identificado, e é aí que se encontra a função do traço unário. É no traço unário que tem origem esse saber qualificado como memória de gozo, que trabalha no sujeito, ordenando seus sintomas, a estrutura do fantasma.

No seminário “O avesso da psicanálise”, Lacan nos diz que ele próprio traz uma novidade em sua releitura do texto freudiano, ao apontar a repetição enquanto identificação do gozo. Destaco aqui esse dois termos: identificação e gozo. É na articulação da repetição enquanto possibilidade de identificar o gozo que encontramos a função do traço unário – marca na qual o saber que interessa aos analistas tem sua origem. É no traço unário que tem origem esse saber qualificado como memória de gozo, que trabalha no sujeito, ordenando seus sintomas, a estrutura do fantasma... “É esse saber que interessa aos analistas”<sup>73</sup>.

Uma outra consideração importante a se fazer para abordar este viés da repetição é que neste percurso, de tanto o sujeito percorrê-lo, acaba por engendrar uma perda de “força, de velocidade”<sup>74</sup>. Podemos dizer que a repetição é uma busca desperdiçada de gozo. A estrutura lógica da repetição que é extraída pelo discurso analítico em sua

<sup>71</sup> Jacques Lacan. “A carta roubada” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.61.

<sup>72</sup> Colette Soler. Discurso e trauma In: *Retorno do exílio*. Editora Rio Ambiciosos.

<sup>73</sup> Jacques Lacan. *O avesso da psicanálise* [ 1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p.44.

<sup>74</sup> Jacques Lacan. *O avesso da psicanálise* [ 1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p.44.

experiência, “se situa no nível dos efeitos da repetição dos traços unários sobre o gozo<sup>75</sup>”. A repetição traça, conta e cifra o gozo, e o que se perde dele.

Como tudo nos indica nos fatos, na experiência e na clínica, a repetição se funda num retorno do gozo. “É aí que se origina, no discurso freudiano, a função do objeto perdido”.<sup>76</sup> Esta referência à função do objeto perdido me remete ao texto “A carta roubada”,<sup>77</sup> no qual encontro uma colocação de Lacan que me abre a possibilidade de abordar uma outra vertente sobre a repetição em seu entrelaçamento ao inconsciente: “este formalismo ligado à cadeia simbólica, cuja lei pode ser formulada... esse exercício formal inscreve um tipo de contorno, onde o que chamamos de *caput mortuum* do significante assume seu aspecto causal”.<sup>78</sup> O significante fazendo corte deixa um resto, volta, para se constituir como causa. O que se passa no inconsciente é aquilo que é produzido nessa hiância. É o inconsciente como fenda, tropeço, ruptura que é estrutura de descontinuidade temporal. Aqui a repetição aponta a função de real, qualificado como acidental, inesperado, inassimilável, pelo discurso enquanto encontro sempre faltoso, denominada como *tiquê*. O que se repete para o sujeito, e que segue as vias traçadas pelo discurso no qual ele está preso, é isto que retorna como hiato entre o significante e o real.<sup>79</sup> Tal distinção estabelece um gancho para interrogar as vicissitudes da repetição em sua articulação ao inconsciente, no tempo do final de análise. Quais são as premissas que fundamentam a hipótese – de que a experiência analítica intervém na repetição enquanto insistência repetitiva, criando a possibilidade do sujeito poder se separar dessa modalidade de repetição?

Quais consequências clínicas podemos extrair da contraposição do inconsciente-memória, da estrutura pulsativa do inconsciente, cuja manifestação principal é a descontinuidade, apontada pela estrutura de fenda, pela divisão, e sobretudo pelo que se conhece como falta-a-ser.

Nessa vertente pulsativa, o inconsciente é da ordem do não-realizado, daquilo que quer se realizar. Podemos então pensar que nessa dimensão há um elemento contingencial. Ou seja, abre-se nessa dimensão do inconsciente a possibilidade de pensarmos que ele se realiza de uma maneira ou de outra, conforme o modo que se efetua a direção do tratamento? Podemos dizer que sim, tomando como referência uma afirmativa de Lacan, na qual ele diz que a “existência do inconsciente implica que se o escute”.<sup>80</sup>

### *Incidência clínica*

Escutar o inconsciente implica a função analítica. E ela requer um manejo clínico coerente com essas modalidades da repetição em sua articulação ao inconsciente, pois é de pouca valia ficar apontando ao sujeito suas repetições, pois elas não acumulam as unidades que se repetem. Para que a experiência analítica, possa modificar algo das inércias das condições de gozo, fazendo advir a repetição enquanto função do real, é requerido do analista um manejo da transferência, tendo como referência a hiância que constituí a lei de seu ato, assim como a consideração de que o inconsciente enquanto um modo de cifrar o gozo se manifesta na equivocidade da língua. A partir dessas

<sup>75</sup> Colette Soler. *La repetición en la experiencia analítica*. Buenos Aires: Manantial, 2004.

<sup>76</sup> Jacques Lacan. *O avesso da psicanálise* [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p.44.

<sup>77</sup> Jacques Lacan. “A carta roubada” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.61.

<sup>78</sup> Jacques Lacan. “A carta roubada” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.61.

<sup>79</sup> Jacques Lacan. *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* [1964]. lição IV, p.55: “A descoberta por Freud da repetição como função só se define com mostrar a relação do pensamento com o real.”

<sup>80</sup> Jacques Lacan. “Televisão” [1973] In: *Outros Escritos*. Jorge Zahar Ed., 2003, p.517

premissas, podemos ainda dizer que o fio que conduz o trabalho analítico, ao colocar em marcha a associação livre, é essencialmente fazer operar o corte entre S1 e S2, pois ao presentificar o corte entre S1 e S2, a experiência analítica fratura o determinismo fantasmaticamente tomado pelo sujeito como aquilo que determina seu destino, fazendo prevalecer tal como escrito no discurso analítico o objeto faltante operando como causa; o sujeito depende dessa causa que o faz dividido, realização do inconsciente como falta-a-ser, estrutura de fenda, de divisão. Esta falta-a-ser implica o advir da repetição enquanto função de real, denominado como *tiquê*, encontro sempre faltoso. É por esse caminho que possibilita a abertura de hiância, que abre às possibilidades de que “acazos da vida e alguns manejos, possam se intrometer naquilo que está sendo tratado na análise, fazendo incidências na relação transferencial”.<sup>81</sup> Como nos ensina a transmissão de Silvia Franco, chegar-se a esse ponto, não é sem um certo atravessamento daquilo que “condiciona” a transferência, ou seja a “coalescência”, a união, a junção, entre o toro do sujeito e o toro do Outro, estrutura da neurose, algo muito evidente nas análises onde “verdades escondidas, as neuroses as supõem sabidas. É preciso destacá-las dessa suposição para que eles, os neuróticos, cessem de representar na carne essa verdade”.<sup>82</sup> Lacan explica então, que cabe ao analista efetuar “o corte graças ao que, essa suposição de saber é arrancada”.<sup>83</sup> Algo dessa estrutura, dessa coalescência, que o corte, o ato do analista, visa separar, foi atravessada.. efeito da interpretação como um corte, “[...] cortes que têm efeito de subversão topológica”<sup>84</sup> corte no toro do neurótico, evidenciando o furo central, o vazio deste objeto *a*, que a suposição de saber visava encobrir. Nesse tempo a abertura da hiância aos acazos, aos imprevistos provocam seus efeitos: momento em que o sujeito se dá conta do conjunto das suas representações e seu efeito em ato: “Os *flashbacks* aos quais o cinema nos acostumou, não têm como razão essencial esclarecer o leitor sobre acontecimentos anteriores desconhecidos por ele próprio. Eles funcionam *em ato*: seu valor somente aparece nesse momento para o próprio narrador. De que é feito esse momento? Do ressurgimento fortuito, encontro imprevisto de (três) incidentes aproximados pelo tempo, cada um evocador de lembranças antigas, em si mesmas triviais [...]”<sup>85</sup>

---

<sup>81</sup> Silvia Franco. “Das consequências analíticas do passe: o inessencial do sujeito suposto saber. Apresentação em Belo Horizonte (setembro de 2009).

<sup>82</sup> Jacques Lacan. *De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p.375.

<sup>83</sup> *Idem*.

<sup>84</sup> Jacques Lacan. “O aturdido” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 474.

<sup>85</sup> Jean Jacques Gorog. “O passe, a verificação de uma fantasia, e seu lugar na cura” In: *Wunsch n.7* (versão em português), 2008, p.11.

# Qual entusiasmo?

Bruno Geneste

Como indica o título de minha comunicação, se tratará nas linhas que seguem de interrogar o termo do entusiasmo que se formula habitualmente, um pouco à maneira de “socorro”!, com exclamação de circunstância. E, de fato, este termo vem ao socorro de uma Escola de psicanálise fundada diferentemente de uma sociedade de psicanalistas, seu agrupamento podendo sempre cair nessa tentação. Lacan introduziu o termo em 1974 na sua “Nota Italiana” e aponta o desejo do analista a verificar no passe. Há uma viragem, que se dirá com Colette Soler “prova pelo afeto”, onde até então o passe não sendo introduzido, prevalecia a travessia do fantasma como testemunhando o fim de análise.

No entanto, Lacan já colocava no fim de seu *Seminário XI* a questão seguinte: “*Como um sujeito que atravessou o fantasma radical pode viver a pulsão? Isto está além da análise e não foi nunca abordado. Só é abordável atualmente ao nível do analista*”.<sup>86</sup> Eu faria uma primeira hipótese: a introdução do termo entusiasmo é um elemento de resposta à questão colocada por Lacan, resposta que a “Proposição sobre o psicanalista e a Escola” prepara. A “Nota Italiana” é o momento em que lembrando a dificuldade de Freud para pensar o fim, pelo fato de seus amores com a verdade e reafirmando de um mesmo movimento o *Sicut palea* de Tomás de Aquino como modelo do passe ao analista enquanto ele sabe ser um dejetivo, Lacan dá uma volta a mais convocando atrás da marca do desejo do analista que os congêneres devem “saber”, encontrar, o afeto do entusiasmo. Juntar a marca com o entusiasmo conduz a irreduzibilidade da marca ao real para o qual ela abre.

Então, qual(is) entusiasmo(s)? Não aquele que fez toda uma juventude “*se sacrificar por pequenos ideais*”<sup>87</sup>, nem os aprovativos recebidos pelo próprio Lacan quando da leitura de seu “Discurso de Roma”, e a respeito dos quais ele manifesta a maior reserva, visado do embaraço psicologizante que eles assinalavam no auditor, (Lagache no caso). Lacan nos lembra isso em “A psicanálise: razão de um fracasso”. Tratar-se-ia então do “*nada de entusiasmo*” que abre “Do sujeito enfim em questão?”<sup>88</sup> Um nada, isso remete ao objeto; nem clarão, nem fásca, ao que portanto, à partir de 1967, nós o relacionaríamos mais. O termo é sem dúvida para considerar como corrente, no ensinamento de Lacan, do vazio de objeto causa à formalização da não-relação sexual e ao gozo irreduzível.

Porém, como justo ponto de partida, interroguemos primeiro a etimologia, Lacan nunca escolheu casualmente os termos que ele utiliza. E *a fortiori* numa circunstância como a seleção de analistas! O termo grego de *enthousiasmos* indica o transporte divino e o delírio sagrado que capta o intérprete da divindade! Segundo os filósofos (entre outros Plotino, Pascal, Spinoza e Nietzsche), ele é associado a experiência mística, a alegria extática e ele equivale aos êxtases tais como São Tomás fez a experiência no seu legendário *abstractio mentis a sensibus*. A partir de Rabelais, ele é a força que empurra o homem a criar, mais tarde a excitação coletiva suscitando

<sup>86</sup> Jacques Lacan, *Le séminaire livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris, Seuil, Coll. Le champ freudien, 1973, p. 246.

<sup>87</sup> Jacques Lacan, « Introduction théorique aux fonctions de la psychanalyse en criminologie », in *Écrits*, Paris, Seuil, Coll. Le champ freudien, 1966, p. 137.

<sup>88</sup> Jacques Lacan, *Écrits*, op. cit. p. 229.

uma emoção alegre e, enfim, a devoção a uma causa. O que nos ensina esta breve incisão histórica em relação às elaborações de Lacan, é que não saberia examinar o entusiasmo sem considerar as seguintes dimensões: a questão do gozo Outro e do não-tudo ; a causa do desejo cujo ato e a interpretação são as flechas disparadas; o saber de invenção. Este entusiasmo é, portanto, prelúdio a uma Escola de psicanálise à medida desta tripla condição.

Antes de abordar o exame destas exigências ressaltamos que a definição de Colette Soler<sup>89</sup> permite precisar que se trata de um afeto que impacta diante de uma transcendência que anula o sujeito, de um afeto contingente que não se produz em toda análise e que se deve a decisão de ser: uma “chance”, *tyché* portanto afirmando a relação deste afeto com real, finalmente colocado no seu devido lugar.

Tomemos primeiro a questão do não-todo. O que quer dizer Lacan se não for, nada menos que a necessidade da relação do desejo do analista ao S(A). “É do não-todo que procede o analista”.<sup>90</sup>

Para isso, o entusiasmo não é exstático como aquele de São Tomás. É preciso um ato a mais par o desvelamento de S(A), ato que não se produziu no caso de São Tomás, a experiência de gozo místico tendo-o conduzido a morte. E arrisquemos a palavra, um ato de re-enlaço que tem que se produzir uma vez flagrado essa percepção. Neste ponto, a verdade voa como uma palha (palea) sem ficar no entanto ficar como um sopro no vento divino, e o que se produz é o analista “*homem de palha do sujeito suposto saber*”;<sup>91</sup> rejeitada, excluída quando na experiência se aborda o real, a verdade só terá sido material bom para fazer liteira da letra, madeira de aquecimento. Ela se verifica sendo apenas um buraco, o buraco que abre o hiato da não-relação sexual, e por onde gozam os disfarces episódicos do objeto a. É este hiato que era zombado, a palha de São Tomás, que Lacan toma a liberdade de traduzir em esterco. Evoquemos aqui para fazer imagem o Seminário *L’insu que sait* onde Lacan vai falar da histórica em termos topológicos. Para amparar o buraco de palha de São Tomás que torna a experiência impossível de ser toda escrita, ergue o pau (trique) da histórica. A histórica se serve da paixão da verdade e do amor do pai como uma armadura tórica sustentando sua identificação fálica. A análise é a desconstrução deste pau (trique) da identificação que ela transforma numa banda unilateral – onde o ser do saber e o ser do desejo se nodam de uma só borda- banda a qual corresponde “o eu não consiste senão em um inconsciente” seja uma colocação em continuidade do consciente e do inconsciente que Lacan chama a histeria perfeita.

Em seguida, este saber não é tão fácil assim ; ele não se “soma”, mas se inventa na borda do real. A tarefa do analista é de conduzir o sujeito a seu fantasma; é aprender como ele fez para se defender do real da diferença sexual. O desejo do analista atravessa o campo do esperado no intuito de tocar ao impossível do sexo. É daí que pode se vislumbrar para o sujeito um saber novo no fim de análise, saber não esperado, saber de invenção um pouco menos pobre que o saber do inconsciente-linguagem, que é falta de imaginação desvairada. Lugar é feito de um saber furado do qual a causa é real, a partir do evidenciamento do porque da fixação ao objeto do fantasma que o tapava. Vai tratar-se de fazer desejo desse saber no real.

O entusiasmo é, portanto, uma posição do afeto a considerar desde o

<sup>89</sup> Colette Soler, *Les affects lacaniens*, Paris, PUF, 2011.

<sup>90</sup> Jacques Lacan, « Note italienne », in *Autres écrits*, Paris, Seuil, Coll. Le champ freudien, 2000, p. 308.

<sup>91</sup> Jacques Lacan, « Discours à l’Ecole Freudienne de Paris », in *Autres écrits*, op. cit., p. 275.

vislumbrar do furo (trou) e a situar pelo achado (*trou...vaille*).<sup>92</sup> Não transbordando, mas...de borda, cercando o horror de saber. Para se ter uma idéia disso, pode-se seguir os desenvolvimentos de Lacan no *Mais, ainda* sobre o barroco. O barroco é uma colocação em forma do horror da revelação cristã. Esta ultrapassa Aristóteles, que supunha a existência de um pensamento suposta ao pensar, um ser supremo do conhecimento como lugar onde se saberia qual é o bem de todos. Seu *Organon* permanecido esboçado, mostra aí o desconhecimento da não-relação sexual. O barroquismo é um “truque”, um truque não matemático, para abordar a não-relação: uma exibição de corpos gozantes... sem a cópula. Como o barroco, o discurso analítico permite encontrar sobre a questão do gozo algumas pequenas coisas por vias essencialmente contingentes.

Este entusiasmo será que Lacan o reserva ao analista? A questão é antes que um analista que não será movido por este afeto não conduziria o seu analisante senão a esbarrar com o que do real é negatividade de estrutura (real do inconsciente) para dar à cura um contorno apenas depressivo, tratando certamente da impotência, mas não produzindo no analisante uma resposta positiva provinda do real (inconsciente real) é preciso este afeto do entusiasmo para sustentar o desejo do analista para resolver por pouco que seja, o horror ao ato.

Cheguemos às conseqüências disso: Lacan faz depender o campo da psicanálise em extensão de onde ela se enraíza como experiência em intensão numa cura. Sem real na intensão, não tem campo real da psicanálise, nem Escola de psicanálise que leva em conta o real, nem tampouco de campo lacaniano. É desde então, um retorno as sociedades e a seus rituais, a sua “*felicidade geral pintada no entanto de depressão*”.<sup>93</sup> O enlace efetivo entre intensão e extensão depende do desejo do analista. Se o analista “*se autoriza por si mesmo*”<sup>94</sup> é por não estar aí como sujeito e por levar em conta a resposta do real que afetou seu ser. O “*dele mesmo*” indica que é de um entusiasmo *do real*<sup>95</sup> limpo de toda exaltação e contingente, que o analista se autoriza para sustentar a causa analítica.

Notemos para terminar que este passe-prova pelo afeto encontrará seu prolongamento no “Prefácio da edição inglesa do seminário XI” com a colocação no primeiro plano de um outro afeto, a satisfação de fim; pode-se aliás puxar o fio da elaboração de Lacan entre estes dois curtos textos que dão a medida do desejo do analista, acomodado primeiro sobre o vazio da causa e *in fine* sobre a identificação ao sintoma, identificação que é o outro elemento de resposta a questão inicial sobre a pulsão.

Tradução de Tereza Oliveira  
Revisão de Dominique Fingermann

---

<sup>92</sup> Cf. celui dont Lacan fit preuve le 16 Décembre 1975 lorsque Soury et Thomé lui apportèrent la découverte de l’existence d’un nœud borroméen de quatre nœuds à trois.

<sup>93</sup> Jacques Lacan, « Note italienne », op. cit., p. 309.

<sup>94</sup> Ibid. p. 308.

<sup>95</sup> La portée de cet article « du » serait à préciser. Seulement ici veut-il indiquer la provenance de l’affect en question

# Considerações sobre *um amor mais digno*

Sandra Berta

Em 1973, na *Nota Italiana*<sup>96</sup>, Lacan nos adverte que se espera da psicanálise uma consequência, uma mudança do *parlêtre*, *humus humano*, na relação ao saber inconsciente que *lhe trabalha*. Dita mudança pode promover uma outra no que diz respeito ao amor “*para fazer o amor mais digno do que a profusão do palavrório*”<sup>97</sup>. Lembremos que o contexto dessa frase refere-se a uma das consequências do fim: o passe. Digo aqui que o passe não é condição do fim, apenas pode ser uma consequência, por escolha. Será por isso que na sequência desse parágrafo conclusivo ele lembra o palavrório de Santo Tomás que encerrando sua vida de monge, disse: *sicut palea?*

Por ocasião de uma leitura<sup>98</sup> instigante, retomei essa afirmação de Lacan, perguntando-me pelo estatuto desse *amor mais digno* no final de análise e pelas consequências possíveis, se pensado à luz do amor de transferência. Revisitei também as elaborações sobre a *carta de amor* e a *carta de (a)muro*, extraindo delas algumas considerações sobre o fim de análise.

Destaco que, nesse contexto da *Nota Italiana*, entendo por *amor mais digno*: a relação do *parlêtre* ao inconsciente. Isso evoca outra afirmação de Lacan, quando define a transferência, cifrada no sujeito suposto saber: “*É por isso que a transferência é amor*”<sup>99</sup>. Amor que se dirige ao saber. Com esse saber a verdade, não-toda, faz sacanagem, mais do que bobagem, criando-lhe um lugar no qual ele, o saber, se denuncia. Entretanto esse saber, determinado pelo real, há de continuar a ser inventado. Assim como o sustenta no Seminário desse ano de 1973: perante o *troumatisme*, o *trou* (furo) do real, resta a invenção. Serão essas, então, minhas considerações para vocês, nesse prelúdio que, afinal, nada mais é do que um ensaio - tentativa de refletir sobre a clínica.

## ***O amor aos pedaços***

Se proponho tratar da passagem do amor ao saber para o amor mais digno é porque entendo que a mesma incide num novo tratamento sobre aquilo que, da transferência, foi intransferível. Manoel de Barros, nosso poeta Brasileiro, o transmite nestes versos:

[...] *Sou um apanhador de desperdícios:*

*Amo os restos*

*como as boas moscas.*

*Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.*

*Porque eu não sou da informática:*

---

<sup>96</sup> Jacques Lacan. (1973). *Nota Italiana*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003., pp. 311-315.

<sup>97</sup> *Ibid*, p. 315.

<sup>98</sup> Bernard Nominé. Amor e sintoma. Os laços do amor e o nó do sintoma. In: *Stylus*, revista de psicanálise, n. 16, maio de 2008, pp. 77-78.

<sup>99</sup> Jacques Lacan. (1973). Introdução à Edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 555.

*eu sou da invencionática.*

*Só uso a palavra para compor meus silêncios*

### **O amor ao saber**

Quando Lacan acusa o *palavrório*, diz que o mesmo responde ao saber inconsciente que Freud chamou *humus humano*. Esse saber, em parte inventariado, tem sido colocado a favor da imaginação. Seria melhor, nos adverte Lacan, que possamos, nesse enodamento do Real, do Simbólico e do Imaginário, destacar o que esses dois primeiros tem a dizer a esse respeito. Portanto, está sendo destacada a relação do simbólico e do real, sem desestimar o enodamento do imaginário. Assim o evoca Lacan quando nos diz: “*O ser humano, que sem dúvida é assim chamado porque nada mais é que o humus da linguagem, só tem que se emparelhar, digo, se apalavrar com esse aparelho*”<sup>100</sup>

De fato, as diferentes abordagens sobre a transferência sempre visaram a questão do inconsciente. É um fato de estrutura: a transferência é o inconsciente estruturado como uma linguagem. E sabemos que, estruturado como uma linguagem, o inconsciente é o testemunho de um saber que, em grande parte, foge ao *parlêtre*. Um saber que resta enigmático sobre o que é da alçada dos efeitos de *lalíngua* no humus humano. Se “*O inconsciente é um saber, um savoir-faire com alíngua*”<sup>101</sup>, e se aquele a quem suponho o saber: o amo; então, temos aqui o laço entre saber e amor.

A questão do sujeito suposto saber é o eixo central da transferência. Uma análise se dirige no sentido da queda do sujeito suposto saber com a concomitante revelação da função do amor ao saber: suprir a falta da relação que não há. Mas, a verdade é sempre impotente em dizer o furo do inconsciente. A impressão que temos é que a transferência trabalha, batalha entre o saber e a verdade. Uma analisante, no final da sua análise, diz: “*nada demais, não há a última palavra*”. Nesse movimento se constata o seguinte: “*que haja inconsciente significa que haja saber sem sujeito*”.<sup>102</sup> Colette Soler privilegia essa formulação para nos dizer que essa afirmação é “*umbigo fundante*”<sup>103</sup> de tudo o que será reelaborado.

Em 1973 a transferência: “*não é um meio, é um resultado. Um resultado que reside em que por meio da palavra o que se revela é algo que nada tem a ver com ela, muito precisamente: o saber que existe na linguagem*”<sup>104</sup>. Todavia, ele nos diz que sua “*babaquice*” foi pensar que S1 e S2 faziam cadeia. Essa formulação de Lacan nos perturba. Lá, na cadeia, não havia mais do que a relação de três, na qual o terceiro elemento é o deciframento do S1-S2. Se a linguagem é efeito de que há o *significante um*; o saber é a consequência de que *há outro*. Esse “*há outro*” é o que estava em jogo no matema da transferência. Trata-se de um momento privilegiado para marcar a passagem do inconsciente articulado como cadeia para o inconsciente nodal

<sup>100</sup> Jacques Lacan. (1969-1970) *O Seminário, livro XVII: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 48.

<sup>101</sup> Jacques Lacan. (1972-1973). *El Seminario, livro XX: mais ainda*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

<sup>102</sup> Jacques Lacan. (1969) O Ato psicanalítico. Resumo do Seminário de 1968-1969. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 372. Outra referência se encontra em Lacan, J. (1967-1968). O Seminário, livro XV: o ato psicanalítico, inédito, aula de 17 de janeiro de 1968: “*esse tipo de impensável que no inconsciente nos situa um saber sem sujeito*”.

<sup>103</sup> Colette Soler. *Lacan, l'inconscient réinventé*. France: Presses Universitaires de France, 2009, pp. 21-23. Tradução livre.

<sup>104</sup> Jacques Lacan. *O Seminário, livro XXI: Les non-dupes errent*, inédito, aula de 11/12/1973. Tradução Livre.

concomitante com a lógica modal.

Após ter falado da impotência do amor: “*O amor é impotente ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... A relação dos que? – dois sexos*”<sup>105</sup>, Lacan definirá o amor em outra vertente. O amor, diz ele, não é outra coisa que um dizer, um dizer extraordinário, um acontecimento. “*Esse dizer, esse dizer do amor se dirige ao saber uma vez que este está aqui, no que é preciso chamar: o inconsciente*”<sup>106</sup>. Sublinho as relações entre acontecimento e contingência, essa última sendo o que *cessa de não se escrever*. Sim, o amor se escreve por uma contingência, e a carta/letra de amor será diferente da demanda de amor, demanda que é da ordem do necessário: *que não cessa de se escrever*. Parece-me que nesse momento, o recurso a *carta/letra de amor* e *carta letra de (a)muro* refere-se à função da letra no discurso. O discurso como laço social que se funda sobre a linguagem, sendo a escrita um efeito desse laço<sup>107</sup>.

### **O amor e o (a)muro**

Quando Lacan fala do *(a)muro*, antes mesmo de falar sobre a carta de amor, ele se refere a um objeto: a voz. As paredes da capela de Sainte-Anne, na qual deu esse Seminário ecoam sua voz. E Lacan grita: vocês me ouvem? E ainda diz que ele e os que lhe ouvem gozam, porque as paredes lhe fazem gozar... porque lhe fazem falar. O homem, o *humus humano* geme “*porque no palavrório, no farfalhar, tudo se produz, mas para isso deveu dar-se conta de que a K ressoa melhor desde o fundo, o fundo da caverna, da última parede, e que a B e P brotam melhor na entrada, é aí onde escutou sua ressonância*”<sup>108</sup>. Esse objeto *a*, a voz, completamente alheio à questão do sentido, se escreve na *carta de (a)muro*, através da r.e.s.o.n, da ressonância - razão, do real, visto que ali a questão da lógica matemática se anuncia. O muro topológico da garrafa de Klein escreve o amor como castração que há entre o homem e a mulher. Esse discurso de Lacan sobre a voz, aparentemente a esmo, é índice da letra como produção de discurso, em particular, do discurso analítico<sup>109</sup>.

Há muros e há o *(a)muro*<sup>110</sup>. Nesses muros que fazem girar os quatro discursos, parece-me que a *carta/letra de (a)muro* toma um pequeno desvio com relação à *carta/letra de amor*. É fato que a *lettre (carta e letra)*, esse equívoco da palavra, nesse contexto, refere à relação da letra com o gozo. Mas, do *(a)muro* parte aquilo que é capaz de responder pelo gozo do corpo do Outro. Lacan, no início do seminário *Encore*, quando pergunta de onde parte aquilo que é capaz, de maneira não necessária, nem suficiente, de responder pelo gozo do corpo do Outro, se responde: “*Não é o amor. É daquilo que, o ano passado, inspirado em certo modo pela capela de Saint-Anne que me carregava no sistema, me deixei chegar a chamar o (a)muro*”<sup>111</sup>. O que é aquilo que

<sup>105</sup> Jacques Lacan. (1972-1973). *O Seminário, livro XX: mais ainda, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 14. Reparemos na homofonia entre deux (dos) e d'eux (deles)*

<sup>106</sup> Jacques Lacan. *O Seminário, livro XXI: Les non-dupes errent*, inédito, aula de 18/12/1973.

<sup>107</sup> Dreyfuss, J-P, Jadin, J-M e Ritter, M. *Ecritures de l'inconscient. De la lettre à la topologie*. Strasbourg: Editions Arcanes, Apertura, 2001. Tradução livre.

<sup>108</sup> Jacques Lacan. (1971-1972) *O Seminário, livro XIX: o pior (o saber do psicanalista)*. Integrado. Conferências em Sainte-Anne, inédito. 6 de janeiro de 1972. Tradução Livre.

<sup>109</sup> Sugiro a leitura do texto de Nominé, B., anteriormente citado, e do texto *Campo Lacaniano, Campo freudiano*, In: *Revista Heteridade n. 1. Revista Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2001.*

<sup>110</sup> D. S. Rabinovich. *Modos lógicos del amor de transferencia*. Buenos Aires: Manantial, 1992.

<sup>111</sup> Jacques Lacan. (1972-1973). *O Seminário, livro XX: mais ainda, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 13.*

é capaz de responder pelo gozo do Outro, nesse momento? “*As condições do gozo*”<sup>112</sup>. E o que se conta são os resíduos, os *desperdícios* do gozo. É esse real do mistério do corpo falante, mistério do inconsciente que se escreve no *(a)muro* do *(a)sexuado*. O gozo do Outro não é signo de amor, é signo de *(a)muro*.

Entendo que a carta/letra de *(a)muro* escreve as condições do gozo, as escreve como evento, como acontecimento do corpo (contingência). É nesse sentido que a escrita da letra é solidária à *função do escrito* no discurso do psicanalista<sup>113</sup>, que escreve o *SI* (a ser considerado como letra) como produto. Nesse discurso no qual se escreve a função da letra o que há de se privilegiar é a dimensão da *bêtise*, besteira. Já, na carta de amor, “*vemos os significantes copulando amorosamente na profusão do palavrório*”<sup>114</sup>, ela se dirige ao sentido, solidário da metáfora do amor, isto é: do discurso do mestre (S1-S2), que não cessa de se escrever (necessário), e no qual a letra/causa *(a)* está por traz, por traz do muro. Como disse antes: há os muros e há *l’(a)mur*. Em 6 de janeiro de 1972, Lacan evoca os versos do poeta “entre o homem e o amor está a mulher<sup>115</sup>”, mas, evocando-os, os equivoca “entre o homem e a mulher está o amor”, diz ele, e acrescenta que esse é um problema. Um ano e meio depois, retorna ao destino e ao drama do amor e os indica como produto da passagem da contingência ao necessário.

Chegados até aqui, proponho que a carta/letra do amor, no seu estatuto de letra pode referir à “*O que se evoca de gozo ao se romper um semblante*”<sup>116</sup>. Assim como a carta/letra de *(a)muro* pode dizer da “*borda do furo no saber*”<sup>117</sup>.

### **O amor mais digno**

Todo amor origina-se num encontro. Se o drama do amor vai da contingência para o necessário, o *amor mais digno* é o que *passa* no trajeto do necessário para o possível (*cessa de se escrever*). Eis o percurso de uma análise: do palavrório do amor de transferência cuja abertura é o sujeito suposto saber, até o amor mais digno, que do saber suposto constatou o *insabido*, isto é: o intransferível. Do amor de transferência para o amor mais digno, se extraem as *condições do ato*<sup>118</sup> para sustentar a realidade sexual do inconsciente, em cada análise.

Ser *dupes* do inconsciente é saber acompanhá-lo a partir de uma posição na qual lhe deixe vagar, errar. Entendo ser essa uma condição das possibilidades do ato analítico na direção da cura, e em decorrência, uma condição da interpretação. Andar, vagar por esse conjunto aberto do saber de cada um. É possível que assim possamos entender o amor mais digno. Se assim for, um amor mais digno implica na ética do bem dizer do inconsciente que leve o *parlêtre* a topar com *L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre... (c’est l’amour, le (a)mur, le mur)*.

Um fim de análise cessa de escrever aquilo que o *humus humanos* tem a fazer com o inconsciente, que lhe afeta pela besteira do *bla,bla,ba*? Não! Então, que resta,

---

<sup>112</sup> *Ibid*, p. 177.

<sup>113</sup> Agradeço Conrado Ramos pelos esclarecimentos oferecidos sobre esse ponto na sua apresentação do cap. II do Sem. XX, no dia 13.04.2009, no Espaço de Formação Continuada do FCL-SP.

<sup>114</sup> Nominé, B. Amor e sintoma. Os laços do amor e o nó do sintoma. In: Stylus, revista de psicanálise, n. 16, maio de 2008, p. 81.

<sup>115</sup> Jacques Lacan. (1971-1972) *Le savoir du psychanalyste*. Édition ALI, s./d., cours du 06/01/1972, p.47.

<sup>116</sup> Jacques Lacan. (1971). Lituraterra. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2003, p. 22.

<sup>117</sup> Jacques Lacan. (1971). Lituraterra. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2003, p. 18.

<sup>118</sup> Colette Soler. As condições do ato: como reconhecê-las? In: *Wunsch*, Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, n. 8, abril 2010, pp. 18-20.

para não cultuar por sempre esse furo, *trou*, para se deixar esquecer do *troumatismo*? Inventem!. Quase grita Lacan.

Ou como diz nosso poeta Manoel de Barros: *Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira*. Essa frase intitula sua *antibiografia*, e o leva a dizer: *Se eu agora dizer a você que eu fui aí, à padaria, e eu comprei um pão... É uma mentira. Estou aqui, não fui à padaria, não comprei um pão. E a invenção é um negócio profundo. Ah... essa coisa que dizem “está querendo disser isso aí”. Não estou querendo dizer nada, rapaz! Estou fazendo um negócio com a palavra que seria como se escutar música*.

O não sabido que se sabe pelo trabalho de transferência é diferente daquilo que se recolhe como prova da verdade: o insabido. Invenção, Criação. Evocações do inconsciente e *do amor mais digno, ding, dignidade*<sup>119</sup>.

Um amor mais digno pode nos deixar viver, nos deixar gozar da contingência dos encontros. Isso causa no amor. Isso causa na clínica.

---

<sup>119</sup> Agradeço a Dominique Finger mann por pontuar a ressonância, o equívoco de “dignidade”.

# O tempo passando/passante

Nicolas Bendrihen

Se há um afeto amplamente descrito pelos passadores, no momento em que eles recebem pelo passante a comunicação de suas designações para essa função, é, em primeiro lugar, com certeza, a surpresa e com frequência o entusiasmo, em seguida. Do lado do passante, escuta-se também frequentemente o sentimento de “evidência”, o momento chegado, para se engajar no dispositivo do passe, de evidência para ir testemunhar sobre seu percurso, e eventualmente sobre sua conclusão.

Logicamente, passador e passante estão próximos no tempo. O passador “o é ainda, esse passe”<sup>120</sup>, enquanto que o passante o transpôs e o testemunha. O passante transmite ao passador sua resolução de certos impasses, no ponto onde o passador está, ele mesmo, caminhando para resolvê-los. Passar a passante, quando se é ou se foi passador, seria então uma etapa também totalmente lógica, e deveria vir logo em seguida, de preferência rapidamente.

Ora, há uma evidência nessa passagem? E dentro de qual lapso de tempo?

A passagem a analista pode ser efetiva, ou julgada como tal pelo analisando, sem que o sentimento de evidência a se apresentar no passe apareça. Medos imaginários podem fazer obstáculos: inquietudes sobre a confidencialidade, sobre a recepção do testemunho... Não chegamos tão rápido à conclusão de um resto inanalizado no sujeito! A esse respeito, a experiência como passador pode dissolver esses temores que não se revelam tão determinantes uma vez vindo o momento de testemunhar, dessa vez como passante. De onde vem então essa evidência? O que a “despara”, quando ela não é sustentada pela dimensão imaginária de verificação pelos outros de sua experiência e construções, na preocupação mais ou menos implícita de autorização a um momento de entrada na prática onde nada mais parece verdadeiramente certo! O seminário da Escola em Paris este ano pôde trazer testemunhos de uma evidência que se impõe para além do imaginário, no momento oportuno. Eu não os retomo aqui<sup>121</sup>, mas podemos notar que não há provavelmente evidência que valha sem enodamento a um real, que ele se apresente sob a face de um impasse, reconhecido e sobre o qual desejamos testemunhar, ou no fio cortante de um ato que flagra o sujeito na sua dimensão inédita, de modificação na relação com o gozo...

É como se, nesse momento, o real em jogo na passagem do analisando a analista se enodasse ao desejo de testemunhar, e engajassem o sujeito no dispositivo. É esse momento, ponto de virada atestando o engajamento no dispositivo, que se torna o tempo próprio do passante. Mas o momento desse engajamento em si mesmo, enodamento do real e do desejo de testemunhá-lo, não aparece previsível no tempo, uma vez que os sujeitos podem se engajar no dispositivo nos momentos imediatamente posteriores ao momento do passe, ou anos depois. A evidência, se ela se impõe, não se programa; ela permanece contingente. E quando essa evidência não advém “rapidamente”, não é impossível que uma nova ocorrência do real, à distância, precipitará o testemunho, no momento oportuno.

Portanto, não seria necessário testemunhar nos momentos que se seguem imediatos ao momento do passe, dentro de um certo “frescor”, antes que o véu do hábito

<sup>120</sup> Jacques Lacan. “Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l’Ecole” In: *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 255

<sup>121</sup> La plupart des textes sont publiés dans le *Mensuel* n°59 et 62

recubra a entrada na prática e faça o jovem analista esquecer as razões que o levaram a ocupar essa função impossível?

Lacan assim o queria: “Certamente, não eram aqueles que já estavam mais instalados que se encontravam em condições, como se poderia esperar, de trazer um testemunho quente da experiência que os havia levados até lá” diz ele à Escola Belga de Psicanálise em 1972<sup>122</sup>. Mas o que ele diz em seguida diferencia um pouco a evidência do “bom testemunho” que seria aquele dos mais jovens na experiência: “e é uma pena na medida em que os melhores devem, contudo, saber alguma coisa, apesar de um certo distanciamento tomado por eles no que diz respeito justamente a esse momento, a esse momento crucial da passagem, da passagem ao ato”.

De fato, esse momento do passe, “momento crucial da passagem” tal qual é vivido na cura, pode ser ele atingido pelo recalque, quando ele atesta para o analisando uma mudança importante na relação com o saber? Claro, “Nós nos acostumamos com o real. A verdade, nós a recalamos”<sup>123</sup>. Mas podemos verdadeiramente esquecer a luminosidade desse raio, embora tenha iluminado apenas por alguns segundos? A paisagem está, portanto, bem modificada, é o que testemunham os passantes, mas também os passadores – em todo caso a maioria daqueles com quem pude realizar trocas nos cartéis ou grupos nos quais nos consagramos a essa “função”.

Que a evidência de testemunhar não se impõe ao passador mesmo além do momento de virada de passe, mesmo que separado de seu analista e ele mesmo, o passador, entrado na prática, mas o momento oportuno se imporá, não sem o real da contingência, é algo que nós poderíamos sustentar, ao um por um dos sujeitos. E um testemunho distante do momento de passe não abriria um outro ramo do nosso laboratório de pesquisas que é o passe, uma abertura sobre os efeitos da análise para além da separação do analista, uma abertura sobre aquilo que se torna o desejo do analista passado o tempo do entusiasmo onde ele se destacou? O tempo passando, não poderíamos também verificar a permanência de um certo número de efeitos da cura sobre a vida do sujeito? Essa conduta que o sujeito saberá se dar<sup>124</sup> após a cura, o que se tornará ela com o tempo? A provação do tempo não viria trazer uma validade suplementar às construções subjetivas do pós-passe, como aos destinos da fantasia atravessada? Muitas são as continuações que poderemos abordar nesse terceiro encontro da Escola no mês de dezembro em Paris.

Tradução de Fernando Silvério Alves  
Revisão de Dominique Fingermann

---

<sup>122</sup> Jacques Lacan. “Séance extraordinaire de l’École belge de psychanalyse”, le 14 octobre 1972. *Quarto*, 1981, n° 5, pp. 4-22 (et consultable sur Pas-tout Lacan).

<sup>123</sup> Jacques Lacan. “L’instance de la lettre dans l’inconscient”, *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966, p.521.

<sup>124</sup> Jacques Lacan. “L’étourdit”, *Autres écrits*, op.cit., p.487.

## Breves notas sobre a satisfação

Ramon Miralpeix Jubany

Parto da seguinte consideração: colocar a “variável” satisfação como índice do final de análise é um ato. Se isso é fato deve ser confirmado por seus efeitos nos sujeitos analisados, em seus tratamentos, na condução das análises, nos finais e nos próprios cartéis do passe. Esses efeitos nos sujeitos analisados, apesar de sua visibilidade, não são fáceis de verificar porque não são relativos à estrutura, e não só o verificamos em um *après-coup* imediato- em uma relação temporal de sincronia onde o tom da expressão “satisfação” poderia ser o entusiasmo relativo a um *clic*, - mas também em um *après-coup* instalado na diacronia e cuja expressão de satisfação estaria mais a cargo do estilo... e do amor. É certo que a satisfação tem efeitos nas direções do tratamento e em seus finais. Em todo caso esses efeitos os temos podido comprovar já no trabalho dos cartéis do passe. Veja-se especialmente os *Wunsch* 9 e 10.

Porém antes de prosseguir é melhor observar do que estamos falando quando dizemos “satisfação”. Não se trata da satisfação do princípio do prazer, nem da do princípio da realidade, nem da satisfação do desejo, nem da satisfação como equivalente a um gozo<sup>125</sup>. Agradeço a resposta de Colette Soler a essa questão em seu texto “Lacan, o inconsciente reinventado”: trata-se de um fenômeno do sujeito afetado pela palavra; “não é o gozo, mas responde ao gozo, como um afeto imprevisível que marca sua causa no saber gozado de *lalangue* que se aloja na palavra”<sup>126</sup>.

De todo modo, passando por todo o percurso acerca dos finais de análises propostos ao longo de nossa história, retomo aqui o que disse Albert Nguyen<sup>127</sup>: “a análise se converte em uma experiência de mutação do afeto até uma nova satisfação”.

Esta nova satisfação só pode ser relativa a um novo sintoma. Que o sintoma se defina desde sempre em psicanálise como satisfação- ainda que substitutiva- e também como mensagem, indica o nó que se afrouxa, se desfaz e se refaz várias vezes em uma análise, porém que vai rápido, do sintoma de transferência ao sintoma fundamental, o sintoma borromeano “que amarra para cada um, de maneira singular, o desejo e os gozos, o Imaginário, o Simbólico e o Real”<sup>128</sup>.

Que continue sendo mensagem é fundamental enquanto implica uma função de relação com os outros. Porém não se trata de mensagem-discurso colocada na dialética do par demanda-desejo relativa à solicitação de reconhecimento pelo Outro, na dialética da interssubjetividade, na dialética da palavra sempre enganosa. A satisfação faz aí a função de signo, e o que esse signo transmite como “testemunho epistêmico”, não é apenas o saber real que o causa - toda satisfação por um gozo, ainda que seja dolorida, pode ser lida como signo do saber real que a causa-, mas além disso, e especialmente um saber fazer com isso.

A pergunta é: como se transmite esse saber-fazer com esse saber real? Acredito que podemos encontrar um “modelo” de resposta na lição 4 de 21 de janeiro de 1975, do Seminário, livro 22, RSI, quando Lacan fala de um pai como modelo da função

<sup>125</sup> Antonio Quinet em seu artigo “A satisfação do final de análise”, em *Wunsch* 10, fez um bom percurso através das diversas satisfações que aparecem durante uma análise.

<sup>126</sup> Colette Soler. *Lacan, l'inconscient reinventé*. PUF, 2011, p.31

<sup>127</sup> Albert Nguyen. Argumento. MAG, julho 2011

<sup>128</sup> Colette Soler. op.cit.p.107

sintoma, nesse caso modelo não de como arranjar-se com o Outro sexo, mas sim como “alguém contingentemente e a sua maneira, conseguiu arranjar-se algo” (e podemos acrescentar, sem saber muito bem como). A transmissão aqui é para um sujeito em particular que pode recebê-la: o filho. Neste sentido, acredito que não seria descabido falar também aqui de placa sensível da função sintoma de pai para filho.

Em nosso caso a pergunta é a mesma, porém dobrada, se posso dizer assim: em primeiro lugar sobre a ou as vias de verificabilidade desta mutação no sintoma- que terá afetado o analisante prestes à analista tanto quanto terá afetado seu ser no mundo- e em segundo lugar, sobre a transmissão da função, função sintoma também, neste caso sintoma analista para seus analisantes- e na Escola, em relação aos seus congêneres (não me refiro só ao AE).

Em relação à primeira questão, relativa ao momento de mudança, se ao gozo responde uma “satisfação atual”- de agora e do ato- e se a satisfação é nova, deve ser porque o gozo ao qual ela responde é diferente do que era; então, no momento de testemunhar sobre o ato, sobre o sincrônico do “clac”, “... se há franqueamento, só pode ser traduzido no nível do estilo do dizer do passante...”<sup>129</sup>, quer dizer no que transporta o dizer sem sê-lo, como signo de mudança, de diferença. Por isso deverão sintonizar-se as placas sensíveis do passante, do passador e do cartel do passe, e por isso o caráter contingente da nomeação.

E quanto à transmissão, só será possível verificá-la, ou reconhecê-la *a posteriori*, por um desejo (pois pelo desejo responde o movimento que o gera, e ainda que seja inacessível... o desejo pode ser reconhecível, repito *a posteriori*, pelo rastro que terá deixado neste movimento e este rastro não será constituído só pelas balizas dos atos, mas sobretudo como eles foram feitos, quer dizer, o estilo), e pelo novo amor, que “é signo, escandido como tal, de que se muda de razão, e por isso o poeta se dirige a essa razão. Muda-se de razão, quer dizer de discurso”<sup>130</sup>.

E quanto ao estilo, talvez não vejamos como pode ser matematizável, porém isto não significa absolutamente que estando no enigmático estamos na magia. Permitam-me ilustrá-lo com o modelo dos músicos, mas concretamente dos intérpretes. Façam a prova, até porque além de fácil, certamente é “instrutiva” e “satisfatória”: tomemos as “Variações Goldberg” de JS Bach e as escutemos interpretadas, por exemplo, por Kenneth Gilbert, por Chen Pi-Hsien, ou por Jacques Loussier, e encontraremos três estilos bem diferentes, mesmo que as diferenças permaneçam veladas pelos diferentes instrumentos eleitos. Escutemos depois as “mesmas” Variações interpretadas por Glenn Gould, primeiro em sua gravação de 1955 e depois na de 1981. Encontramo-nos fundamentalmente com uma mutação no estilo: se pode dizer o mesmo, porém está claro, que não é o mesmo. E isso se transmite.

Tradução de Elisabeth da Rocha Miranda

<sup>129</sup> Colette Soler. “Estilos de pases” p.67, em Wunsch 10.

<sup>130</sup> Jacques Lacan. Aula 2. A Jackobson, de 19 de dezembro de 1972. Seminário 20. *Mais Ainda*.

## **II. A ESCOLA E AS CONDIÇÕES DO ATO**

**O PASSE, A ESCOLA**

## O passe: final de análise e dispositivo de Escola

Maria Helena Martinho

Em 21 de junho de 1964, Lacan funda a Escola Freudiana de Paris (EFP). Três anos depois, na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, Lacan ratifica os ensinamentos de Freud sobre o início de uma análise: “no começo da psicanálise está a transferência”<sup>131</sup> e indica o que está no final: “o que eu chamei de fim da partida, o término da psicanálise é, com efeito, a passagem do psicanalisante a psicanalista”<sup>132</sup>. Foi, justamente, a essa passagem de analisante a analista – correlata ao ato analítico – que se dá no final de uma análise, que Lacan chamou de passe. Mas como se dá essa passagem? “Quando havendo-se resolvido o desejo que sustentara em sua operação o psicanalisante, ele não mais tem vontade, no fim, de levantar sua opção, isto é, o resto que como determinante de sua divisão, o faz decair de sua fantasia e o destitui como sujeito”<sup>133</sup>.

A passagem de psicanalisante a psicanalista “tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui entre eles, porque essa divisão não é outra senão a do sujeito, da qual esse resto é a causa”<sup>134</sup>. É, justamente, nessa “reviravolta em que o sujeito vê soçobrar a segurança que extraía da fantasia em que se constitui, para cada um, sua janela para o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um *des-ser*”<sup>135</sup>.

Na porta de passagem, o analista, sujeito suposto saber, cai e perde a sua consistência como ser. “Nesse *des-ser* revela-se o inessencial do sujeito suposto saber, donde o futuro psicanalista entrega-se ao agalma da essência do desejo, disposto a pagar por ele em se reduzindo, ele e seu nome, ao significante qualquer”<sup>136</sup>.

Em 1967, Lacan propõe que esse momento de final de análise, de passagem de analisante a analista, poderia ser verificado através de um dispositivo de Escola, ao qual ele também nomeou de passe. Na sua “Proposição...”, Lacan enuncia um princípio: “o psicanalista só se autoriza por si mesmo. Esse princípio está inscrito nos textos originais da Escola e decide sua posição. Isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação. Ela pode fazê-lo, por sua própria iniciativa. E o analista pode querer essa garantia, o que, por conseguinte, só faz ir mais além: tornar-se responsável pelo progresso da Escola, tornar-se psicanalista da própria experiência”<sup>137</sup>.

A garantia da Escola se funda em um princípio que apenas constata que o analista iniciante não pede a autorização a ninguém para começar a atender seus pacientes, nem mesmo ao seu analista. Ele não precisa ser autorizado, ele se autoriza por si mesmo. A Escola de Lacan, ao contrário das Sociedades da IPA, não autoriza nenhum analista a exercer a psicanálise. Contudo, indica Lacan, ela deve poder garantir que tal analista tenha feito a sua formação.

---

<sup>131</sup> Jacques Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003, p.247.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p. 257.

<sup>133</sup> *Ibid.*, p. 257.

<sup>134</sup> *Ibid.*, p. 259.

<sup>135</sup> *Ibid.* p. 259.

<sup>136</sup> *Ibid.*, p. 259.

<sup>137</sup> *Ibid.*, p. 248.

Em 1973, em uma carta endereçada a três psicanalistas italianos – publicada sob o título “Nota italiana” – Lacan retomou seu aforismo “o psicanalista só se autoriza por si mesmo” – enunciado na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” – para ressaltar que “autorizar-se por si mesmo” não implica que qualquer um seja analista, pois “autorizar-se não é autorri(tuali)zar-se [...]. Não-todo ser falante pode autorizar-se a produzir um analista [...] Somente um analista, ou seja, não qualquer um, autoriza-se apenas de si mesmo”<sup>138</sup>. Nessa carta, Lacan chegou a propor a constituição de uma Escola de AE, cujo acesso fosse possibilitado pelo dispositivo do passe, mesmo que o risco fosse não constituir a Escola: “o grupo italiano, se quiser me dar ouvidos, se restringirá a nomear os que nele postularem sua entrada segundo o princípio do passe, correndo o risco de que não o haja”<sup>139</sup>. Esse projeto jamais foi realizado, mas deixou a indicação de que a autorização que o próprio analista se dá em praticar a psicanálise não dispensa a verificação que pode ser feita no dispositivo do passe.

Em *O Seminário, livro 21: os não-tolos erram* (1973-1974), contemporâneo a carta aos italianos, Lacan retomou seu aforismo de 1967, para indicar que essa fórmula precisava receber alguns complementos: “o psicanalista só se autoriza por si mesmo, não quer dizer, entretanto, que seja ele sozinho a decidi-lo [...], se seguramente não se pode ser nomeado psicanalista, isso não quer dizer que não importa quem possa entrar aí dentro como um rinoceronte na porcelana”<sup>140</sup>. “Essa autoautorização não é autista, pois se situa no laço social que a Escola constitui [...]. A autoautorização vai de par com a garantia pela Escola”<sup>141</sup>.

Dois anos depois, no “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11” (1976), Lacan se refere ao dispositivo do passe como uma “*historisterização* da análise”: “eu designei por passe essa verificação da *historisterização*, abstendo-me de impor esse passe a todos, porque não há no caso, mas esparsos disparatados. Deixei-o à disposição daqueles que se arriscam a testemunhar da melhor maneira possível sobre a verdade mentirosa”<sup>142</sup>. Aqui, Lacan retoma a sua proposta inicial de que o dispositivo do passe não deve ser imposto aos analistas de Escola. Cada analista deverá decidir se deseja “arriscar-se” a dar o testemunho de sua análise.

Nesse texto, Lacan inventa uma nova proposição: “o analista só se *historisteriza* [*hystorise*] por si mesmo”. Esta proposição aponta para o fato de que é o próprio analista que decide dar o depoimento de sua análise através do dispositivo do passe. Assim como, é ele mesmo, e não um outro qualquer, que conta a sua verdade, cuja a estrutura é sempre de ficção. “O analista só se *historisteriza* [*hystorise*] por si mesmo – fato patente –, mesmo quando se faz confirmar por uma hierarquia”<sup>143</sup>. A autorização que o próprio analista se dá pode ser confirmada pela garantia da Escola. Autorizar-se por si mesmo como analista não significa prescindir da Escola.

Nesse mesmo ano, em *O Seminário, livro 24: L’Insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre* (1976-1977), Lacan propõe que o final de análise seria a identificação com o *sinthoma*; um saber lidar (*savoir y faire*) com seu *sinthoma*: “a questão da identificação

<sup>138</sup> Jacques Lacan (1973). “Nota italiana”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003, p. 312.

<sup>139</sup> *Ibid.*, p. 307.

<sup>140</sup> Jacques Lacan (1973-1974). *O Seminário, livro 21: les non-dupes errent*, inédito, lição de 09/04/1974.

<sup>141</sup> Antonio Quinet. *A Estranheza da Psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009, p.114.

<sup>142</sup> Jacques Lacan (1976). “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003, p. 569.

<sup>143</sup> *Ibid.*, p. 568.

tem muito interesse, porque a partir de algumas afirmações resultaria que o fim de análise seria identificar-se ao analista. Eu, pessoalmente, não penso assim, porém é isso que Balint sustenta e isso é muito surpreendente. Ao que a gente se identifica no final da análise? Seria ou não identificar-se, tomando suas garantias de uma espécie de distância do seu sintoma? [...] Saber lidar com seu *sinthoma*, é isso o final de análise”<sup>144</sup>.

Vale lembrar que o sintoma, da entrada em análise definido por Lacan como metáfora, concebido como efeito de estrutura, responde à questão do inconsciente estruturado como uma linguagem. É uma mensagem cifrada, lida em termos de traços que se deixa traduzir, interpretar. Já o *sinthoma* com “*th*”, é o *sinthoma* do final de análise, sustentado na letra na escrita do nó borromeano, este surge com outra envoltura formal e faz mostraçã do real, ultrapassa os limites do significante e enuncia a *existência*, o *não cessa de não se escrever*, o real da estrutura. Enquanto o *sintoma* no campo da linguagem é uma metáfora que contém uma mensagem vinda do Outro, da outra cena, do inconsciente, o *sinthoma* no campo do gozo é definido por Lacan como *a letter a litter* – letra-resto-lixo –, aquilo que não diz nada para ninguém, não é uma mensagem cifrada a qual pode ser dissolvida graças à interpretação; o *sinthoma* do final de análise é uma cifra de gozo que escreve o irreduzível da estrutura. No final da análise, o sujeito dá por esgotadas as interpretações, identifica-se com o *sinthoma*, impossível de interpretar e, trata de aceitar a maneira de gozar de seu inconsciente, mantendo uma certa distância do gozo, “sabendo lidar” com ele.

Lacan procurou descrever *o que pode ocorrer no final de análise* – no início de seu ensino, enfatizou a travessia da fantasia; no final, a identificação com o *sinthoma* – mas, em nenhum momento indicou uma padronização da passagem de analisante a analista. O dispositivo do passe foi inventado não somente para autenticar o passe experimentado na análise, mas, especialmente, para colher novas descobertas no singular de cada caso e produzir um saber sobre essa passagem.

---

<sup>144</sup> Jacques Lacan (1976-1977). O *Seminário*, livro 24: *L’Insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre*, lição de 16/11/76.

# A tarefa essencial

Trinidad Sanchez-Biezma de Lander

Podemos concordar depois de lançar um olhar ao movimento psicanalítico depois de Freud, que a psicanálise parece de um lado rebelde à institucionalização, e por outro que chegar a ser analista é um percurso que necessita da contribuição de muitos. Sem instituição podemos afirmar que não há analistas e tampouco psicanálise.

Toda instituição de psicanálise já se perguntou sobre os procedimentos de seleção, sobre as modalidades do ensino que transmite sobre o que capacita alguém a ser analista. Aqui e ali se deplora o continuísmo que reina e se fazem convocações à criatividade e à invenção. Permanentemente nos surgem as perguntas: por que os espíritos curiosos, por que os jovens investigadores que querem aprender algo novo (como dizia Freud de si mesmo), não vêm a nós? *E que é ensinar a psicanálise hoje em dia? ¿Quando ensinamos o que é da psicanálise? É nos nossos cursos, nossas conferências, nossos seminários, nossas comunicações, nossas exposições, ou será em nossas supervisões, ou ainda nas análises que conduzimos?* (S. Askofare 2009).

Lacan diz que uma instituição não é analítica porque inclua entre seus membros didatas que fazem didática, mas sim porque nela tem lugar de fato análises didáticas e justamente a *tarefa essencial* da instituição é esclarecer, dizer como, de que forma se chegou ao fim dessas análises.

*Tarefa essencial* de que em seu seio tenham lugar de fato análises que resultam didáticas, única maneira de poder situar a psicanálise em relação com a ordem das ciências, mas também, para que as velhas estruturas hierárquicas possam ser substituídas por outras cujo funcionamento está centrado em torno do esclarecimento do que se produz no curso de uma análise, principalmente no que diz respeito à transição de analisante a analista.

É que fazer Escola tendo em jogo a transmissão é produzir um discurso de psicanálise em psicanálise. O que faz Escola não é o que a Escola produz no melhor estilo universitário, ou seja, não é aquilo que se repete porque está fascinada, não é esse material que a obtura porque a seduz e que como a moda, muda com a estação. O que faz Escola é a transmissão do que se faz na Escola, esse é seu destino.

Sabemos que para exercer a psicanálise é preciso ter passado pela experiência. A análise traça um caminho, um percurso necessário a transitar para que, aquele que entrou como analisante saia como analista (não - todos). Um percurso que se define pelo fato de que em seu momento nasce um desejo: o de retomar no nível do inconsciente de outro a experiência levada a cabo com o próprio inconsciente. *E assim o desejo do analista é esse lugar do qual se está fora sem pensá-lo, mas desde estar nele, é ter saído de verdade, ou seja, não ter tomado esta saída senão como entrada; no entanto não é qualquer uma porque é a via do psicanalisante.* (J.Lacan 1967).

Porque outra coisa se pode transmitir se não pelo testemunho de um desejo ancorado em uma experiência. O que o ato de transmissão põe em jogo não é um atropelo, mas antes um desejo, não é uma transgressão, mas esse conflito permanente entre a lei e a vida, sobre o qual já escrevia Kant, e que faz do homem um sujeito ético. O que se transmite é algo que não é palavra, é essa singularidade da palavra, ou seja aquilo que a funda e que por sua vez é indizível.

Enquanto que Freud mantém uma série interrogações sobre o caráter interminável da análise, e inclusive formula a necessidade de recomeçá-lo naqueles que se dedicam à prática psicanalítica, Lacan se decide a conceber a experiência como um itinerário que chega ao seu fim, um fim que não é arbitrário nem exterior à própria experiência, mas que brota como resultado dela, em uma conjuntura que essa dita experiência deve permitir localizar, e inclusive, transmitir. Um fim, além do mais, que não se resolve em uma totalidade que se realiza a si mesma.

A condição de sobrevivência da psicanálise e a garantia de que a Escola não se converta em um conservatório, é a capacidade de transmissão que comporta. Transmissão que cristaliza nas articulações do impossível de analisar, aí Lacan inventa o passe, dispositivo que mobiliza no sujeito em jogo o desejo justo, no ponto em que o amor não sustenta mais o impossível que insiste mais além. Mais além do muro do amor, só há o real. Trata-se de como arriscar-se da boa maneira para que haja analista, essa é a aposta.

Então, a formação dos analistas não requer uma organização onde desapareçam as diferenças entre as funções ou as responsabilidades a cargo de uns e de outros. Requer uma organização não direi *onde isso fale*, mas onde possa falar o sujeito que se considera advindo *aí onde isso estava*. Não existe, portanto formação psicanalítica possível, ali onde a instituição não cede a palavra a quem queira tomá-la para relatar seu nascimento a partir do que era sem sabê-lo. Por isso e não por outras razões Lacan inventa o passe. Dispositivo que permite não fixar o saber em uma doutrina, a fim de permitir que se desdobrem as invenções do inconsciente; de permitir testemunhar a cada um da *verdade mentirosa*, deixando aos cartéis a tarefa de *reconhecer as condições de possibilidade do ato analítico que o passante não pode enunciar em termos de verdade*. (C.Soler 2009).

Fazer escola não deve confundir-se então com proselitismo. Esse chamado ao outro não está dirigido a convencê-lo nem a filiá-lo a uma causa, mas a solicitar sua singularidade para arrancar ao real um resto de saber a mais.

Tradução de Maria Luisa Rodriguez Sant'Ana

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ASKOFARE, Sidi (2010). Enseñanza del psicoanálisis ¿Cuáles son sus fines y sus efectos. Wunsch 8.
- LACAN, Jacques (1967). Discurso a la EFP. Anuario de la Escuela.
- SOLER, Colette (2009). Las condiciones del acto ¿Cómo reconocerlas? Wunsch 8.

**OS PASSADORES**

# Um empréstimo

*Carmelo Sierra López*

Ao tentar falar de minha experiência como passador no dispositivo do passe, me encontro com a necessidade de ter de transcender o particular de cada caso e buscar, caso possível, algum denominador comum com o qual possa me referir como elemento de base da experiência tratada como um todo.

Estar como sujeito nesse momento de passe clínico, segundo está escrito, é o que permite ao analista propor seu analisante como passador de outro sujeito que está decidido a dar conta de sua experiência de mudança, da qual se produziu como efeito um desejo inédito que é o desejo de analisa.

Minha pergunta, desde o princípio, foi porque um sujeito em trânsito de seu passe clínico estaria mais capacitado para a transmissão desse testemunho que outro, possivelmente melhor dotado e mais armado de conhecimentos sobre a doutrina e o saber referencial.

No momento em que, como analisante me encontrava, o 'haver sido proposto como passador' foi, para mim, uma clara interpretação surpresa que me trasladou como sujeito a outro espaço diferente daquele do qual tinha consciência.

Ali onde me nomearam, um lugar do qual eu parecia querer me ocultar, me convocava a uma função alheia à programação que tinha de mim mesmo. Tudo transcorreu, com a primeira chamada, muito rápido. Se entre o instante de ver e o momento de concluir tudo se resolveu sem tempo de compreender, quem concluiu por mim? Foi um ato. Uma resposta em ato que tinha toda a lógica apreendida ao longo dos anos de análise ao decidir aceitar passar pela experiência. Isso funcionava apesar do escorrego que eu quisera estar, pensei, e me alegrei dessa constatação empírica. Tomei confiança na impressionalidade(?) de um conhecimento sensível que não se deixava intimidar pela dura barreira do telão fantasmático.

Pensei que, se desde os textos fundadores e depois, do tempo transcorrido de outras experiências, se insistia em pôr o acento nesse momento estrutural do tratamento do passador, era porque o testemunho não haveria de ser lido a partir da doutrina, mas, se trataria, definitivamente, de uma escuta do percurso, comportamento e avatares do sujeito passante, quer dizer, daquilo que de alguma maneira deixa sensível mais além do conhecimento. Algo que afeta se se está nesse ponto: pouco vestido de significações fantasmáticas e mais aberto ao emergente fora de sentido. Essa condição, permitiria essa sensibilização à percussão do real que não se deixa apreender no simbólico.

Em cada caso que escutei, um elemento que me apareceu e entrou como fundamental em minha consideração, que despertou e contribuiu, sem dúvida, ao afinamento e atenção na escuta, foi a vividez e convicção manifesta no passante. Vividez e convicção não no formal do relato, porém na decisão com a qual se apresentava e apostava pela experiência de testemunhar.

A historicização da experiência analítica, a lógica e pontos de articulação significante, os momentos de passe e melhora clínica, dali onde havia sido seu sintoma, e inclusive chegar a dar conta de certas experiências de abandono fantasmático, tudo isso foi sem dúvida muito mais do que conveniente, se sabe e está dito, mas o que me interessou e suscitou minha atenção, desde o princípio, era essa impressão que tinha de que algo mais passava, atravessando toda essa urdidura significante. Perguntei-me o que

era e como se poderia perceber o real que havia em jogo na experiência quando por definição não se sabe formalmente.

A primeira escuta dos relatos, demonstrou ser o mais interessante, porque vai se despregando o corpo vivido ou cadavérico do texto que deve falar. A voz do dizer que atravessa a composição formal, inclusive a harmonia que se deixa perceber, é a expressão do que não é apreensível no dito, mas sem ser alheio a ele, quer dizer, tem conexão com o significante mas não se esgota no sentido significado. É a expressão do não-todo, como poderia ser, ocorre-me, a beleza, para quem a percebe, como produto afetivo da obra de arte que a suscita. Algo vinculado a ela, mas deprendido da mesma.

Com a singularidade de cada testemunho, fiz um prognóstico para mim, que nem sempre coincidiu com a decisão que tomou o cartel, e isso não me pareceu estranho nem chamativo, mas me empuxou a repassar os recorridos do processo, a consistência e o sentido do relato e pude verificar que entre o escutado e o anotado, e o que desprende do cartel do passe, há vários desajustes, esquecimentos, erros, inclusive lapsos, que me pareceu que não era possível obviar a presença do trabalho do real em jogo. Eram emergências ou acenos de vazio, que formavam parte estrutural do relato e que chamavam a certa mobilização do percurso significante intimamente vinculado a ele. Fenômenos da falha singular que anima cada caso. Essa falta que lhe outorga a descompletude e que permite ver soas sempre fragmentadas, abre também o campo a uma verdade mutilada que o sujeito só pode reconhecer lendo-a no que se desprende de seus ditos.

Desde esse ponto que se escapa, em certa medida, ao matema significante, coloquei essa reflexão sobre minha experiência de passador, e se faço *hincapie* nestes elementos de difícil formalização é porque considero que o que passa e permite localizar nele o testemunho passador - e permite localizar no testemunho o inédito de desejo do analista - tem certa conexão com a expressão artística, em sua capacidade de conectar com o real.

Não por isso pretendo falar de experiência inefáveis. Insisto em que se não se dá um testemunho transmissível desde a lógica formal da doxa, a vividez que deve animá-lo corre o grave risco de desfazer-se em relatos cadavéricos, nos quais a verdade aparece com a marcada aparência de mentirosa.

Considero, também, ao fio do desenrolado, que ademais de ter essa posição subjetiva, de estar aí em seu percurso analítico, o passador deve estar movido pela curiosidade e certo desejo de “experiência”. Não todo sujeito em análise sente essa curiosidade em constatar e experimentar a consistência da teoria e a eficácia dos dispositivos da transmissão.

Parece-me que a possibilidade de portar isso, que do real se impregnou na sensibilidade do passador e que deve depositar nos membros do cartel, está, em grande medida, marcada por essa curiosidade que, ao final, civilizada, não é outra coisa senão o desejo de saber. Toda essa experiência resultou muito estimulante e teve claros efeitos benéficos em relação a minha análise, senão e sobretudo, em minha orientação ao trabalho com os colegas nos grupo e instituições.

A partir desta participação no dispositivo, se foi instalando progressivamente o que seria uma transferência de trabalho ao sentir-me preocupado por uma causa para a qual tenho trabalhado dois anos, sem atrever-me a assumir o risco de divisão que ela implica.

Esta convicção e perspectiva do trabalho analítico articula-me com meus pares e outorga-me um lugar que faz série com os outros.

Tradução de Alba Abreu e Andréa Brunetto

## O passador visto a partir do Cartel do passe

*Clotilde Pascual*

Sabemos que no dispositivo do Cartel do Passe, instituído por Lacan, a figura e o papel do passador são cruciais. A escolha do passador por seu analista (AME) é um ato do analista, que em sua intervenção sugere que o analisante nomeado passador, está ele mesmo em um momento de passe. É por estar neste momento de passe que pode escutar o testemunho de um passante, que por sua vez quer dar o testemunho de uma passagem para o desejo de analista em sua própria análise e que, portanto está nesse momento de passe, no momento de passagem de analisante a analista. Como disse Lacan no Item V do texto *Comptes Rendus*, “no ato psicanalítico assumimos o momento em que o psicanalisante passa a psicanalista”.

Então ser nomeado passador é um momento constituinte para o analisante assim nomeado, e destaca a intervenção de um analista (AME). É um momento de virada e de efeito de interpretação. É, como disse Trinidad Sanchez de Lander em seu texto no *Wunsch 10*, tratar de responder à pergunta: “Que tipo de sujeito pode surgir que possua a capacidade de escutar uma voz que sendo portadora de um saber, não é o seu, que sendo portadora de um desejo, não lhe é comum?”.

Na verdade, é o passador que escuta o testemunho do passante e o “passa” ao Cartel do Passe, que deve “recolher” este testemunho desde o filtro do passador e verificar se houve na historicização do passante, uma passagem ao desejo de analista e uma repercussão deste desejo tanto na sua prática clínica como na vida pessoal.

Agora vou tentar colocar algumas observações e experiências a partir do Cartel do Passe, mas especificamente a partir da posição de ter sido membro de um Cartel no período 2008-2010 e de haver escutado seis passes, algo que tratei também em um texto publicado no mesmo Boletim citado anteriormente, o Wunsch 10.

Primeiro é constatar que os passadores escutados refletiam o que efetivamente haviam sido capazes de escutar, um testemunho que não era seu, e que tratavam de fazê-lo passar como um texto, no qual se centravam naquilo que o passante havia apresentado como discurso próprio e como estilo de seu Passe. Estes dois pontos me parecem cruciais para atestar que não haviam escutado o passante na posição de analista, e sim de “testemunhas” de um testemunho, que tentavam transmitir o mais fielmente possível.

Na maioria dos testemunhos escutados produzia-se um apagamento subjetivo do passador para que o testemunho de Passe fosse o mais fiel possível. Mas em outras ocasiões, em sua minoria, ocorria que o passador queria dizer muito do material do testemunho para compensar o que se fazia impossível de colocar como efeito de “passe”, desse momento de passagem ao desejo de analista. Também que, nesse dizer muito, o passador havia realizado muitas horas de escuta do testemunho do passante e o cartel verificou que todo esse tempo empregado, constatava o “impasse” do testemunho e a dificuldade do passador para aceita-lo como tal “impasse”. A partir daí, nos pareceu a todos do cartel que o testemunho do passador sobre o passante não deveria ultrapassar - se possível - o tempo de uma hora, mesmo considerando que cada passe é particular e que em alguns casos é preciso alongar-se um pouco mais, ou escutar duas vezes o mesmo passante, como também aconteceu nesse cartel.

No extremo oposto se encontravam os passadores que faziam a exposição muito mais rápida, para proteger-se de deslizar em interpretações ou deixar-se levar por sua própria subjetividade. Também cumpriam esta função com as notas que tomavam e traziam ao Cartel, as quais na maioria das vezes e na medida em que se ia consolidando o testemunho, eram deixadas de lado ou utilizadas apenas para dados precisos.

O Cartel por sua vez assumia um papel ativo quanto a perguntar nas ocasiões que não eram claros, ou voltando a citar um determinado passador para retomar pontos que haviam ficado confusos na primeira exposição ou que pareciam muito diferentes do outro passador que testemunhava sobre o mesmo passante.

Nessa escuta de dois passadores se verificava a importância de escutar dois passadores para um mesmo testemunho, pelas nuances diferentes que surgiam e porque na escuta de um segundo passador sempre se podia concluir sobre algo escutado pela primeira vez do passador anterior, e discernir se os efeitos imaginários da escuta não impediram de situar melhor os momentos de passe do passante.

Disso tudo se deduz que para o Cartel do Passe é crucial o que o passador transmite, para que se verifique se poderá ou não, ser nomeado AE. O passador é essa “placa sensível” do passe, como disse Lacan, embora seja necessário que o Cartel do Passe, quer dizer, os membros do dito Cartel, estejam à altura do que se lhes pede, a saber, que possam escutar e chegar a uma conclusão sem que os efeitos imaginários ou de fixação a uma doxa teórica impeçam que se tenha em conta o que é importante, a passagem a um desejo de analista, com o que isto implica. Mas há claramente uma contingência, tratada já em muitos textos, as variáveis que todo discurso carrega, que impedem que haja um passe ideal e que nem sempre uma não nomeação de AE significa que não tenha havido esses momentos de passe, mas que, ou o passador ou o cartel não puderam, ou não souberam escutá-los, já que não há transmissão ideal.

É precisamente deste procedimento do passe, não ideal, que podemos pensar sua validade e sua função na Escola como “lembrete” desse ato analítico, que tende ao esquecimento ou ao horror do ato mesmo, em sua forma de defesa diante do que não se pode estabelecer a priori, seja em análise, onde uma interpretação tem efeito de “après coup”, seja no passe mesmo, no qual é com o tempo que se verifica esse passe e seus efeitos em todos os membros implicados e, é claro, especialmente no passante que tenha dado seu testemunho, independente de sua nomeação ou não.

Tradução de Gracia Azevedo

### **Bibliografia**

LACAN, Jacques. *Comptes rendus. Ornicar n° 29*. Item V. 1967.

WUNSCH N°10. Contribuição dos Cartéis do Passe, 2008-2010. Cartel n° 2.

Considerações sobre o passador e suas réplicas: Danièle Silvestre, Clotilde Pascual, Trinidad Sanchez-Biezma de Lander. pp.72-76.

# O que pode passar

Emilia Malkorra Arsuaga

Lacan não esperava que se posicionasse como analista, aquele que ocupasse a posição de passador, coisa que havia ocorrido em alguns casos, e nem esperava que o passante falasse ao passador como a um analista veterano. Recomendava inclusive que se recrutassem os passadores entre os recém chegados. Por um lado porque não se fala a um passador como se fala a um analista veterano. Por outro lado, Lacan não esperava que o passador tivesse um domínio da teoria, como tão pouco que o testemunho do passante fosse uma exposição de saber sexual.

Além do mais, a transmissão indireta- pela interpretação do passador- introduz certa correção ao efeito de alienação ao discurso do Outro: “em muitos casos vemos uma tendência dos passantes em falar a *doxa* do momento”... . Os passadores são em geral bastante refratários a este discurso porque são analisantes e não recebem os fragmentos de discurso pré-fabricado com a idéia de que seja algo autêntico...”<sup>145</sup> .

O saber está do lado do passante, e o saber que se espera que ele transmita ao dispositivo está em relação ao que o fez autorizar-se a ser analista. Leiamos a Lacan. Trata-se de saber

“porque alguém assume esse risco louco de converter-se no que é esse objeto, no que é esse objeto enquanto que no final das contas ele não representa outra coisa a não ser certo número de enigmas polarizados, os quais, para quem fala, são os que se presentificam nessas grandes funções que não deixam de estar por outra parte profundamente ligadas ao corpo, a saber: o seio que nutre, a separação, o desmame, o recusado, a merda, para chamá-la por seu nome, ou ainda essas coisas que, por ter um aspecto mais nobre, são estritamente do mesmo nível, quero dizer, o olhar e a voz”<sup>146</sup> .

Trata-se de agarrar algo do desejo do analista, na singularidade de cada passante. O passador põe em jogo sua destituição subjetiva ao serviço da transmissão. Espera-se que ele possa oferecer um lugar vazio no qual se pode alojar o testemunho do passante e transmiti-lo. O único modo para que o passador não seja um elemento contaminador é precisamente, não sendo.

Na “Proposição de 9 de outubro de 1967” de Lacan lemos que o passador é o passe. Como entender esse “ser o passe”?

Leiamos a citação: “Donde se poderia esperar, portanto, um testemunho correto sobre aquele que transpõe esse passe, senão de um outro que, como ele, o é ainda, esse passe, ou seja, em quem está presente nesse momento de *des-ser* em que seu psicanalista conserva a essência daquilo que lhe é passado como um luto, com isso sabendo, como qualquer um na função de didata, que também para eles isso passará”?<sup>147</sup>(Lacan 1967a p.260)

Lendo essa citação parece evidente que Lacan relaciona o *des-ser* com o passador, no entanto, dois meses mais tarde, no discurso à E.F.P. de 6 de dezembro de

---

<sup>145</sup> Colette Soler. “*Debates sobre o passe*”. Madrid. 10 de junho de 1991. Publicação do colégio de Psicanálise de Madrid.

<sup>146</sup> Jacques Lacan. *Séance de travail su la passe*” 3/11/1973. Congresso da EFP novembro de 1973. Publicação em *Lettres de L'EFPP*” número 15 junho de 1975. Tradução: Irene M. Agoff de Ramos para divulgação interna na Escola Freudiana de Buenos Aires.

<sup>147</sup> Jacques Lacan. “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

1967”, Lacan se surpreende de que o termo *des-ser* da citação anterior tenha sido entendido como atribuído ao passado. E aqui ele nos diz:

“(o des-ser com que ele é afetado) como término a ser atribuído a cada psicanálise, e que me espanta reencontrar deve assinar a cada psicanalista, termo que me surpreende encontrar em tantas bocas desde minha proposição, como que atribuído àquele que inflige o golpe, por estar no passe, conotando unicamente uma destituição subjetiva: o psicanalisante” (Lacan 1967b, p.278) e continua:

“Aquilo de que se trata é de fazer com que se entenda que não é ela (a destituição subjetiva) que faz *des-ser*, antes ser, singularmente e forte... (Lacan 1967b, p.278). Nada a ver com o *des-ser*, cuja questão é saber como pode o passe enfrentá-lo ao se ataviar com um ideal do qual o des-ser se descobriu, precisamente porque o analista já não suporta mais a transferência do saber nele suposto”<sup>148</sup>(Lacan 1967b,p.279).

Podemos então entender que o passador oferece ao dispositivo sua destituição subjetiva para **ser** o passe enquanto exerce sua função? A destituição subjetiva está do lado do passador e o *des-ser* do lado do passante?

Ocorre que aqui não é fácil distinguir quando Lacan se refere ao passante ou ao passador. Guy Clastres em referência ao texto de Lacan intitulado “nota sobre a eleição de passadores” de 1974 assinala que a própria estrutura do texto é uma estrutura moebiana, as vezes parece que Lacan fala do passador e as vezes do passante. Isto é para dar conta de algo; mesmo quando as funções estão bem esclarecidas, trata-se de fazer com que algo passe mais além do que cada um sabe. Algo pode passar.

A posição do passador que “*não sabe*” está longe de ser passiva. O saber inconsciente adquirido em sua análise deve permitir-lhe por em jogo seu desejo para que *algo passe*. Seguindo a Guy Clastres: “o passador deve poder fazer parir ao passante sua verdade em relação a esse ponto”<sup>149</sup> referindo-se ao desejo do analista ainda que , como disse Lacan: “*Ninguém poderia interrogar ao outro sobre isso estando ele mesmo captado por isso*”<sup>150</sup>.

Leio a interpretação que dá Guy Clastres a esta última frase: “Inclusive se um passador está capturado, a partir da experiência analítica por uma pergunta, a pergunta da verdade que interroga o saber, não é certo que possa interrogar validamente ao passante sobre o que o levou a decidir-se a tornar psicanalista”.<sup>151</sup>

Algo passa para todo aquele que participa do dispositivo, ainda que as vezes não passe o que se espera. Passa o que pode passar.

Tradução de Elisabeth da Rocha Miranda

### **Bibliografia acrescentada pela tradutora para orientar o leitor em português**

LACAN, Jacques (1967a). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola” In:

*Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

\_\_\_\_\_ (1967b). “Discurso na Escola Freudiana de Paris” In: *Outros Escritos*.

<sup>148</sup> Jacques Lacan. “ Discurso à E.F.P. de 6 de dezembro de 1967” In: In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

<sup>149</sup> Guy Clastres. Comentários ao texto de J. Lacan “ Notas sobre a eleição de passadores de 1974” In: *Debates sobre o passe*. Madrid, Sessão de 5 de abril de 1992. Publicado pelo colégio de Psicanálise de Madrid.

<sup>150</sup> Jacques Lacan. “ Nota sobre a eleição de passadores (1974), inédito.

<sup>151</sup> Guy Clastres, op.cit.

Rio de  
Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

## Posição do passador (continuação)

Martine Menès

Terminei minha curta e rapidíssima contribuição ao *Wunsch* 10 com um: “a continuar”. Encontro aqui a ocasião, e a ocasião de corrigir um erro de leitura da muito difícil “Nota sobre a escolha dos passadores” de 1974 onde Lacan parece definir o passante para falar do passador. Um está no passe, o outro é o passe, donde os deslizamentos, não impossíveis, de um ao outro.

Minha questão, a partir da minha única experiência de participação em um cartel do passe dizia respeito, e continua a me dizer respeito sempre na qualidade de A.M.E., à designação dos passadores. Lacan declara repetidamente, embora de modo diferente, que a escolha dos passadores é da responsabilidade do analista que os propõe. Não deveria ser possível que tal responsabilidade gerasse inibição e abstenção. Daí meu interesse em tentar identificar o que faz um passador. Como saber? A partir de dois meios:

1. A aprendizagem oriunda da prática dos passadores, seja dos que eu ouvi diretamente, seja dos que testemunharam por escrito sobre suas experiências.

2. O recurso aos textos de Lacan, que fornece um certo número de indicações, por vezes muito precisas.

Primeiro, ‘o passador é o passe’, escreve Lacan na Proposição de 9 de outubro de 1967. É uma primeira indicação. Ele é o passe, ele não faz o passe, aliás, ele não pediu nada, ele é designado pelo seu analista sem estar prevenido, após as últimas indicações de Lacan, que mudou de idéia a respeito disso.

Se não é fácil reconhecer o que é ‘ser o passe’, é relativamente fácil, nos testemunhos, reconhecer quando o passador não o é, porque ele ‘é’, em uma outra posição, imaginária, ou seja o que for:

- a identificação a um analista, interpretando a palavra do passante, relançando sobre outras associações. Um dos efeitos observados é a produção de sonhos transferenciais, poder-se-ia dizer, do passante no processo de testemunho, endereçado ao passador. Ou “não é absolutamente o que esperamos deles.” Diz Lacan no Congresso da Grande Motte em 1973. E acrescenta uma nova indicação: “O que esperamos deles é um testemunho, é uma transmissão, uma transmissão de uma experiência”, com esta precisão: “não necessariamente endereçada a uma pessoa experiente, a uma alguém mais velho.”

Portanto, nova recomendação: que o passador seja um ‘ingênuo’, o que está longe de querer dizer um tolo já que o ingênuo “retrata simplesmente a verdade, a natureza, sem artifício e sem esforço”, “expõe seu pensamento sem rodeios” e finalmente “não compreende aquilo que todo mundo compreende”. Estas são as definições do *Littré*. Não compreender o que todo mundo compreende poderia parecer a priori uma falta de clareza, mas não seria, ao contrário, a capacidade de se deixar iluminar de uma forma diferente? De se deixar imprimir pela luz de um outro, como uma placa sensível, expressão tomada emprestada de Lacan, que a utiliza em outro contexto, mas perfeitamente possível de se transpor para a posição do passador. Em primeiro lugar, no Seminário 2, O eu na teoria de Freud... para ilustrar a primeira concepção freudiana do aparelho psíquico. O cartel do passe seria revelador da imagem impressa sobre a placa sensível do passador. Em seguida na lição de 29/11/1967 do seminário não publicado,

O Ato Analítico” sobre a interpretação que faz aparecer aquilo que existe, mas que até então estava invisível.” Há então como se diz quando se trata de uma placa sensível, uma revelação.” Não será esta uma função do passador já que o passante é a foto, senão de seus dizeres?

- ou até mesmo a identificação ao passante. Isto pode ser o que provoque a proliferação da história clínica, uma ‘historização’ interminável onde o passador parece reconhecer os horrores de sua própria insatisfação, que certamente produz eco, cada um sendo afetado pela ‘falta’, real, de ter sido concebido pela linguagem e por seus furos, e isto independente da natureza mais ou menos traumática dos ascendentes e de sua própria história. A linguagem é sempre traumática.

O risco nesse caso em questão é que ao perseguir a pacificação dos sintomas e do mal-estar que os acompanham, onde o passador encontra esperança de seu próprio final de análise, ele perde o advir do desejo do analista, o essencial do que faz o analista, uma posição inédita quanto ao real que modifica em consequência a relação com os sintomas e o gozo. E isso confunde um final de análise, sobretudo terapêutico, e o passe.

- ou um lugar de mestre, onde o passador faz de relance um diagnóstico de estrutura e não relata quase nada do testemunho, tendo aparentemente decidido que a estrutura clínica marcada eliminava qualquer possibilidade de nomeação. Ou bem fornece uma construção teórica complexa atrás da qual é muito difícil determinar a posição exata do passante. Ora se Lacan não desejava como passadores analisando, particularmente conscientes da doutrina, é precisamente para evitar a tentação sistêmica. A ‘ingenuidade’, no entanto, não é suficiente para fazer obstáculo ao dogmatismo, ela é apenas uma condição necessária. É preciso mais que isso para que uma cortina de saber não venha a ocultar o horror de saber.

- ou de secretário enfim, lugar onde o passador se contenta em recolher o mais fielmente possível as intenções do passante e as restitui o mais próximo possível do enunciado. O procedimento não transmite nada demais, na melhor das hipóteses, senão uma história esclarecida, uma historização exaustiva, levada a seu termo, com os efeitos terapêuticos que se seguem, em geral. E o passador, que no fundo não se autoriza na sua função, não pode “reconhecer a distância entre o saber na dimensão da construção aleatória que, de uma análise, pode se deduzir, e a parte do real que escapa para, no entanto, se expressar”, como escreve Lacan na “Nota de 8 de maio de 1974”. E ainda menos a transmite ao cartel que pode então fazer, ou não, a hipótese desta relação com o real que “se exprime de outra forma”, por ter sido capaz ou não de supô-lo.

Eis o que não faz um “passador que é o passe”. É aliás para se aproximar de ser o passe que muitos passadores, num segundo tempo do coletar testemunhas, abandonam a tomada de notas até perder os preciosos papéis tornados inúteis, renunciam após tentação para “construir o caso” do passante, e se atêm ao que eles retêm do texto falado para restituí-lo em voz “off”, se assim posso dizer.

“Quem é escolhido?” pergunta Lacan em “um procedimento para o passe”, e ele responde: “Exatamente o que parece próprio a cada um dos ditos A .E. e na sua responsabilidade eventual. Esta propriedade é simples, e ao alcance da sua apreciação; deste que seja um psicanalista pelo qual se encarregue e do qual valorize ser no passe, de onde precisamente advém o desejo do psicanalista, esteja ou não em dificuldade.” Estar no passe é um momento de fim, mas Lacan vai precisar isso na “Nota de 8 de maio de 1974”, que ele endereça àqueles que são suscetíveis a designar passadores, de que estar na fase final não faz o passador: “Não é suficiente que um analista creia ter obtido o fim de uma análise para que o próprio analisando, chegando a esse ponto, para

ter elaborado isso, faça um passador.

Eu não estou certa de saber ler essa primeira frase que traz consigo uma dificuldade de leitura sobre a continuação da Nota, na relação ao saber que concerne ao passante e mais ainda ao passador. “... é que este saber , será preciso construí-lo com seu inconsciente, ou seja, o saber que ele encontrou, de sua própria invenção, e que não convém talvez apreensão de outros saberes.”

Eu pensei que a fórmula que concerne ao passante, poderia se aplicar ao passador, este que é preciso para recolher essa “diferença”, considerável entre, no fundo, um fim de análise, e uma passagem ao analista. A releitura com outras indicações de Lacan, parece-me mais evidente que o momento em que o passador é o entre-dois, entre a via analisante e o ato analítico. Tempo lógico particular, de passe precisamente, onde poderia reconhecer no outro o giro do horror de saber, enquanto ele próprio está no ponto de vislumbrar isso , diante do abrir e fechar da porta na frente da qual ele se situa

O passador deve então poder reconhecer no passante a possibilidade, não somente de construir um saber com seu inconsciente, um saber sobre o real impossível de suportar, mas uma posição particular quanto ao real que possa lhe servir para reconhecer como está esse ponto para os outros.

Lacan já tinha escrito a condição disso na “Nota aos Italianos” um mês antes, em abril de 1974: o analista deve ter cingido o seu próprio horror de saber, na sua versão única e própria, intransponível mas que leva a “se habituar” suficientemente ao real para reconhecer a maneira como o outro se arranja com isso: “ele deve ter identificado, descolado de tudo, a causa de seu próprio horror de saber. Nesse momento, ele sabe ser um rebotalho. É isto que a análise deve tê-lo feito sentir, ao menos”. Lacan acrescenta um efeito:” Se ele não é levado ao entusiasmo, ele pode bem ter tido análise, mas nenhuma chance de ser analista”; e mais precisamente, no “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11” em maio de 1976, ele sublinha que não há fim que represente passagem possível ao analista sem um efeito particular, que não é o entusiasmo, o que pode ser apenas exaltação, mas satisfação de fim que testemunha uma mudança subjetiva maior, forma de consentimento, em relação ao gozo. “Não há meio de “dar se ares disso“ se não for.”, diz ele no “Discurso na EFP”, e Colette Soler, no seu livro *Os afetos lacanianos*, dá a prova disso pelo afeto que um passador poderia reconhecer.

Volto à posição de passador que é o passe, porque o passe está conexas à do passante ‘satisfeito’. Com efeito, a posição do passador depende da maneira como ele vê a saída, depende portanto de sua concepção sobre o passe e sobre a idéia que se faz sobre o fim da análise. Um fim de análise terapêutica pode ser um fim, mas não obrigatoriamente faz um analista. Um fim de análise epistêmica pode produzir um excelente teórico, mas não obrigatoriamente um analista.

A função do passador, sua responsabilidade, é fazer passar a uma outra di-mensão, escreve Lacan na sua Nota de 74, a enunciação, o ‘que se diz’ do passante que se prenda a sua posição subjetiva quanto ao real, com a satisfação de fim que se produz. Em suma, o passador que (é o) passe recita o poema que é o passante, enquanto que ele mesmo, o passador, se torna o rebotalho da experiência, abandonando a cena e não sabendo mais nada sobre o fim de seu testemunho.



# Designar passadores que a ele tenham retornado?

Ricardo Rojas

“É o que lhes proporei, dentro em pouco, como o ofício a ser confiado, no tocante à demanda do tornar-se analista da Escola, a alguns a quem denominaremos passadores. (...) Eles terão, cada um deles, sido escolhidos por um analista da Escola, aquele que pode responder pelo fato de que estejam nesse passe ou que a ele tenham retornado, em suma, ainda estando ligados ao desenlace de sua experiência pessoal.”

Jacques Lacan<sup>152</sup>

Parece-me que Lacan nos propõe nestas considerações que tomei por epígrafe, três momentos lógicos para o final da saída: o instante em que a análise desemboca no tempo de estar no passo/passe,<sup>153</sup> conclui num instante com o passo-Ato, segundo momento, e o terceiro momento, o tempo do depois desse Ato, que pode concluir ou não, em um instante, com a separação do analista.

Do tempo do depois, está claro que para Lacan, a passagem ou passo Ato do passo/passe não conclui sempre com a precipitação para a saída que implicaria o desabonar-se do inconsciente, que por sua vez traria como conseqüência, o desligar-se do analista, onde pode se produzir o desenlace de uma análise: separar-se definitivamente do analista.

O que é que provocava o desenlace da experiência pessoal?

Isto se traduz do mesmo texto da Proposição quando Lacan diz que “A estrutura, assim abreviada, permite-lhes fazer uma idéia do que se passa ao termo da relação da transferência, ou seja, quando o desejo, sendo resolvido que sustentou em sua operação o psicanalisante”<sup>154</sup>. Então vemos que abreviar, resolver, é ali no contexto o que me parece ter sido muito bem chamado por Beatriz Maya: “a resolução da equação do desejo do analista”<sup>155</sup> o que coaduna, se seguirmos Lacan, a precipitação de uma série de conseqüências, entre as quais se encontra o término da relação de transferência que conduz ao desenlace do final.

Avançou hoje, um pouco mais na precisão da frase de um Cartel do passe: “o passo/passe não é o final”,<sup>156</sup> o passe/passe não é o desenlace, pois o desenlace é só um

<sup>152</sup> Jacques Lacan. La Proposición del 9 de Octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela, En Los textos fundadores, Directorio IF-EPFCL 2008-2010, p.278. (*Autres Écrits*, Seuil, Paris 2001, p. 255).

<sup>153</sup> Parece-me que na tradução para o espanhol da palavra *passe* devem ser conservados, quando possível, as três dimensões que ressoam na palavra *passe* em francês: 1. como passagem; 2. como tempo do final de uma análise com seus diversos momentos; e 3. como dispositivo. Neste caso de múltiplas ressonâncias, duas ou três, proponho que deveria ser traduzido por passo/passe.

<sup>154</sup> *Ibid.*, p. 276. (*Ibid.*, p. 252).

<sup>155</sup> Beatriz Maya. ¿Qué es el deseo del analista? Aparecido en la página web del VI Encuentro de la IF-EPFCL, Biblioteca del pase, Trabajo presentado en el Espacio Escuela del Foro de Medellín, Septiembre 2004, En [www.vencontro-fepfcl.com.br/textos/bibpasse/Que\\_es\\_el\\_deseo\\_del\\_analista\\_Beatriz\\_Maya.pdf](http://www.vencontro-fepfcl.com.br/textos/bibpasse/Que_es_el_deseo_del_analista_Beatriz_Maya.pdf)

<sup>156</sup> Remeto-os aos traços do debate tido com P. Barillot e do qual creio avançar um passo neste texto. Ver

momento do passo/passe. Mas isto também implica que o Cartel do passe não pode sancionar a existência de um AE, só pelo passo do passe, senão pela resolução da equação do desejo do analista, que seria o passo-Ato,<sup>157</sup> que entre outras consequências precipita para a saída, como a dos prisioneiros. É o que vimos nos testemunhos de dois passantes de nossa Escola, em quem como efeito de retroação do dispositivo do passe, logo de seu testemunho, e estando ainda em análise, se precipitam na pressa, ao desenlace de sua experiência pessoal “separação definitiva do analista” justo antes de ser nomeados (não esperaram que A garantia lhes dissesse o que fazer, foi um efeito retroativo que produziu a precipitação do desenlace). O Cartel do passe fez a aposta, a resolução da equação desejo do analista que julgaram como presente não poderia ter outro desenlace que a separação definitiva do analista. Vimos ali duas maneiras de saída com um elemento comum na forma de desligar-se de sua experiência pessoal, e muito interessante como efeito de retroação do passe.

(Por isso um secretariado do passe não pode se interpor a um pedido de passe porque alguém demanda o passe estando ainda em análise, deverá permitir a aposta sem interpor uma doxa prévia, tendo permitido essa experiência, hoje nos nutrimos dos ensinamentos destes passes)

A resolução da equação desejo do analista é uma escolha, a que poderíamos chamar “A escolha final”.<sup>158</sup> Como o disse Lacan imediatamente após da última frase citada: “ele não tem mais vontade, no fim, de suspender sua opção”<sup>159</sup>.

Que opção? Se o analisante resolveu a equação do desejo do analista, uma de suas consequências é que ele não faz uso da cláusula de renovação do contrato com o analista, ele não continua abonado ao inconsciente, o que o leva ao “termo da relação da transferência” o que o precipita para a saída.

Mas resta-lhe a outra possibilidade: retroceder antes do passo-Ato, retornar ao começo, continuar ficando ainda no passe, estar de retorno a este instante, e retornando a ter ali, por sua vez, duas opções: estar ou não ligado ao analista. Continua-se ligado ao analista, teria então a possibilidade de ser designado passador por seu analista, se está em análise com um AME, como seria o caso em nossa Escola.

E os que não estão ligados e não voltaram à análise? Deduzo que haveria algo neles de não resolvido com relação à transferência. Estariam então no luto sem possibilidade de continuar trabalhando em análise?

Parece que Lacan nos previne – com esta indicação de que os passadores devem estar ainda ligados ao analista – de possíveis riscos que obscureceriam a função do passador. É possível que em nossa Escola alguns passadores desligados de seu analista tenham cumprido essa função e provavelmente o tenham feito bem, esperamos testemunhos neste sentido, mas o que me parece, é que com esta indicação – junto à outra como a de não informar aos passadores – Lacan trata, na medida do possível, de

---

Rojas R., El pase en la enseñanza de Lacan no es sin final, en Lo que pasa en el pase N. 1, EPFCL-ALN, Medellín, Septiembre 2010, p.67-84.

<sup>157</sup> Alguns chamaram este momento de o passe clínico, que implica a passagem de analisante a analista, mas não ao analista sentando em sua poltrona, autorizando-se, mas à aparição do despojamento da função analista na equação desejo do analista, (remeto-lhes novamente ao artigo de Beatriz Maya).

<sup>158</sup> Ver: Rojas R., A escolha do final, Revista Stylus No. 12, Rio de Janeiro, abril 2006, p. 73-80.

<sup>159</sup> Traduzi a expressão de Lacan *lever l'option* por “exercer a opção”, que é uma terminologia econômica que implica usar o direito de opção reconhecido e pactado num contrato de opção de compra, venda, troca ou de qualquer tipo. O Contrato de opção é um contrato através do qual, o comprador adquire o direito, mas não a obrigação, por exemplo, nas inscrições em revistas, a opção é a de continuar inscrito, é um direito, mas não é possível levantar a opção desinscrevendo-se. In Lacan J., La Proposición..., *Ibid.*, p.276 (*Autres Écrits*, *Ibid.*, p. 252).

evitar riscos, pois não é o mesmo isto e o contrário.

Finalmente. Como alguém que está no instante em que tem à frente todos os elementos necessários para a resolução da equação da função do desejo do analista, escolhe retroceder? Parece-me que Lacan nos dá uma resposta na mesma Proposição, o que aí está em jogo e o “recusa suspeita: *“Verleugnung”*? como causa do retrocesso “horror ao saber”.

Como superar a suspeita *Verleugnung* que não afeta só os analisantes, se não que ela também poderia colocar um véu do lado da Escola, de seus Cartéis, de seus cartelizantes do passe? Embora se retroceda, continua-se pertencendo ao passe, pois se continua estando nele, é o que nos disse Lacan na Proposição. Mas: Ganhará algo a análise por si mesmo nos que retrocedem? A saída maniaco-depressiva do luto que termina por acabar-se<sup>160</sup> ou passar – “descrito por Balint como último grito da moda”.<sup>161</sup> Será suficiente? Será necessária uma contingência dentro ou fora da análise para superá-la? Que efeitos de rechaço produz essa *verleugnung* nas análises e na Escola?

Parece-me que a resposta de Lacan com o dispositivo do passe é investigar ao recolher todas essas *varités*<sup>162</sup> dos finais de análise, das quais ele esperava uma “acumulação de experiência” surgida dos testemunhos ante a oferta do passe e dos quais também, esperava conduzi-los às elaborações, a sua seriação, a uma notação de suas variedades ou “graus”,<sup>163</sup> por parte dos cartelizantes do Cartel do passe, os passadores, os passantes e todo aquele que se sinta concernido com o coração da Escola que é o passe.

Tradução de Delma Maria Fonseca Gonçalves

---

<sup>160</sup> Jacques Lacan. El Atolondradicho, in *Escansión 1*, Editorial Paidós, Buenos Aires, 1984, p.60. (L'etourdit, In *Autres Écrits*, Ibid., p. 487).

<sup>161</sup> Jacques Lacan. La Proposición..., Ibid., p. 277. (*Autres Écrits*, Ibid., p. 253).

<sup>162</sup> Neologismo lacaniano entre *variedade* e *verdade* (N.A.).

<sup>163</sup> Jacques Lacan. La proposición..., Ibid., p. 278. (*Autres Écrits*, Ibid., p. 255).

## A placa sensível: suporte de uma escrita

Rosa Roca

Sabe-se da câmara escura desde S.V a.C. e no século XVII se descobre o escurecimento de sais de prata (placa sensível), devido à luz, porém só no século XIX que Fox Talbot y Daguerre combinam ambos os conhecimentos para dar nascimento ao que Herschel chamou fotografia enfatizando o que a há de escrita na fotografia: ortografia da luz. A placa sensível é o suporte de uma escrita, a escrita das imagens projetadas pela luz no fundo da câmara. Na câmara escura capta-se uma imagem, mas isso não é suficiente para sua escrita. É preciso situar ali a placa sensível que responde com sua sensibilidade.

Assim, quando Lacan se refere ao passador como placa sensível, enfatiza a dimensão escritural do passador. Como a placa sensível, o passador, transporta o que se escreve do testemunho do passante em sua sensibilidade de placa. Isso, é o que há de passar ao cartel. Se algo do dizer do passante se pode escrever é graças ao lugar que ocupa o passador no dispositivo do passe.

Desde que há sociedades de psicanálise há processos de recrutamento de candidatos analistas que participam das leis da competência que permitem funcionar os grupos. Quando Lacan propõe o Passe como o dispositivo de garantia que a Escola oferece para poder testemunhar do final de análise que conduz a passagem de psicanalisante à psicanalista, não propõe um modo de recrutamento de Analistas da Escola qualquer. O Passe não é apenas um instrumento de garantia na nomeação de AE, mas como dispositivo também está pensado para fazer avançar a psicanálise na resolução de seus problemas cruciais. O Passe não tem similaridade com a análise, nos diz Lacan. Sua finalidade é isolar o que concerne ao discurso analítico e sua particularidade está em consonância com a particularidade deste discurso. Dele entendo que no lugar de produção do discurso não está nem o mais-de-gozar, nem o sujeito, nem o saber, mas um (S1), um significante isolado de toda significação e que por isso pode dar suporte a uma escrita.

O que faz o Passe diferente e lhe dá sua essência, é a introdução de um terceiro elemento entre o candidato e o que julga sua idoneidade para aquele ao que se postula. Esse terceiro elemento é o passador, que não só separa e une pela primeira vez o passante e o jurado, mas possibilita que dos ditos do passante um dizer se escreva na placa sensível que ele é. Da mesma forma que a luz pode escrever imagens mediante um dispositivo fotográfico, os ditos podem escrever um dizer mediante o dispositivo do Passe, porque o dizer que fica esquecido no que se diz encontra sua oportunidade neste dispositivo. Ao menos, creio, esta é a aposta de Lacan.

A função da placa sensível também a encontramos em Freud com relação ao terceiro que é necessário para a realização de um chiste. Em Lacan isso não passou despercebido, ele toma de Freud o apoio para fundar sua Proposição e nos diz: “Quem verá, pois, que minha proposição é formada a partir do modelo do chiste, do papel da ‘dritte person?’”<sup>164</sup>

Para Freud um chiste é uma criação em que uma idéia pré-consciente se expõe durante um momento aos procedimentos do inconsciente. O chiste deve ao inconsciente

---

<sup>164</sup> Jacques Lacan. *Autres écrits*. Discurso de la EFP, Ed. Seuil, Paris 2001, p.265..

não tanto seu conteúdo como sua forma, forma que tem as características do processo primário. Então o chiste não é uma formação do inconsciente como um lapso. O chiste ganha a mão do inconsciente, e ao contrário do inconsciente no chiste há cálculo e pensamento. O processo não consiste em que o inconsciente não pensado passe a ser pensamento (impossível) senão que um pensamento inadequado, segundo o discurso comum, mergulha no processo inconsciente e emerge renovado. O chiste sempre faz vacilar os semblantes. O chiste, como o discurso analítico dá volta, em ato, o discurso do Mestre. No chiste se faz entrar por uma estreita porta, sem gasto psíquico algum, o que o discurso rejeitou por outra: o gozo.

Para a realização de um chiste são necessários três sujeitos:

O que o faz, o que é tomado como objeto e o terceiro, aquele em que se cumpre o propósito do chiste: a satisfação.

Que a finalidade do chiste se cumpra no terceiro é um assunto puramente econômico, já que, o que faz o chiste realiza um gasto psíquico que o impede a satisfação e por isso não ri. Se precisa de outro que possa gozar de seu trabalho de elaboração sem realizar nenhum gasto. Para isso é preciso que entre os dois sujeitos exista uma “comunidade psíquica”, não só para que o terceiro ria mas para que também ria o trabalhador que se apoia no terceiro como caixa de ressonância. O que se põe em jogo no chiste é a destituição de um Outro transformado em objeto de riso. Porém a destituição por si só não bastaria para produzir um chiste, pois o chiste é um processo social que não encontra seu fim mais que na recepção que encontra no outro que atua ali de placa sensível

Conduzido este modelo para o Passe, diremos que o primeiro sujeito é o passante que testemunha o momento de destituição do SsS, o segundo sujeito é o SsS (o inconsciente mentiroso ou a verdade mentirosa) que se toma como objeto. A segunda pessoa sempre é um Outro que se destitui, e a terceira pessoa é o passador. Nos faltaria situar o cartel que tanto pode ser um desdobramento da terceira pessoa (o social) ou um retorno a instituição do SsS. Eu me inclinaria mais pelo último.

Para que o passador atue como placa sensível, como o terceiro do chiste, Lacan dá indicações de como deve ser escolhido: Deve ser escolhido entre os mais novos e não entre os mais renomados para evitar a arrogância e que se identifiquem com um lugar que não corresponde ao passador, o de SsS. E para alcançar o fim que se espera deles, para ser escolhido por seus analistas AME entre aqueles que estão em um momento de passe em sua análise, para que exista a “comunidade psíquica” necessária que o permita atuar de placa sensível e que essa sensibilidade seja adequada para receber a luz que permita escrever algo do dizer do passante que mais tarde será revelado no laboratório do cartel e emitido seu resultado para a comunidade de Escola.

Tradução de Consuelo Pereira de Almeida

## **BIBLIOGRAFIA**

FREUD S. Obras completas, El chiste y su relación con el inconsciente. Ed.

Biblioteca nueva

LACAN J. Autres écrits. Ed. Seuil, Paris 2001

LACAN J. Momentos cruciales de la experiencia analítica. Ed. Manantial.

Argentina 1987

LACAN J. La Escuela. Ed. Manantial, Argentina 1989

WUNSCH 8 (2010), 9 (2010) y 10 (2011). Boletín internacional de la Escuela de

Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano.

## Alguns efeitos e afetos relativos à função do passador

*Roser Casalprim*

Faz já 5 anos que tive a oportunidade de fazer parte do dispositivo do passe na função de passadora, em um momento que não muitas pessoas se animavam a passar pela experiência. Ainda assim, tive a oportunidade de escutar o testemunho de um passante. Vou tratar brevemente sobre alguns dos efeitos que se produziram em mim, já desde o primeiro momento em que soube que havia sido designada para esta função e, depois, ao longo do processo em que intervem o passador.

1. Minha analista me comunicou que eu havia sido designada para tal função. Um tempo depois, já passado o exercício da função, li um “compte rendu” da Comissão da Garantia do DEL-F4 de 2007 o qual informava que havia sido tratado amplamente sobre se o analista devia comunicar ou não o analisante que este teria sido designado passador, ou deixar que fosse o passante que o comunicasse depois do sorteio dos passadores. Neste informe se dizia que se deixava a questão sob a responsabilidade de cada analista e se lembrava que não havia nenhuma norma a respeito. Mais tarde, ou mais ou menos ao mesmo tempo, se produziu um breve debate pela rede a respeito deste tema, qualificando-se de “erro” a comunicação por parte do analista. Aqueles que sustentavam este ponto de vista, se apoiavam em uma intervenção de Lacan, que debatia com outros analistas, sobre o lugar que queria dar aos passadores no dispositivo do passe. O que Lacan destaca no texto “Intervenções sobre as exposições de introdução de J. Clavreul, S. Leclaire, J. Oury. Sessão de quinta-feira, 01 de novembro de 1973.”, é o seguinte: “O analista designa alguém como passador e não lhe pede sua opinião” (1) Na mesma época, 1973, Lacan também dirá: “(...) pedi expressamente que os passadores fossem escolhidos só entre os mais novos e que os eleja seu analista, independentemente de seu consentimento” (2). Sem haver trabalhado em profundidade naquele momento os textos de Lacan sobre o tema já pensei que não é o mesmo comunicar que pedir a opinião nem tampouco o consentimento. Este veio para mim por outro caminho. De qualquer forma, sem aprofundar mais o tema, em meu caso, a comunicação por parte do analista dessa designação teve vários efeitos: o primeiro- já muito comentado com outros colegas com os quais concordo – foi a surpresa, já que não o esperava – efeito que também se produziu quando me chamou o passante, ainda que o efeito de surpresa foi por outros motivos. Tal comunicação produziu um efeito de retroação sobre a cura (aspecto destacado também por outros passadores) e, o mais importante é que produziu para mim um efeito de interpretação – não digo que o fora. Me permitiu localizar mais claramente o ponto em que estava, ainda que em parte já o soubesse: um certo impasse no qual não acabava de franquear algo e, fundamentalmente, permitiu que eu me desse conta de que se abria a possibilidade de poder concluir, que era equivalente a não “dilatatar mais” ou a não permanecer indefinidamente no tempo de compreender. Sempre havia prolongado muito o tempo de compreender, sem poder concluir sobre pontos cruciais de minha vida e história.

Por outro lado, reavivou o interesse pelos temas relativos à psicanálise em intensão e, mais concretamente, pelo passe e Escola, interesse que estava um pouco adormecido naquele tempo.

2. O primeiro contato com o passante teve também efeitos: neste primeiro contato me pareceu escutar algo da pressa/urgência pelo encontro e isso me embaraçou. Logo me dei conta que, na realidade, tocava esse ponto íntimo da “dilatação”. Neste

momento comecei a me dar conta, também da importância do passador “se colocar à disposição” – não ao serviço – do passante para favorecer a experiência ou, se quiserem, para não colocar barreiras ao passante com o imaginário, o fantasma, etc.

3. Efeitos produzidos pela transmissão do testemunho ao Cartel do Passe: depois de seis meses da finalização do testemunho do passante (um tempo que me pareceu muito longo), recebi a comunicação de que havia chegado o momento de transmitir o testemunho ao cartel do passe. Lembro de uma indicação do cartel a qual agradei, de que para uma maior eficácia, procurasse construir o testemunho na medida do possível antes do encontro. Apesar de dispor de algumas notas, me perguntava a respeito de como se construía um testemunho. Não era o mesmo que a construção de um caso clínico, não podia tampouco recorrer a nenhum saber da teoria a respeito; se tratava, pois, de outra coisa. Antes de elaborar o testemunho por escrito para sua transmissão ao Cartel, apareceu a angústia, a mesma angústia que surgia cada vez que enfrentava o papel em branco antes de começar a escrita de qualquer texto meu. No entanto, não se tratava exatamente de elaborar um texto próprio – ainda que estivesse implicada nele -, mas da transmissão da escuta de um testemunho. Saí da angústia quando concluí que, talvez, se tratasse de centrar a transmissão nos pontos mais relevantes ou nos pontos mais sensíveis do testemunho do passante, aceitando que o que estava em jogo na transmissão também ou fundamentalmente era um não saber. Encontrei então um “fio condutor” – como um roteiro – para a transmissão da experiência, que me permitiu elaborar e “construir” alguns dos pontos mais importantes do dizer do passante e das perguntas formuladas a partir da escuta realizada. Prestei atenção em traduzir bem para a língua francesa alguns significantes chave – alguns intraduzíveis – transmitidos pelo passante. De qualquer maneira, durante a transmissão, logo me dei conta de que não se tratava de uma questão de línguas.

Para minha surpresa, quando me encontrei com o Cartel, me esqueci das notas, da palavra escrita e, também, através das perguntas e pedidos de precisão dos membros do cartel apareceu a fluidez, não foi necessário apegar-me às notas. Desde então e até agora, não voltou a angústia diante de uma folha em branco antes de começar um texto escrito. Sem dúvida, para mim, isto está relacionado com os efeitos – entre outros – daquele momento.

#### 4. Efeitos na cura.

Já mencionei anteriormente alguns destes efeitos durante o exercício da função de passadora (retroação sobre a cura, etc), mas quero destacar também alguns dos efeitos posteriores. Alguns, porque me dei conta a posteriori; alguns, porque foram se produzindo depois e outros porque ainda hoje me dou conta. De tudo isso, quero ressaltar o que chamarei um “efeito de precipitação” no sentido de “aceleração do processo”, do processo analítico neste caso, o qual, se bem começou desde a designação, também afetou e contribuiu, depois da participação no dispositivo, a um passo mais tanto em relação à separação do analista quanto à saída da posição de analisante e os consequentes efeitos de uma mudança de posição em relação à direção da cura dos analisantes, etc.

Para concluir: embora o passe seja uma experiência de verificação complexa, creio ser importante sustentá-la e me aprofundar nela ainda que fosse apenas pelos efeitos que produz a participação no dispositivo, o que, no meu caso, considero de grande valor.

**O CARTEL DO PASSE**

## A transmissão do Cartel do Passe

*Florencia Farías*

Celebrar um novo encontro de Escola é a oportunidade para que circulem os fragmentos de saber que emergem das sucessivas passagens pelos dispositivos de Escola – Passe e Cartel – que albergam transitoriamente os sujeitos.

É a oportunidade de uma avaliação da experiência realizada e uma formalização das dificuldades encontradas

Devemos considerar o passe, sobretudo, como uma experiência de transmissão e investigação, que produz efeitos sobre o grupo e sobre cada um dos analistas da Escola, e também sobre a comunidade psicanalítica. Requer certa discricção, mas ao mesmo tempo abertura, é necessário transmiti-lo à comunidade.

O jogo discursivo que o passe instala na Escola nos convence de que a psicanálise vive e produz efeitos. Penso as diferentes partes que o conformam como um nó borromeano, cada parte depende da outra. Há uma pluralidade da experiência.

Não devemos esquecer que o testemunho dos passantes não totaliza a possível transmissão do passe na Escola, a responsabilidade de transmissão recai também nos passadores e nos integrantes dos cartéis do passe.

Em relação a estes últimos acredito que é imprescindível que não haja passes mudos, é necessário que o cartel do passe diga de sua experiência até o limite do que pode dizer. Um efeito auspicioso em nossa Escola é que têm aumentado estes aportes e produções.

Particpei da experiência de fazer parte de um cartel do passe faz pouco tempo, da qual posso dizer que foi uma experiência muito satisfatória e também de uma grande responsabilidade. O trabalho do cartel do passe é muito diferente de qualquer outra tarefa de Escola pela qual eu tenha passado e posso dizer que produz efeitos tanto no laço com a Escola, a teoria e também na clínica com os analisantes.

O cartel é suporte de um lugar vazio, não é senhor, nem mestre. Mas, qual é a posição dos membros do cartel? Estão ali como analisantes ou como analistas?

Em seu trabalho se inscreve certo paradoxo: Os membros do cartel do passe se encarregam de investigar e, portanto por em questão a teoria mesma do fim de análise implicada em sua decisão e ao mesmo tempo também devem decidir sobre as consequências de uma análise.

Devem dar por um lado lugar à singularidade de cada sujeito, de cada passe e por outro lado existe a impossibilidade de pensar uma decisão sobre um passe sem que esteja em jogo a teoria do fim da análise, a qual implica uma generalidade oposta à singularidade.

Se bem podemos dizer que a posição que mais convém aos miembros do cartel é a de analisante, na perspectiva de oferecer sua escuta desupondo-se do lugar do sujeito suposto saber, ao mesmo tempo se aproxima da posição do analista no ponto em que deve subtrair-se de seu proprio fantasma e suas restrições.

Em primeiro lugar deve ignorar que é um analista, para deixar-se ensinar pelo passante... mas, no entanto, ao mesmo tempo deve decidir se nomeia ou não tal ou qual passante. Então devemos advertir que o que se nomeia é algo singular, de cada passe. Também permite por em suspenso os saberes instituídos e desta maneira mantém a pergunta: O que se nomeia?

Isto concerne também ao saber que se espera ou não do AE. Dessa maneira, o

AE será apenas uma função que funciona de modo singular e inesperado na Escola.

O testemunho do passante chega ao jurado sem voz, ou seja, advém uma forma de furo e então algo começa a passar, algo ressoa quando passa, se transforma em uma caixa de ressonância. O nodal é o que o passante pode ensinar à psicanálise, o que a psicanálise pode aprender de seus testemunhos. Pode aprender de "o vivo" da experiência do analisante.

O mais impactante para os membros do cartel é quando se obtém a transmissão pelos passantes “de um fragmento de real” a partir do qual parece jogar-se toda a existência. Apesar de tantos anos de história, de anos de análise há testemunhos que permitem realizar uma redução muito impressionante de todo o discurso do sujeito a alguns elementos mínimos e príncipes. O que é produto da redução operada em sua análise, mas também favorecida pela forma de transmissão indireta do passe que cada vez obriga mais a delimitar o relato, reduzindo-se ao final a um encontro breve entre o passador e o cartel.

O dispositivo é uma estrutura ficcional, necessária para que o Real da experiência analítica do passante se presentifique.

Se nomeia desde o Real que atinge o cartel, anunciando que mais além do saber constituído em discurso, a causa de desejo abre caminho como desejo do analista.

O passe aposta e orienta o real. A experiência do Passe põe em questionamento os tratamentos que conduzimos. Se há poucos pedidos de passe nos perguntamos se há finais de análise, nos interroga em que direção e até onde conduzimos as análises.

Que haja passante indica pelo menos, que houve análise. Obviamente o passe intervém sobre as análises e por tanto sobre cada um de nós, os analistas que conduzimos esses tratamentos.

O sujeito não só aprende como foi enredado pelo seu inconsciente, mas também que cada testemunho esclareceu o particular destino de seu ser sexuado, em um mundo donde o Real está ali.

Se efetivamente no final da análise e no Passe se toca um fragmento de real, sua nova inscrição sempre será um acontecimento imprevisto.

Tradução de Maria Luisa Rodriguez Sant’Ana

## **BIBLIOGRAFIA**

- LACAN, Jacques (1976). *Intervenciones y textos 2*, Prefacio a la edición inglesa del Seminario XI, Ed. Manantial.
- LACAN, J. “Proposición del 9 de Octubre de 1967 sobre el Psicoanalista de la Escuela”
- WUNSCH N°10 – *Boletín internacional de la Escuela de psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano*: Contribución de los Carteles del Pase, 2008-2010.

**OS A.M.E.**

## O A.M.E. des-instalado

Juan del Pozo

A garantia outorgada pela escola sob o título de A.M.E. só tem repercussão para o futuro da Escola e da própria psicanálise se tal nomeação se articula com o trabalho em intensão, isto é, com as atividades que tem a ver com a operatividade da causa para a própria psicanálise.

Em 1967, na *Proposição sobre o psicanalista da Escola*, Lacan faz referência expressa a situação na qual a psicanálise fica estagnada em sua produção e desorientada em sua prática, quando por efeito de uma inércia institucional o analista instalado esquece seu compromisso com a causa analítica e em lugar de uma produção epistêmica se entrega ao manejo institucional no sentido mais banal do termo. No entanto apesar do risco, mantém o reconhecimento de uma garantia para o analista que emergiu da formação da Escola, o A.M.E, aquele que por sua prática clínica ganha a confiança de seus colegas.

Esta representatividade no social e a nível da extensão, esta confiança nas curas que pode conduzir um analista membro da escola, não é entretanto suficiente para sustentar o futuro de uma Escola. Ao grupo italiano, por exemplo, Lacan pede algo mais na *Nota aos Italianos*.

A aposta de Lacan pelo passe é inequívoca, pois somente nessa experiência do passe é possível que o novo analista não esqueça o ato pelo qual essa opção, a de sustentar o desejo do analista, surgiu e foi consentida por ele sem nenhuma autorização ou protocolo em um momento de sua análise. O ato o “des-Outrisou” o suficiente e ele aceitou essa causa, ponto final. No entanto, o esquecimento o espera porque o ato tende a ser esquecido e por trás desse esquecimento, mais uma vez surge o risco de que o Outro institucional seja reinstalado como apoio da prática.

Como fazer para que na própria psicanálise repercuta o real em jogo na formação do analista e claro em sua autorização como tal? Esta é, creio eu, a função da Escola: favorecer o ato, a partir do qual o desejo de um novo analista possa surgir como opção, e não se perca entre os diversos nomes do Outro que virão para cobri-lo.

Creio que se pode seguir com Lacan uma linha de pensamento neste sentido. A psicanálise se tornaria uma religião, se não for possível produzir o *acteísmo*, se não for possível sustentar o ato como uma experiência singular de separação do Outro na análise.

Todo saber, toda descoberta de um novo saber será sempre por razões de estrutura, atribuída ao Outro, porém de um Outro a que se supõe sujeito desse saber. O Outro se refunde continuamente com cada nova produção de saber. Então, um saber sem Outro sujeito, um final da transferência que não retome as velhas vias que conduzem a Deus, ao Sujeito suposto saber, e que reequilibra a via da sede de sentido mediante uma nova satisfação que o torna ponto de detenção, seria a orientação que nós parecemos encontrar na obra de Lacan. Vemos o exemplo no seminário *De um Outro ao outro*, lição de 30 de abril de 1969: “O sujeito suposto saber é Deus, ponto só isso.(...) É Ele que rege essa decifração chamada saber. Um verdadeiro ateísmo, o único que mereceria esse nome, é o que resultaria do questionamento do sujeito suposto

saber”<sup>165</sup>.

Sem renegar o inconsciente freudiano por cujos desfiladeiros de sentido há que também transitar na cura, Lacan propõe uma orientação clínica onde a via da verdade, a via do sentido, possa deter-se. Assim, as elaborações de Lacan sobre um inconsciente incompreensível e incalculável, no qual o real de lángua impõe seu peso indecifrável, nos aproxima do que chamamos de inconsciente real. A urgência de uma nova satisfação, distinta da busca da verdade mentirosa, aponta para uma nova forma de conduzir as curas.

Poderíamos dizer com Descartes que por trás da ciência se encontra - ainda que não opere explicitamente no saber que produz - a hipótese religiosa do Deus não enganador. Um deus que seria continuamente reinserido pela ciência em suas descobertas como tema fiador de sua verdade ou se preferir de seu método. É nesta linha que Lacan empurra a psicanálise mais além da ciência, onde o saber inconsciente que se apresenta na cura não pode ser por conta de nenhum sujeito. Dizer que o inconsciente é um saber sem sujeito é quase da ordem de um impensável, e ao contrário do que acontece na música com os acordes instáveis, que fazem apelo para uma resolução através de um acorde mais harmonico, seria ao contrário para permitir que algo deixe traços dessa instabilidade que é efeito do real. Instabilidade que mantém uma tensão vital, cuja ressonância não responde senão a ética singular de cada sujeito em sua relação com a vida e em sua identificação ao sintoma, quer dizer, à isto que cada um tem de mais radical.

Sob este panorama de aposta pelo procedimento do passe na Escola para evitar uma detenção da elaboração sobre o fim de análise, parece delicado pensar a figura do A.M.E, posto que seu próprio título - “âme de l’Ecole”, “alma da Escola” - já é irônico, nos diz Lacan.

Irônico porque a ALMA tem todas as chances de se perder no caminho. Sua nomeação, sem data de expiração, torna-o suscetível de “ inserir-se na casta”, fazer semblant de suficiencia, esquecer que só a causa analítica pode sustentar sua posição. Posição que não assegura nem sua fama, nem os reconhecimentos que ele obtêm, nem as manobras institucionais de poder. Nós sabemos que a causa analítica cessa de operar quando o analista se coloca no lugar do ideal, do conforto, do domínio.

Lacan assinala em seu seminário *A Transferência* que para que essa operação da transferência seja possível é fundamental considerar a posição do analista, “Isto está ligado, precisamente, ao que visa meu discurso deste ano”, diz ele: “Trata-se daquilo que está no coração da resposta que o analista deve dar para dar conta do poder da transferência”. Podemos então entender que a transferência é um poder que pode se cumprir ou não, que pode estar corretamente orientada ou não, que visa ou não a análise. E Lacan segue dizendo: “Essa posição, eu a distingo dizendo que no próprio lugar que é o seu, o analista deve se ausentar de todo ideal do analista”<sup>166</sup>. No entanto, é evidente que a Escola espera alguma coisa de seus AME, alguma outra coisa no que concerne a extensão, outra coisa que fazer uma boa imagen no social. O textos estatutários da IF-EPFCL estipulam que os AME podem ser escolhidos como membro do CIG ( do mesmo modo que os AEs e os passadores). Eles tem então a oportunidade de estar no dispositivo onde a Escola é causada causando a psicanálise. Além disso, os AME tem a responsabilidade de nomear os passadores e eles participam ainda da abertura de um ato novo; seria então interessante poder escutar também seus

<sup>165</sup> Jacques Lacan. *O Seminario – Livro 16 – De um Outro ao outro*. Ed. Zahar. p.273. (30 abril 1969)

<sup>166</sup> Jacques Lacan. *O Seminario – Livro 8. A Transferencia*. Ed. Zahar. p.371. (28 junio 1961)

testemunhos e ampliar o campo das experiências que dizem respeito ao passe. Não devemos esquecer que eles também são responsáveis pela animação da opção epistêmica.

Geralmente convidamos os AME para participar de eventos epistêmicos da Escola. Assim como os AE e os passadores. É claro que não se trata para os AME de uma instalação confortável numa cadeira de uma suficiência silenciosa; se trata pelo contrário de examinar como poderíamos articular a opção epistêmica geral da Escola e como ampliar o campo de sua ação.

Tradução de Consuelo de Almeida

# O A.M.E. sintoma da “Proposição”

Xavier Campamà

Há mais de 40 anos da Proposição e a quase 10 do nascimento de nossa EPFCL, parece-me interessante propor uma análise sobre o título AME.

Lacan, com a fundação de sua Escola e a posterior Proposição, procura estabelecer um modelo que faça nova experiência, pois, para ele, tratava-se de preservar fundamentalmente que houvesse psicanalistas que estivessem à altura do ato que uma psicanálise requer. “Fica estabelecido pois que a Escola possa garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa. Pode e por isto deve” (J. Lacan, Proposição de 9/10/67). Com este propósito criava dois *gradus*: o AE e o AME, títulos que ainda sobrevivem.

Desde a instauração do passe, seu mecanismo não sofreu grandes modificações. A aposta aponta para o nodal da experiência analítica e procura verificar se, como resultado da mesma, o sujeito que escolhe fazer o passe advém à posição de analista. Lacan dá ao título de AE, ao qual concede maior reconhecimento, uma duração temporal muito limitada em comparação com a do AME, de caráter permanente. É um aparente paradoxo que aquele que se arrisca a *hystorizar* sua própria análise, após ser nomeado e contribuir com a Escola com uma transmissão a partir do que sua própria análise decantou e mesmo da experiência do passe, disponha de um título efêmero. No entanto, Lacan nos recorda na reta final de sua vida: “Pois mais vale que passe este AE, antes que vá direitinho encastrar-se na casta” (*Carta para a causa freudiana*). É toda uma declaração de princípios!

Ele, que conhecia bem os meandros da IPA como malogro da psicanálise e após um tempo de aplicação de sua Proposição na EFP, pode observar com grande sensibilidade o que se desenrolava no interior da mesma, tanto no sentido do que pretendia inovar, como dos constantes obstáculos que apareciam. E não deixou de ser autocrítico com sua própria pudência, como quando se dirigiu aos italianos a propósito dos AME (*Carta aos Italianos*), ou na espera até a dissolução de sua Escola mediante a qual realizava um corte radical para convocar a uma contraexperiência, lembrando que o objetivo com o qual havia fundado a EFP permanecia vigente. Em sua “Ata de fundação” já indicava “que mediante uma crítica assídua, denuncie seus desvios e seus compromissos que amortecem seu progresso ao degradar seu emprego”. Parece-me pertinente destacar a necessária “crítica assídua” a antecipar que sempre reaparece a deriva em afastar-se do genuinamente analítico.

Dispomos da referência do que cada qual, finalmente, encarna na vida, no interior das instituições analíticas, do transmissível de um saber analítico e das análises que conduz. Assim como do que acontece no tempo posterior a uma nomeação, seja a de AE ou de AME e que, retroativamente, vem dar conta sobre a conformidade desta. Polarizei dois estilos de analistas nomeados, com todo o risco que tem esta simplificação.

Em primeiro lugar se pode situar o AME, nomeado em algum momento AE ou que poderia tê-lo sido, isto é, não-sempre não-todo AME. Bem além de seu sintoma final, seu estilo deriva do desejo do analista, aquele que marca sua posição nos tratamentos que conduz e também a posição de enunciação a partir da qual fala em sua transmissão analítica. Essa singularidade palpável provém de que, em sua análise,

constatou a fabulação de um Outro configurada por sua determinada posição feita de significantes e gozo; então, essa queda do Outro e o encontro com o real abriram ao desejo próprio e ao limite de um sintoma, um sintoma com o que saber fazer na vida. O abotoamento dessa experiência analisante com a posição do analista traz o selo de sua posição frente ao real da experiência analítica, base de sua ética, o que de alguma maneira infiltra o saber que transmite com uma enunciação particular de seu discurso, testemunho concordante entre sua capacidade para o ato analítico e seu dizer, o que se traduz em efeitos de intensão e extensão.

Quando o AME não se sustenta da passagem de analisante a analista, apesar da autoautorização, se constatam singularidades que, entretanto, levam, de alguma forma, a marca de fazer o Outro existir, inclusive deslocadas para a causa das instituições analíticas. Tomo um exemplo do passado, lembremo-nos de alguns AME sustentando os imperativos do Um na AMP, que fosse através da figura do trabalhador decidido, de uma militância cega, a idealização de um saber, etc. Neste caso, os traços de singularidade não necessariamente supunham um impedimento a uma contribuição ao conjunto institucional, porém, o estilo conotava bem mais uma posição alienada e um gozo sustentando o Outro, do que aquela atravessada por ocupar a posição de objeto causa de desejo. E isto também tem seus efeitos não só nos tratamentos, mas também na transmissão analítica e o lugar dentro do institucional.

Por outra parte, me parece imprescindível abordar um contraponto, o do que pode representar o título de AME em relação ao de AE. O passe é esse invento de Lacan que impede aos que desejam ser ou se dizem analistas subtraírem-se ao fundamental de uma análise didática: por à prova se há ou não desejo do analista. Lacan o lembra, em diferentes ocasiões, como um desejo não habitual, estranho, esse de ocupar o lugar de dejetivo e o dessor. Por isso, e além da margem de erro do que pode ocorrer no dispositivo do passe desde seu nascimento, a escassa nomeação de AEs não seria um indício disto? Por outra parte, que nossa EPFCL situe o passe no seu próprio coração pode constituir a advertência permanente do que faz furo no institucional por mais que esteja orientado pela causa analítica.

O AME tem sua origem em alguém que se autorizou “por si mesmo” a exercer a psicanálise ainda que seja diante de outros, também é membro da Escola e ao qual, em um determinado momento, lhe chega, do Outro-Escola, a significação de que “o reconhece como psicanalista que provou ser tal” (2ª. versão da *Proposição*). O que entendemos ser um psicanalista que prova sê-lo para ser nomeado AME? Recordar algumas precisões sobre o que Lacan trouxe a respeito deste título pode nos permitir situá-lo.

Temos a orientação para sua escolha: o critério de seus trabalhos, o estilo de sua prática e também pela prova segundo a qual, se um analisante seu que realize o passe for nomeado AE, já provaria sua posição de analista (ver 1ª. versão da *Proposição*).

Também dispomos de uma especificação sobre o que o jurado de acolhimento valoriza para nomear um AME: a concordância de seu analista, a opinião de seus supervisores, os testemunhos concordantes sobre sua prática, sua participação nos trabalhos da Escola – cartéis, etc. – e também, opcionalmente, sua produção escrita. No entanto, há outras considerações de caráter político, já que Lacan valoriza como um mal menor o fato de atribuir a estes AME funções diretivas para ter uma distribuição prudente da responsabilidade da dimensão coletiva da Escola. Mesmo assim, não deixa de lado o critério que responde à necessidade da projeção da Escola para o exterior, no sentido de mostrar o tipo de orientação que dão os analistas à sua prática (*Princípios*

*concernentes ao acesso ao título de psicanalista da EFP, janeiro de 1969).*

Podemos acrescentar outras considerações. Um título permanente, que tem essa conotação de vitalício, pode favorecer, para alguns, a instalação, ficar demasiadamente agarrado à etiqueta de AME, algo que afasta da tensão necessária, requerida à posição do analista na renovação necessária do ato analítico, e cara à política da Escola. Daí esse toque de atenção que Juan del Pozo nos oferece em seu prelúdio “O AME desinstalado”.

Quando em nossa EPFCL se falou do fator quantitativo, geográfico... na nomeação de AME. Ou quando, nesse sentido da Escola voltada para fora em um mundo caracterizado pela regulação, os *curriculums*, a busca de resultados imediatos, a avaliação, estes fatores podem influir nas demandas aos analistas – compromisso, número de sessões, duração... – então, a nomeação de AME pode ver-se, em parte, influenciada por fatores como os mencionados, nesse de fora para dentro da Escola. Capta-se que na falta de uma garantia suficiente, a nomeação depende dos critérios adotados, cujas significações podem ser cambiantes. Porém, essa marca é de origem: Lacan em seu grafo do desejo situa o AME no lugar de s(A), significado do Outro, lugar do sintoma (1ª. versão da *Proposição*). Ninguém se autopropõe AME. Porém, cada vez que nossa Escola reconhece alguém como AME está dizendo o que para ela é um analista que prova sê-lo.

Por outra parte, e assinalando algo central, em nossa Escola se atribui ao AME a faculdade de nomear passadores, o que implica que possa conduzir uma análise praticamente até sua finalização. Isso toca os critérios de seleção.

Recordemos que o procedimento de seleção do AME segue um itinerário que vai desde a proposta de um candidato, efetuada por um ou vários AME, ao Dispositivo de Escola Local (DEL)<sup>167</sup> que, por sua vez, exerce o primeiro filtro antes de elevar essa candidatura ao CIG, até a conclusão alcançada pelo CIG. Este método de seleção não tem a estrutura do chiste que podemos encontrar no passe, razão pela qual dependerá de como se exerçam os critérios de seleção. Ainda que se busque a concordância de critérios entre o CIG e o DEL, são eles homogêneos ao largo do itinerário mencionado? Em nossos textos estatutários a respeito da garantia concernente ao AME, se faz menção aos critérios de seleção sem especificá-los, ainda que finalmente nos guiemos pelos que foram propostos por Lacan.. Contudo, para cada um deles pode haver um nível de interpretação variável.

Para exemplificá-lo com um dos critérios fundamentais, o de consultar o psicanalista de um candidato, pode considerar-se suficiente um importante percurso analítico e a vontade de ser analista, quando sabemos, inclusive, que uma análise finalizada não equivale a que haja analista? O que cingir então?

Creio que este percurso reafirma o lugar sintomático do AME. Também poderia induzir à abertura de um debate em direção a aprofundar os critérios de seleção do AME e fazê-los constar no capítulo da garantia, dentro dos “princípios diretivos para uma Escola...” Isto seria algo que ajudaria a orientar-se na dimensão internacional/local. Mas, fundamentalmente, se trataria de uma modificação de critérios no sentido de apostar em uma exigência maior na hora de dar a garantia. Pois, seguramente, não é sem consequências para nossa EPFCL, para seu dispositivo do passe, para a formação dos que se aproximam da mesma, a psicanálise dos que pretendem ser analistas assim como o tipo de transmissão que possa predominar.

---

<sup>167</sup> No Brasil, corresponde à CLEAG (N.T.)

Tradução de Graça Pamplona

**Comissão Científica**

Albert Nguyễn (Responsável pelo Encontro)

Dominique Fingermann  
Patricia Muñoz  
Ana Martinez  
Luis Izcovich  
Pascale Leray  
Gabriel Lombardi  
Diego Mautino  
Bernard Nominé  
Marc Strauss

**Comissão de Organização**

Nadine Naïtali (Responsável pela Organização)  
Cathy Barnier  
Dominique Champroux  
François de Dax  
Frédérique Decoin  
Didier Grais  
Mireille Scemama  
Irène Tu Ton

**Tradutores dos Prelúdios**

Alba Abreu  
Andréa Brunetto  
Beatriz Oliveira  
Bela Malvina Szajdenfisz  
Cícero Oliveira  
Conrado Ramos  
Consuelo Pereira de Almeida  
Delma Maria Fonseca Gonçalves  
Elisabeth da Rocha Miranda  
Fernando Silvério Alves  
Glaucia Nagem  
Graça Pamplona  
Gracia Azevedo  
Luís Guilherme Coelho  
Luis Guilherme Mola  
Maria Luisa Rodriguez Sant'Ana  
Paulo Rona  
Rosane Melo  
Tereza Oliveira  
Vera Pollo

*Revisão da Tradução (FR-PT)*

Dominique Fingermann

